



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – PRODEMA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE



FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS

APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS VERDES URBANOS: UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE EM PRAÇAS PÚBLICAS DE ARACAJU

São Cristovão-SE
2023

FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS

**APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS VERDES URBANOS: UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE EM PRAÇAS PÚBLICAS DE ARACAJU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a Defesa de Mestrado.

Orientadora: Dra. Zenith Nara Costa Delabrida

Coorientadora: Dra. Carla Fernanda Barbosa Teixeira

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

F866a Freitas, Francisco Heber Pedreira de.
Apropriação de espaços verdes urbanos: um estudo sobre a
relação pessoa-ambiente em praças públicas de Aracaju /
Francisco Heber Pedreira de Freitas; orientadora Zenith Nara Costa
Delabrida. – São Cristóvão, SE, 2023.
121 f.; il.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)
– Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Espaços públicos – Aracaju, SE. 2. Psicologia ambiental. 3.
Planejamento urbano. I. Delabrida, Zenith Nara Costa, orient. II. Título.

CDU 502.11(813.7)

FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS

**APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS VERDES URBANOS: UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE EM PRAÇAS PÚBLICAS DE ARACAJU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito para a Defesa de Mestrado.

Aprovado em 31 de maio de 2023.



Documento assinado digitalmente
ZENITH NARA COSTA DELABRIDA
Data: 31/07/2023 10:17:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Zenith Nara Costa Delabrida – Universidade Federal de Sergipe
Presidente – orientadora



Documento assinado digitalmente
GICELIA MENDES DA SILVA
Data: 31/07/2023 10:41:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gicélia Mendes Da Silva – Universidade Federal de Sergipe
Examinador Interno



Documento assinado digitalmente
Maira Longhinotti Felipe
Data: 31/07/2023 07:59:06-0300
CPF: ***.406.999-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Máira Longhinotti Felipe – Universidade Federal de Santa Catarina
Examinador Externo

Dra. Fernanda de Moraes Goulart
Examinador Externo - Suplente

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente concluído no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Documento assinado digitalmente
 ZENITH NARA COSTA DELABRIDA
Data: 08/08/2023 14:43:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Zenith Nara Costa Delabrida – Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente –PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe - UFS

É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente permissão para disponibilizar, reproduzir cópia desta Dissertação e emprestar tais cópias.



Documento assinado digitalmente

FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS

Data: 08/08/2023 13:46:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Francisco Heber Pedreira de Freitas
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe - UFS



Documento assinado digitalmente

ZENITH NARA COSTA DELABRIDA

Data: 08/08/2023 14:41:45-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Zenith Nara Costa Delabrida – Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Tudo tem suas maravilhas, até a escuridão e o
silêncio. E eu aprendo, seja qual for o estado
em que eu esteja, a me contentar.

(Helen Keller, 1902)

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaria de agradecer a meus pais por me darem tantas oportunidades na vida, me levando para conhecer um pouco do mundo e me dando apoio quando meus pontos fracos aparecem. Os incentivos e a paciência comigo me proporcionaram uma vida muito tranquila e prazerosa, me auxiliando a cultivar quem eu sou hoje.

Agradeço a meus amigos, tanto os mais próximos quanto os mais corriqueiros, que me deixaram em paz e me fizeram esquecer um pouco a correria que é a vida. Posso não expressar minha gratidão o suficiente, mas tenho muito a dever a todos.

Agradeço à minha orientadora Zenith por ter, mais do que tudo, paciência comigo. Através dela pude refinar meu conhecimento acadêmico em minha área de Urbanismo e expandir minha visão utilizando seus conhecimentos sobre a Psicologia Ambiental. Durante uma de suas aulas com a turma de Seminário Integrador ela comentou que o mundo não seria interessante se nós não acompanhássemos nossas vidas com um pouco de comédia e diversão. Ela pode não perceber, mas essa atitude me ajudou a me sentir mais confortável ao redor dela, suavizando a trajetória que eu escolhi seguir. A ela eu desejo toda a felicidade do mundo com sua família (a criatura em especial).

Para minha coorientadora Carla, eu não tenho palavras o suficiente para agradecer o apoio que ela deu em um momento tão importante. Eu tenho em minha mente que, caso ela não estivesse presente para me apoiar, eu provavelmente não teria conseguido avançar em meus trabalhos e teria falhado no meio do caminho. Agradeço por ter paciência comigo e ter me acompanhado nessa trajetória.

Já com as minhas colegas de mestrado, a camaradagem entre nós segue o mesmo princípio do que eu senti com Zenith. Graças a elas eu pude me sentir dentro de um grupo criando coisas similares, trabalhando para ajudar quem precisava de apoio, agindo sempre desejando que o outro tenha sucesso. À Igrayne, Joyce, Ruana e Eline, eu espero do fundo do coração o melhor dos resultados em suas trajetórias acadêmicas, suas carreiras profissionais e em suas vidas.

Agradeço também ao PRODEMA e a sua equipe de professores e técnicos cujo apoio foi de grande importância no processo de elaboração e na conclusão deste estudo.

Finalmente, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão de bolsa de estudos, fundamental para a realização desta pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho parte do pressuposto de que o espaço é alterado pelos indivíduos, que transforma o seu significado e as funções do ambiente em uma tentativa de suprir necessidades que esse espaço não provia anteriormente, sendo essas intervenções planejadas ou não. A partir disso, este estudo teve como objetivo compreender a ação de moradores e comerciantes sobre os espaços verdes urbanos (EVU), praças públicas, na Zona de Expansão da cidade de Aracaju(SE). Foram utilizadas as lentes da Psicologia Ambiental que investiga a inter-relações pessoa-ambiente para observar o fenômeno da apropriação do espaço realizada pela população local, apoiada pela perspectiva do Urbanismo Tático que é uma prática do urbanismo focada na intervenção em microescala das cidades. A pesquisa está caracterizada como pesquisa exploratória, realizada por meio de observação do ambiente físico e levantamento de dados com a população alvo. Para isso, foram feitas observações assistemáticas, aplicação de matrizes de avaliação, mapas comportamentais e entrevistas semi-estruturadas. Como resultados, o estudo destacou que a relevância das praças analisadas está diretamente relacionada às interações sociais e às demandas do público, tanto no que diz respeito aos usos quanto às funções que desempenham e que as relações socioeconômicas e socioambientais são afetadas pelas mudanças advindas da apropriação do indivíduo ou grupo pelo o espaço público. Ao estudar os EVU através das lentes da Psicologia Ambiental e Urbanismo Tático, este estudo buscou contribuir com o desenvolvimento de novas pesquisas baseadas na relação estabelecida entre pessoa-ambiente e ampliar a visibilidade sobre a agência coletiva em espaços públicos.

Palavras-Chave: Espaços Verdes Urbanos, Psicologia Ambiental, Apropriação do Espaço, Urbanismo Tático.

ABSTRACT

The present work is based on the assumption that space is altered by individuals, who transform its meaning and the functions of the environment in an attempt to meet needs that this space did not previously provide, whether these interventions were planned or not. From this, this study aimed to understand the action of residents and traders on urban green spaces (EVU), public squares, in the Expansion Zone of the city of Aracaju (SE). The lens of Environmental Psychology that investigates the interrelationship between people and environment was used to observe the phenomenon of appropriation of space carried out by the local population, supported by the perspective of Tactical Urbanism, which is an urbanism practice focused on the microscale intervention of cities. The research is characterized as exploratory research, carried out through observation of the physical environment and data collection with the target population. For this, unsystematic observations were made, application of evaluation matrices, behavioral maps and semi-structured interviews. As a result, the study highlighted that the relevance of the analyzed squares is directly related to the social interactions and demands of the public, both with regard to the uses and the functions they perform and that the socioeconomic and socioenvironmental relations are affected by the changes arising from the appropriation. of the individual or group over the public space. By studying EVU through the lens of Environmental Psychology and Tactical Urbanism, this study sought to contribute to the development of new research based on the established relationship between person-environment and to increase the visibility of collective agency in public spaces.

Keywords: Urban Green Spaces; Environmental Psychology; Appropriation of space; Tactical Urbanism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma de classificação de áreas verdes.....	20
Figura 2 - Definições de espaços verdes.....	22
Figura 3 - Modelo duplo de apropriação.....	31
Figura 4 - Capa de um dos livros/guias do urbanismo tático.....	33
Figura 5 - Pavimento para praça em São Francisco.....	36
Figura 6 - Piquenique e tarde de recreação com as crianças do conjunto.....	42
Figura 7 - Intervenção contando com a participação de moradores e equipe de voluntários.....	43
Figura 8 - Antes e depois da intervenção.....	43
Figura 9 - Localização da área de estudo em Aracaju/SE.....	47
Figura 10 - Imagem aérea das três praças.....	48
Figura 11 – Ocupação do espaço pelo comercial.....	57
Figura 12 - Extensão de um comércio para consumo de alimentos.....	58
Figura 13 – Cobertura vegetal pelo perímetro da praça.....	59
Figura 14 – Mapa Comportamental da praça Avelino Nunes Vasconcelos.....	60
Figura 15 - Imagens durante dias movimentados.....	61
Figura 16 - Estacionamento internos na praça Orlando Andrade.....	65
Figura 17 - Feira na Rua do Canal adjacente à praça.....	66
Figura 18 - Lixo em dia seguinte da feira.....	67
Figura 19 - Mapa Comportamental da praça Orlando Andrade de Gois.....	68
Figura 20 - Hamburgueria da praça Orlando Andrade / árvore com lâmpadas instaladas.....	69
Figura 21 - Elementos da praça.....	72
Figura 22 - Espaço da Pracinha do Parque.....	73
Figura 23 - Mapa Comportamental da Pracinha do Parque.....	75
Figura 24 - Canal poluído localizado entre as praças.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados demográficos e de uso – moradores.....	49
Tabela 2 - Dados demográficos e de uso – comerciantes.....	49
Tabela 3 - Esquema metodológico da pesquisa.....	50
Tabela 4 - Esquema de dias e horários de visita.....	53
Tabela 5 - Modelo Duplo de Pol (2002) na praça Avelino Nunes Vasconcelos.....	63
Tabela 6 - Modelo Duplo de Pol (2002) na praça Orlando Andrade de Gois.....	71
Tabela 7 - Modelo Duplo de Pol (2002) na Pracinha do Parque.....	76
Tabela 8 - Apropriação Dupla a partir da análise das entrevistas.....	81

LISTA DE SIGLAS

ADEMA	Administração Estadual do Meio Ambiente
EMSURB	Empresa Municipal de Serviços Urbanos
EMURB	Empresa Municipal de Obras e Urbanização
PMA	Prefeitura Municipal de Aracaju
SEMA	Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Aracaju

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1 DEFINIÇÃO DE ESPAÇOS VERDES URBANOS.....	18
2.2 A INTERRELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE E A APROPRIAÇÃO PARA A PSICOLOGIA AMBIENTAL.....	23
2.2.1 Uma Questão de Território e Apropriação.....	26
2.2.2 A Apropriação do Espaço do Modelo Duplo de Enric Pol.....	28
2.3 MICROURBANISMO COLABORATIVO E URBANISMO TÁTICO...31	
2.4 ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE OS TÓPICOS REFERENCIAIS.....	36
3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	45
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	56
4.1.1 Praça Avelino Nunes Vasconcelos.....	56
4.1.2 Praça Orlando Andrade de Gois.....	64
4.1.3 Pracinha do Parque.....	72
4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	77
4.2.1 Discussão sobre o Espaço Físico dos EVU.....	77
4.2.2 Análise das Apropriações.....	80
5 CONCLUSÕES.....	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
 REFERÊNCIAS.....	 92
 ANEXO I - Aruana Praças: Plano Geral.....	 99
ANEXO II - Parecer Consubstanciado do CEP.....	100
 APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE).....	 109
APÊNDICE II - Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças.....	113
APÊNDICE III - Roteiro de Entrevista para Moradores.....	119
APÊNDICE IV - Roteiro de Entrevista para Comerciantes.....	120
APÊNDICE V - Resumo das Entrevistas – Moradores.....	121
APÊNDICE VI - Resumo das Entrevistas – Comerciantes.....	123

1 INTRODUÇÃO

O ambiente desempenha um papel fundamental para os seres humanos e demais animais. Atende a funções básicas como alimento e moradia, bem como funções mais complexas como a cultura e costumes sociais e também influencia em características de personalidade. Com suas características físicas que são dinâmicas, pode ser considerado como palco para as ações individuais e comunitárias. Entende-se aqui por ambiente, no seu nível físico, tanto o ambiente construído como natural.

As praças arborizadas são ambientes preciosos para a vida urbana, sendo elementos fundamentais na malha urbana. Com o passar dos anos, esses espaços permitem uma relação próxima com aqueles que os utilizam, tornando-se locais de grande importância para a comunidade (BRENNER, 2016). Essas praças fazem parte de um grupo de espaços conhecidos como Espaços Verdes Urbanos (EVU), que têm papel importante na regulação da "selva de concreto" (MACEDO, 1995). Elas contribuem para a amenização da poluição sonora e do ar, bem como criam ambientes propícios para a contemplação e o descanso físico e mental. Estudos como os de Taylor e Hochuli (2017) e Silva, Lima e Saito (2020) têm demonstrado a importância desses espaços na promoção da qualidade de vida dos moradores das cidades.

A ação humana nos espaços verdes deve ser balanceada para alcançar uma relação positiva com o ambiente local, onde as necessidades da população local são atendidas e não comprometem o desenvolvimento futuro (JEZIORNY, 2012), sendo possível ao entender a interrelação entre os elementos sociais, ambientais e econômicos, como propõe o conceito do Desenvolvimento Sustentável (SILVA, 2005).

A relação com o espaço se destaca como tema de importância também para a psicologia ambiental, área focada no entendimento da inter-relação entre a pessoa e o ambiente, onde os seres humanos são capazes de modificar o espaço e, por sua vez, são influenciados pelo mesmo, num processo contínuo de mútua influência. Essa interação entre pessoa e ambiente é complexa e pode ter efeitos significativos na saúde mental e bem-estar das pessoas (GRESSLER e GUNTHER, 2013).

O fenômeno em que a população modifica o espaço para atender às suas necessidades é conhecido como apropriação do espaço (KOROSEC, 1976 apud POL, 2002). Esse processo pode ser observado no modelo duplo proposto por Enric Pol (2002), ação transformação e identidade simbólica, que propõe a ação transformadora do indivíduo ou grupo no espaço, marcando o território e gerando, em troca, uma identificação simbólica entre o espaço e aqueles

que o transformaram, por meio de suas novas características. A apropriação do espaço é um importante fenômeno para se compreender as relações entre pessoas e o ambiente, pois revela como as pessoas constroem significados simbólicos a partir da modificação do espaço (POL, 2002).

Para a presente pesquisa, as ações humanas são um ponto chave no estudo de praças públicas, possibilitando um enriquecimento nas discussões sobre os espaços que compõem as cidades. Modificações populares que, *a priori*, parecem ser insignificantes, podem trazer uma nova visão ou significado ao ambiente, fenômeno esse observado e praticado pelo Urbanismo Colaborativo, mais especificamente o Urbanismo Tático (LYDON, 2012, 2022), linha recente de pesquisa e de trabalho do urbanismo - metodologia de pensamento e de ação voltada à intervenção pela população que tem ganhado espaço no diálogo sobre cidade e cidadão, podendo contribuir para cidades mais sustentáveis, e que traz contribuições à discussão aqui realizada.

Portanto, o objetivo da dissertação foi analisar a apropriação do espaço investigando o uso de praças públicas, bem como as características físicas das mesmas, tendo como referencial a Psicologia Ambiental – estudo da interrelação entre pessoa-ambiente, da influência que o indivíduo/grupo possui no espaço e vice-versa (GÜNTHER, ROZESTRATEN, 2005), especialmente as contribuições do conceito da apropriação do espaço de Enric Pol (2002) investigando as ações transformadoras e identidade simbólica, associada à proposta Urbanismo Colaborativo, mais especificamente o Urbanismo Tático – conjunto de práticas do urbanismo onde a prioridade é a interação do cidadão local com o ambiente em que vive e utiliza, estimulando a agência individual sobre o espaço (BRENNER, 2016). Com a união destas duas áreas do conhecimento, permitiu-se a reflexão focada no ambiente e nos contextos em que o indivíduo ou coletividades são centrais em relação ao fenômeno ambiental e urbanístico observado, tendo como perspectiva o equilíbrio entre o crescimento econômico, a preservação ambiental e o bem-estar social (WCED, 1987).

Desse modo, como problema de pesquisa, questionou-se como o fenômeno da apropriação do espaço, ao ser realizado pela população local (moradores e comerciantes), afeta Espaços Verdes Urbanos (EVU) - praças públicas - em relação aos elementos ambientais, sociais e econômicos?

O objetivo a ser alcançado com esta pesquisa foi: compreender como o fenômeno da apropriação do espaço realizada pela população local (moradores e comerciantes) afeta Espaços

Verdes Urbanos (EVU) - praças públicas – em relação aos elementos ambientais, sociais e econômicos das mesmas.

Como objetivos específicos a pesquisa pretendeu:

1. Analisar a qualidade dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados em relação a sua infraestrutura original e às modificações criadas em seu ambiente;
2. Investigar o fluxo e os comportamentos das pessoas que utilizam desses espaços durante o cotidiano dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados;
3. Analisar a criação e manutenção do fenômeno da apropriação do espaço nos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados;
4. Analisar os efeitos ambientais, sociais e econômicos que as apropriações criadas pela população causam nos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados.

A articulação temática elaborada nesta pesquisa pretendeu proporcionar uma nova perspectiva na compreensão de potencialidades de desenvolvimento e problemas verificados na manutenção de EVU. Ao estudar os EVU através das lentes específicas do urbanismo e da psicologia ambiental, esta pesquisa pode contribuir com o desenvolvimento de novas investigações baseadas na relação estabelecida entre pessoa-ambiente. Pode ampliar a visibilidade sobre a agência coletiva em espaços públicos. Pode também contribuir com o desenho e execução de políticas públicas mais consistentes e aderentes a realidades locais específicas. Pode ainda proporcionar, através da divulgação dos seus resultados junto à coletividade envolvida, um processo de autorreflexão da mesma sobre sua forma de relação com os EVU envolvidos.

Esta dissertação está dividida em 5 seções. A introdução se apresenta como a seção 1, seguida pela seção 2, onde é apresentado o referencial teórico sobre espaços verdes urbanos (EVU), psicologia ambiental e apropriação do espaço, microurbanismo colaborativo e urbanismo tático e referências empíricas relevantes para a pesquisa. Na seção 3 é apresentado o percurso metodológico trilhado durante a realização da pesquisa. Na seção 4 são apresentados os resultados baseados nos dados coletados e na sequência os mesmos são analisados e discutidos. Por fim, na seção 5, são apresentadas as conclusões e considerações finais do trabalho, as suas contribuições, limitações, recomendações e perspectivas para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, são apresentados os conceitos referenciais deste estudo - os conceitos de EVU; psicologia ambiental e apropriação do espaço; urbanismo tático e microurbanismo colaborativo; além de estudos empíricos relevantes para a pesquisa - conceitos que serão discutidos na análise empírica realizada na seção 4 desta dissertação.

2.1 DEFINIÇÃO DE ESPAÇOS VERDES URBANOS

Os espaços públicos que permeiam as cidades possuem uma influência imensa no cotidiano do sistema urbano, seja na mobilidade, lazer, socialização, entre outros. Aqueles que possuem uma cobertura verde presente ainda podem exercer funções na área de preservação e até mesmo saúde mental daqueles que desfrutam desses ambientes (BARGOS; MATIAS, 2019).

De acordo com diversos pesquisadores (BUCCHERI; NUCCI, 2006; SOUZA et al., 2011; BARGOS; MATIAS, 2011, 2012; FREIRE et al., 2012), os espaços verdes urbanos realizam três funções interligadas com a sociedade, sendo elas: ecológico-ambiental, biológico (visual e saúde física) e psicológico (social, recreação e saúde mental). Estes princípios auxiliam na categorização dos benefícios que tais espaços trazem ao cenário da cidade.

Porém, é importante delimitar o que é considerado um espaço verde urbano, como ele aparece na literatura e como é materializado na malha urbana. Como será demonstrado a seguir, é um conceito de difícil delimitação e definição, possuindo diversas opiniões e estudos sobre o tema.

Comumente são utilizados termos “áreas verdes”, “áreas de lazer”, “espaços livres” na discussão sobre espaços que possuem elementos naturais em seu espaço físico. A vegetação é considerada em geral como um elemento importante na quantificação da qualidade de vida da população, apesar da falta de consenso em como delimitar o que é definitivamente um espaço que possua elementos vegetais que propiciam os benefícios discutidos (BARGOS; MATIAS, 2019). Levando em conta essa dificuldade de delimitação, Lima et al (2005) comentam que jardins, praças, parques, cemitérios arborizados ou áreas de florestas urbanas e áreas de proteção natural são espaços que podem ser considerados como áreas verdes urbanas, apesar de possuírem diferentes formas e funções (LIMA et al, 2005). Esta visão, compartilhada por Cavalheiro e Del Picchia (CAVALHEIRO; DEL PICCHIA, 1992) e Geiser (1975, apud CAVALHEIRO; DEL PICCHIA, 1992), aumenta os limites do que pode ser considerado uma área verde, podendo criar confusões ao tentar estudar este elemento.

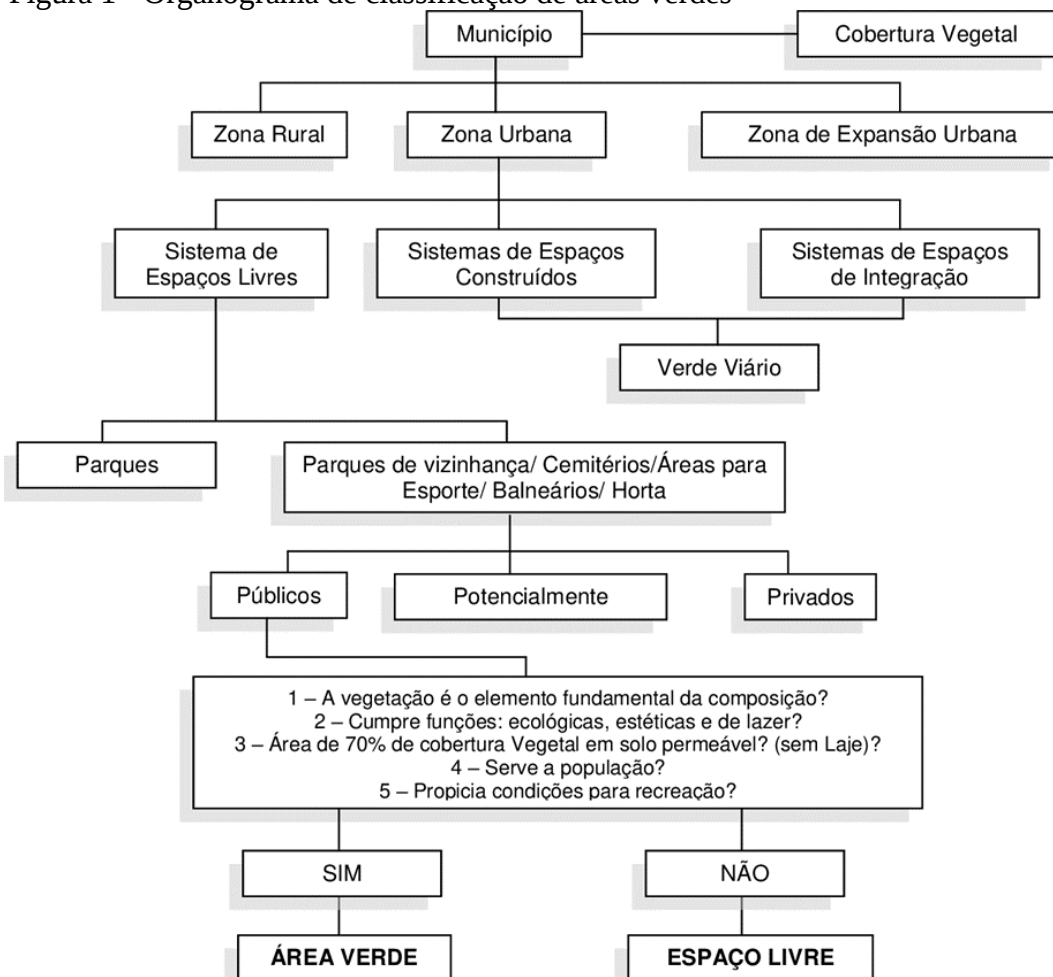
Para Macedo (1995) não é apropriado nomear todos esses espaços (parques, bosques

urbanos, praças...) como áreas verdes urbanas, porque eventualmente esses elementos estariam cumprindo suas funções sociais sem necessariamente possuírem uma cobertura vegetal. Segundo ele, “a utilização do termo sistema de espaços livres públicos de lazer e/ou conservação é precisa e objetiva e evita o uso irresponsável do conceito para os mais diversos fins” (MACEDO, 1995, p. 17). Seguindo a linha de delimitação, Lima et al. (1994) discutem a relação entre espaço livre e as áreas verdes, e colocam o primeiro como um elemento mais abrangente que o segundo, englobando-o. Segundo os autores, as áreas verdes possuem um predomínio de vegetação arbórea, criadas em forma de praças, parques urbanos, canteiros centrais e jardins públicos. Segundo Lima et al. (1994, p. 542), os espaços livres podem seguir as demais classificações:

Parque Urbano – áreas verdes maiores que praças e jardins com forte função ecológica, podendo trazer também atividades esportivas e culturais; b) Praças – pode não ser considerada uma área verde caso não tenha vegetação e seja impermeabilizada. Quando apresenta vegetação é considerada jardim, e como área verde sua função principal é de lazer. c) Arborização Urbana - São os elementos vegetais de porte arbóreo tais como árvores e arbustos no ambiente urbano, geralmente plantados ao longo das ruas, avenidas e calçamentos.

A visão predominante de que as áreas verdes são criadas a partir da alta quantidade de vegetação em espaços livres é compartilhada por diversos autores, valendo a pena comentar o sistema de classificação proposto por Cavalheiro e Del Piccha (1992). Com seu trabalho, eles almejam facilitar a diferenciação dos diversos espaços criados nos assentamentos humanos, culminando em um organograma criado por Buccheri e Nucchi (2006) baseado em suas ideias (Figura 1).

Figura 1 - Organograma de classificação de áreas verdes



Fonte: BUCCHERI e NUCCI (2006, p. 51)

Ainda na tentativa de trazer elementos a serem levados em consideração no tratamento das áreas verdes, Silva (2012) comenta que são aceitáveis alguns tipos de edificações, porém deixando a grande maioria do espaço disponível para vegetação contínua. É possível a existência de construções espalhadas em um ambiente predominantemente vegetal, dando a caracterização de área verde. A delimitação também pode ser vista nos tipos de função que esses espaços estão proporcionando para o ambiente urbano, como é visto nas definições de Nucci (2001), ao enfatizar a importância dos elementos estéticos, ecológicos e de lazer. Esta visão mais sistemática das funções desses espaços pode ser vista em trabalhos discutindo os benefícios gerados pelas áreas verdes, em elementos ecológicos (MAZZEI et al., 2007), econômico (COSTA, 2008) e social (AMATO-LOURENÇO et al., 2016).

Do ponto de vista legal, na legislação federal brasileira são criadas definições

específicas para as áreas verdes urbanas na Lei nº 12.651/2012, denominada Novo Código Florestal (BRASIL, 2012). Seguindo o art. 3º, inciso XX, a área verde urbana se define por:

Espaços, públicos ou privados, com predomínio de vegetação, preferencialmente nativa, natural ou recuperada, previstos no Plano Diretor, nas Leis de Zoneamento Urbano e Uso do Solo do Município, indisponíveis para construção de moradias, destinados aos propósitos de recreação, lazer, melhoria da qualidade ambiental urbana, proteção dos recursos hídricos, manutenção ou melhoria paisagística, proteção de bens e manifestações culturais (BRASIL, 2012, p. 166).

Há uma variedade de conceitos usados por vários autores ao se considerar espaços com grande quantidade de cobertura vegetal e de solo permeável, com diversos tamanhos e funções. Porém, na perspectiva da Lei nº 12.651/2012, as áreas verdes urbanas não podem ter em seu espaço moradias e só poderá existir caso ela esteja planejada no Plano Diretor do município. Então, a Lei nº 12.651/2012 cria uma hierarquia e dependência das intenções da gestão do município para que uma área verde possa ser criada, tanto nos cenários públicos quanto privados. Esse fato pode ser usado como uma ferramenta pelo município para agir em zonas menos valorizadas, criando espaços de acordo com a necessidade local. Porém, a necessidade de aprovação desses espaços pelo poder municipal em plano diretor dificulta a criação de áreas verdes. Questões administrativas/burocráticas, carência de recursos (financeiros, humanos, materiais, etc), fragilidade na atualização de mapas e do conhecimento sobre o estado das zonas urbanas, ausência de levantamentos, podem culminar na ausência de ações e de levantamento de possibilidades de criação dos espaços.

Segundo Silva, Lima e Saito (2020), é necessária a utilização de um conceito que possa abranger as delimitações adequadas de uma área verde e que possa ser referida com maior facilidade em termos de pesquisa. É comentada a utilização do termo espaços verdes urbanos (EVU) por se apresentar como o mais adequado ao se referir a áreas verdes nos municípios brasileiros. Adicionalmente, fazem ponte às descrições dos espaços verdes descritos por Macedo (1995, p. 16):

Toda área urbana ou porção do território ocupada por qualquer tipo de vegetação e que tenham um valor social [...]. O valor social atribuído pode ser vinculado ao seu utilitarismo em termos de área de produção de alimentos, ao interesse para a conservação ou preservação de conjuntos de ecossistemas ou mesmo de um único ecossistema, ao seu valor estético/cultural e mesmo a sua destinação para o lazer.

O termo “espaço verde” é, segundo a pesquisa de Taylor e Hochuli (2017), o de maior utilização em meios acadêmicos na literatura internacional (*green space*, tradução do inglês), aparecendo em maior quantidade em trabalhos inter/multidisciplinares. Aparece que o ambiente urbano é o mais utilizado nas pesquisas, apesar da existência de outros contextos, como o rural e áreas naturais, criando-se a necessidade de se adicionar o adjetivo “urbano” no termo. A definição do termo espaços verdes continua ampla, levando Taylor e Hochuli (2017) a criar uma tabela almejando uma melhor compreensão sobre o objeto de estudo. Ao fim, eles alcançaram um total de 6 divisões (Figura 2) para tentar alcançar este entendimento sobre espaços verdes no esquema a seguir:

Figura 2 – Definições de espaços verdes

Tipo de definição	Descrição	Exemplo
Intervalos de vegetação	Definição que reconhece um intervalo daquilo que se considera espaço verde.	O espaço verde é descrito pelo nível de vegetação, que vai de ruas paisagísticas, caminhos arborizados para campos de recreação e parques cobertos de floresta (ALMANZA <i>et al.</i> , 2012).
Por exemplos	Exemplos que ilustram os espaços verdes.	Espaços que combinam: áreas abertas, plantadas, urbanas abertas, pastagens, florestas e plantas perenes (TAVERNIA; REED, 2009).
Serviços ecossistêmicos	Exemplos que incorporam serviços ecossistêmicos, como a agricultura urbana e/ou uma referência relacionada às necessidades humanas.	Um tipo de uso da terra que apresenta contribuições aos ambientes urbanos em termos ecológicos, estéticos, de saúde pública e que também atende as necessidades básicas humanas (AYDIN; ÇUKUR, 2012).
Áreas verdes	Uma referência às áreas verdes e/ou naturais sem maiores detalhes.	A área investigada inclui substanciais elementos verdes (GENTIN, 2011).
Uso da terra	O uso da terra descreve espaço verde.	Espaço de recreação ou inutilizado (BOONE-HEINONEN <i>et al.</i> , 2010).
Áreas com vegetação	Áreas que contenham vegetação.	Espaço verde no sentido de ser predominantemente coberto de vegetação (HECKERT, 2013).

Fonte: TAYLOR e HOCHULI (2017, apud SILVA *et al.*, 2020).

É recomendada no trabalho de Taylor e Hochuli (2017) e na revisão de Silva, Lima e Saito (2020) a necessidade de serem utilizados os termos corretos ao se produzir trabalhos voltados ao espaço verde, a fim de se dar uma definição clara do objeto, facilitando a produção

de pesquisas futuras e o entendimento da população sobre o tema. O debate de como definir os limites do que é considerado um EVU possui muito espaço para discussão, especialmente ao ser tratado através de suas características físicas.

2.2 A INTERRELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE E A APROPRIAÇÃO PARA A PSICOLOGIA AMBIENTAL

O estudo das interações entre o indivíduo e o ambiente, considerando tanto o contexto espacial quanto temporal, tem sido foco de uma área denominada Psicologia Ambiental. De acordo com essa abordagem, o ser humano exerce influência sobre o ambiente e, ao mesmo tempo, é afetado por ele. Entende-se o ambiente como físico, seja construído ou natural (GUNTHER e ROZESTRATEN, 1993). Para Moser (1998) um foco fundamental é compreender de que forma esses espaços, independentemente de seu tamanho, impactam a vida cotidiana das pessoas que os frequentam e como as mesmas os impactam (MOSER, 1998).

A perspectiva da psicologia ambiental destaca a importância de se considerar a dimensão intimista das experiências urbanas, algo muitas vezes negligenciado pelo planejamento urbano convencional (LERNER, 2003). Dessa forma, novas oportunidades surgem quando se tem em mente a composição e a complexidade da cidade. Nesse sentido, a psicologia ambiental se dedica ao estudo da percepção ambiental, dos sentimentos, crenças e atitudes individuais em relação ao ambiente, bem como de conceitos como espaço pessoal, que são cruciais para se entender a dinâmica da unidade mais importante do sistema urbano, o indivíduo (CHURCHMAN, 2002). Segundo Churchman (2002, p. 194):

A abordagem do comportamento ambiental se concentra em diferentes grupos de pessoas e no grau em que o ambiente “se adapta” às suas necessidades. Este é um campo centrado nas pessoas que se relaciona com as pessoas e suas necessidades concretas, enquanto o planejamento se relaciona com as pessoas em geral e em abstrato (Tradução nossa).

A psicologia ambiental utiliza diversas abordagens para compreender a relação entre o indivíduo e o espaço, permitindo uma análise ampla dos objetos de estudo (BONNES e BONAIUTO, 2002). Segundo Bonnes e Bonaiuto (2002, p.30), essas abordagens podem ser caracterizadas por algumas características fundamentais, que incluem as seguintes premissas:

1-A pessoa-em-ambiente fornece a unidade de análise; 2-Tanto a pessoa quanto o ambiente se definem e se transformam dinamicamente ao longo do tempo como aspectos de um todo unitário; 3-Estabilidade e mudança coexistem continuamente; 4-A direção da mudança é emergente, não pré-estabelecida; 5-As mudanças que ocorrem em um nível afetam os outros níveis, criando novas configurações de ambiente de pessoa.

A psicologia ambiental reafirma a significância do espaço à vida humana ao considerá-lo como agente modificador e como elemento modificado, gerando essa sensação de “dança” de causa e efeito entre o indivíduo e o ambiente. Segundo Bonnes e Bonaiuto (2002, p.32) a forma como a psicologia ambiental observa essa relação foi alterada com o tempo pelo fator da sustentabilidade, alcançando o seu estágio atual:

Pode-se notar que a influência progressiva da perspectiva da ecologia plena, ou sustentabilidade, levou a psicologia ambiental a mudar sua principal perspectiva de observação. Diferente de sua atenção inicial ao ambiente físico-espacial e aos comportamentos específicos do local relacionados, a psicologia ambiental atual dá atenção crescente aos comportamentos ambientalmente relevantes em geral. Atenção específica é muitas vezes dada às ações sócio-físicas praticadas no ambiente, visto tanto como "objeto" quanto "produto" dos comportamentos considerados.

Na psicologia ambiental pode-se encontrar conceitos que indicam uma forte conexão entre o indivíduo e o espaço nas questões socioambientais, conceitos estes como identidade de lugar (PROSHANSKY et al, 1983), apego (HIDALGO e HERNÁNDEZ, 2001; LEWICKA, 2011) e ambientes restauradores (ULRICH, 1983; KAPLAN & KAPLAN, 1989; SILVEIRA et al, 2019). Segundo Proshansky et al (1983, p. 59):

Identidade de lugar é uma subestrutura da identidade profunda da pessoa e é constituída por cognições sobre o mundo físico, relativas à variedade e complexidade dos lugares nos quais ela vive e satisfaz suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais.

Para ser criada a identidade em um lugar é necessária a agência do indivíduo através de um período de tempo, pelo convívio ou modificação do espaço. Ao buscar o sentimento de satisfação, o humano altera a paisagem e seus elementos físicos, transformando o ambiente a seu gosto, criando laços no processo (MOURÃO e CAVALCANTE, 2011). Segundo Ficher (1981, apud MOURÃO e CAVALCANTE, 2006, p. 145):

[...] na relação homem/meio, existe uma prática espacial que se dá por meio de condutas que modificam o espaço e inserem o ser humano no meio. Essa inserção não é, entretanto, unilateral. O sujeito age sobre o meio, modifica-o e, neste processo, vai deixando sua marca e sendo igualmente marcado por ele. Isto se dá na medida em que as transformações do meio pelo homem são resultantes de necessidades subjetivas, de emoções, de expectativas, em suma, de vivências que vão fazendo parte da história pessoal do sujeito.

Os elementos urbanos (fachadas, ruelas, calçadas, praças, parques, centros comerciais, esquinas etc.) criam essa imagem do bairro ou cidade para as pessoas, facilitando seu entendimento e leitura do conjunto. Os espaços públicos urbanos com vegetação têm um diferencial por serem lugares propícios à reunião de pessoas, à realização de atividades em conjunto e à satisfação de necessidades de cunho social, fornecendo, ao mesmo tempo, contato com a natureza (mesmo que limitado). Ao proporcionar a capacidade de alteração dessa paisagem pela agência da população, cria-se uma forma alternativa de suprir as necessidades específicas daquela localidade, além de criar um vínculo coletivo com o espaço.

Seguindo a linha de argumentação sobre a importância dos espaços para a vida cotidiana humana, observa-se o estudo sobre como esses ambientes interferem no bem estar de pessoas e comunidades. Abre-se, nesse caso, inúmeras possibilidades para investigações sobre ambientes restauradores, estudos que orbitam em torno da questão da saúde mental, trabalhando principalmente com o manejo do estresse e da capacidade de atenção do indivíduo. As discussões baseadas nesses “recursos mentais” são desenvolvidas e aprofundadas em duas teorias: a Teoria Psico Evolucionista para a restauração psicofisiológica a partir do estresse (ULRICH, 1984) e a Teoria da Restauração da Atenção (KAPLAN e KAPLAN, 1989).

Ambas as teorias trabalham em conjunto ao discutir o efeito que o espaço pode ter na manutenção da mente humana ao regular o atrito mental que a vida cotidiana causa no indivíduo. A Teoria da Recuperação ao Estresse de Ulrich (1983) liga este elemento à percepção visual e estética dos ambientes, enfatizando que o espaço físico pode causar uma certa aproximação ou repulsão, dependendo de quão atraente esse espaço seja ao indivíduo. Segundo Gressler e Gunther (2013, p. 490):

A exigência ligada ao excesso de tomada de decisões pode causar estresse. As consequências do estresse são auto relatos de emoções negativas e, em um curto período de tempo, mudanças negativas do sistema fisiológico e aumento da atenção automática, isto é, da vigilância.

Para esta pesquisa será utilizado o conceito da apropriação do espaço, um fenômeno

social e psicológico que pode ser observado em diversas situações. É comum que as pessoas se apropriem de espaços físicos para atenderem às suas necessidades e desejos, seja por meio da transformação de um espaço público em um espaço privado, do uso de um espaço para atividades comunitárias ou culturais, ou outras formas de apropriação (POL, 1996).

2.2.1 Uma Questão de Território e de Apropriação

Os espaços urbanos de qualidade são moldados com a participação ativa das pessoas em seu entorno (LERNER, 2003). Além da dimensão social envolvida na criação desses espaços, as interações entre humanos e ambiente físico também desempenham um papel significativo na sua produção/criação, consumo e uso. Em outras palavras, os ambientes urbanos surgem como resultado da maneira como as pessoas se relacionam com o espaço físico, através de ações como apropriação, territorialidade e participação (HERNANDEZ, 2004). As pessoas se engajam, interagem e estabelecem vínculos com os lugares, visando melhorias, transformações e desenvolvimento, através de diversas práticas.

A territorialidade se apresenta como um conjunto de comportamentos e cognições observadas em um indivíduo ou grupo, podendo afetar o uso de áreas e objetos (ALTMAN, 1975, apud HERNANDEZ, 2004). Compreender esse conceito através da perspectiva da psicologia ambiental proporciona uma visão mais focada na interação das pessoas com os territórios pré-estabelecidos em espaços públicos, ao potencial de mudança do ambiente em prol das necessidades humanas.

Uma das formas de se observar os tipos de territorialidade presente em um espaço é através da definição de territórios primários, secundários, ou semipúblicos, e terciário, ou públicos (ALTMAN, 1975, apud HERNANDEZ, 2004), caracterizando-se em ordem: aquele território mais pertencente ao eu, privado; aquele território com menos significância e controle para o eu, possível compartilhar com estranhos; aquele território pertencente ao mundo, espaços públicos. É interessante pontuar que a diferença entre esses níveis de territorialidade depende do quanto o indivíduo ou grupo possui em quesito de gestão desse espaço. O território primário pertence àquele que o obteve, já o terciário mantém a gestão das pessoas que o utiliza apenas no momento, sendo algo temporário. Esta definição de territorialidade é necessária ao se observar o comportamento existente em um espaço público suscetível à mudança, possibilitando uma visão mais profunda da relação pessoa-ambiente. O fascinante é perceber a possível troca de caracterização da territorialidade de um espaço, um fenômeno onde o espaço pode tomar diferentes funções, sendo primário para uma ocasião e secundário para outra, por

exemplo (VIDAL; VALERA, 1998).

Um dos modos de se perceber a criação de territórios é através da personalização desse espaço através de demarcações da população. Ao personalizar algo, o indivíduo ou grupo modifica a percepção que outros têm deste objeto, criando um senso de pertencimento daqueles que o alteraram. Esta linha de pensamento se encaixa perfeitamente à concepção de que espaços podem ter diferentes graus de territorialidade, se alterando a depender do tempo e uso (VIDAL; VALERA, 1998).

Já a apropriação de um espaço se apresenta como um elemento fundamental para entender a relação das pessoas com o ambiente que as cercam. A apropriação e a territorialidade são conceitos interligados e se sobrepõem em diversos aspectos. Através da análise de Habraken (1998), podemos compreender que a apropriação é uma forma de reivindicar um território, demonstrando o senso de pertencimento através de ações de transformação e territorialização. Essas ações são importantes porque permitem que as pessoas se sintam parte do espaço e desenvolvam uma relação mais afetiva e pessoal com ele. Compreender esses processos de apropriação e territorialidade é essencial para a construção de espaços mais inclusivos, acolhedores e adequados às necessidades dos indivíduos que o frequentam.

De acordo com Korosec (1976, apud POL, 2002, p. 124), “a apropriação do espaço tem sido definida como o sentimento de possuir e administrar um espaço -independentemente de sua titularidade legal-, por uso habitual ou por identificação”. Sansot (1976, apud POL, 2002) complementa ao afirmar que este é um fenômeno que se refere a todas as formas de ações que permitem que deixemos nossa influência em algo ou alguém. Ostermann (2009) adiciona que é um processo humano de constantemente, consciente ou inconscientemente, reivindicar o espaço. A apropriação então toma a forma de um fenômeno que ocorre ao indivíduo ou grupo se identificar com o espaço, sendo um processo afetado pela cognição, simbolismo, afeto e a própria estética do objeto (SANSOT, 1976, apud POL, 2002; CHOMBART, 1976, apud POL, 2002).

Além disso, a apropriação do espaço é influenciada por diversos fatores, como apego ao lugar, territorialidade, identidade de lugar e privacidade, tendo um grande potencial de mudança tanto no ambiente quanto no indivíduo ou grupo que o utiliza. A identidade de um lugar é formada pela sequência de interações que envolvem a apropriação, modificação, definição, defesa e personalização do ambiente (HERNANDEZ, 2004).

2.2.2 A Apropriação do Espaço do Modelo Duplo de Enric Pol

O fenômeno da apropriação do espaço representa um processo pelo qual indivíduos ou grupos, de forma consciente ou inconsciente, constantemente reivindicam o espaço ao seu redor (OSTERMANN, 2009). Esse processo é crucial para entender como as pessoas se relacionam com o ambiente construído e como criam laços de pertencimento e identidade com determinado lugar. Compreender a dinâmica da apropriação do espaço pode ser útil para o planejamento urbano, uma vez que pode influenciar a forma como humanos utilizam e valorizam determinadas áreas da cidade (LERNER, 2003; LYDON, 2012).

Para Pol (1996) a realização do ser humano está intrinsecamente ligada ao trabalho. O trabalho é uma atividade que se desenrola no mundo exterior e que resulta na produção de objetos, sejam eles materiais ou imateriais. No entanto, há momentos em que ocorre a chamada "alienação", quando o indivíduo não se identifica ou não se sente conectado com os objetos que produziu. Para superar essa alienação, propõe-se a ideia da "apropriação", que consiste em reencontrar uma conexão pessoal com o objeto através da atividade. Através dessa reapropriação, o indivíduo é capaz de se reconectar com o objeto, adquirindo um "saber justo" sobre ele. Isso implica em aprender constantemente com novas ações, reinterpretando o objeto e encontrando significados mais profundos e pessoais naquilo que é produzido.

Apropriação toma forma de um fenômeno que ocorre aos indivíduos ou grupos se identificarem com o espaço, sendo um processo afetado pela cognição, simbolismo, afeto e a própria estética do objeto (SANSOT, 1976 apud PINHEIRO e SILVA, 2018; CHOMBART, 1976, apud POL, 2002). Unindo-o ao conceito de relação pessoa-ambiente, temos um processo dinâmico, onde, por um lado: os indivíduos/grupos “tomam posse” do espaço que eles se identificam e, por outro: há a criação de uma projeção, onde o humano, ao se apropriar, projeta no espaço o seu “eu”, criando uma identificação entre pessoa e ambiente, refletindo o modo de vida daquele que se apropriou (VILELLA-PETIT, 1976, apud PINHEIRO e SILVA, 2018). O espaço possui uma natureza "cambiante", que faz com que, simultaneamente, o sujeito se aproprie dele enquanto também é apropriado pelo próprio espaço. Em outras palavras, há uma relação mútua e constante de apropriação entre o indivíduo e o ambiente que o cerca. Também podemos destacar outro lado do conceito de apropriação ao envolvermos a noção de que as pessoas têm diferentes capacidades para se apropriar do espaço em função das suas condições socioeconômicas. As implicações geradas a partir desta linha de pensamento nos leva a considerar que existe um processo paralelo ao da apropriação, o de “desapropriação” relacionada à desigualdade social (CHOMBART, 1976, apud POL, 2002).

Recuperando a discussão sobre território, há uma ligação forte entre o fenômeno da apropriação do espaço e do conceito de territorialidade. Pode-se julgar necessário um senso de territorialidade para que seja possível se apropriar e transformar um lugar (HERNANDEZ, 2004). Nesse sentido, a apropriação pode ser vista como uma forma de reivindicação territorial do espaço, na qual o indivíduo age sobre o território, mostrando a quem ele pertence por meio de ações de transformação e territorialização (HABRAKEN, 1998).

Observar o fenômeno da apropriação é uma tarefa complexa, um dos motivos é a sua natureza difusa quanto a sua definição e limites. Segundo Pol (2002), é um termo comumente empregado em diversas áreas, tais como geografia, sociologia, arquitetura e educação ambiental, entre outras. No entanto, é comum que seu uso seja bastante amplo e impreciso, sem uma definição clara e específica. Nessa perspectiva, a apropriação de espaços é um coringa na medida em que se torna um elemento de convergência de todos os conceitos relacionados ao gerenciamento do ambiente. Isso ocorre porque a apropriação está presente em diversos fatores que influenciam o comportamento humano no ambiente, como o apego ao lugar, a territorialidade, a identidade de lugar e a privacidade (POL, 2002).

Pol (1996) reconhece que, embora possamos nos considerar diferentes de outros animais em termos de inteligência e capacidade de raciocínio, compartilhamos com eles a natureza animal de nossa relação com o espaço. Desde os tempos pré-históricos, os seres humanos têm a necessidade de delimitar e marcar o território que consideramos nosso, seja com sinais visuais, sonoros e olfativos, como forma de marcar a nossa presença e reivindicar a posse do território.

A apropriação do espaço é um processo em que os indivíduos ou grupos de forma consciente ou inconsciente, constantemente reivindicam o espaço ao seu redor, deixando marcas de sua presença e modificações. Para Pol (1996), isso é uma característica essencial da nossa natureza animal e da nossa relação com o ambiente ao nosso redor. Embora outros animais também marquem o território, os seres humanos agem de forma mais requintada e sofisticada, usando não apenas sinais visuais ou olfativos, mas também modificando fisicamente o ambiente para torná-lo mais adequado às suas necessidades e preferências. Esse processo de apropriação do espaço está diretamente relacionado ao desenvolvimento da cultura e da sociedade humana, pois as modificações que fazemos no ambiente refletem nossos valores, crenças e modos de vida.

Essa relação entre o sujeito e o espaço envolve elementos simbólicos que tornam o território uma referência transitória e, ao mesmo tempo, minimamente estável, capaz de sustentar os processos dinâmicos da vida e da construção da identidade pessoal. A apropriação

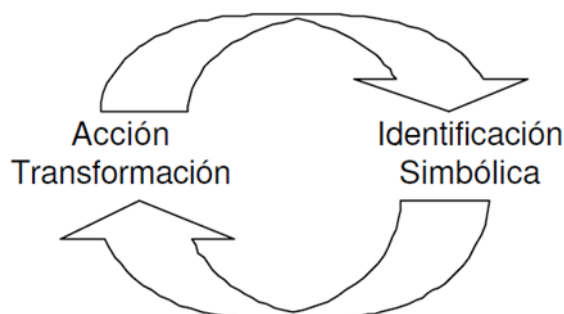
do espaço implica no movimento do sujeito em transformá-lo por meio de suas ações, ao mesmo tempo em que se deixa influenciar pelo lugar. Dessa forma, é possível transformar um espaço "vazio" em um "lugar" com significado ao longo do tempo (POL, 2002; PALMA-OLIVEIRA, HERNANDEZ, 2011).

Para auxiliar na observação do fenômeno da apropriação do espaço, pode-se fundamentá-lo em um modelo duplo, proposto por Pol (2002), abrangendo os seguintes elementos: o de ação-transformação do sujeito e do espaço, assim como da identificação simbólica relacionada a aspectos afetivos, interativos e cognitivos da relação pessoa-ambiente (POL, 1996; POL, 2002).

Segundo esse modelo, a transformação do espaço ocorre ao estarem presentes pessoas que agem neste ambiente através de seus comportamentos, incorporando-o em seus processos cognitivos e afetivos. Por meio da ação sobre o meio, este é alterado pelo indivíduo/grupo, recebendo suas marcas. Em outras palavras, as pessoas atribuem significado ao espaço através das interações entre pessoa e ambiente. Já por meio da identificação simbólica, tanto o indivíduo quanto o grupo se enxergam no ambiente e, ao categorizar a si mesmos, atribuem suas próprias qualidades como definidoras de sua identidade. O espaço apropriado assume um papel importante na continuidade e estabilidade do eu, bem como na identidade e coesão do grupo. Dessa forma, é gerado um "apego" ao lugar. O ambiente que é considerado "apropriado" assume uma importância central como referência para os processos cognitivos, afetivos e identitários, que explicam aspectos do comportamento que vão além do puramente funcional.

Há esse movimento circular no modelo duplo do Pol (2002), onde um dos elementos influencia e incentiva a criação do outro, tornando esta relação em um processo cíclico (Figura 3). No contexto da ação-transformação, as pessoas modificam o espaço para atender às suas necessidades e deixam sua marca no território. Já no contexto da identificação simbólica, o espaço passa a atuar como uma categoria social que reflete o eu e é atribuída como uma característica definidora da identidade individual e coletiva, podendo ser reflexo da transformação das nossas necessidades e preocupações. A continuação da identificação com o espaço também envolve a transformação e a adaptação do ambiente, fechando o ciclo de interação entre o sujeito e o espaço.

Figura 3 – Modelo duplo de apropriação



Fonte: POL (2002, p. 127)

Ademais, Pol (2002) complementa ao discutir o fator temporal em seu modelo duplo, argumentando que a ação-transformação e a identificação simbólica aparecem em intensidades diferentes a depender do estágio da vida em que as pessoas estão passando. Durante a infância e juventude, o ser humano é altamente transformador. Proveniente de sua energia e curiosidade com o mundo físico, nós agimos sobre o espaço a fim de torná-lo nosso pela nossa necessidade de explorá-lo e de expandir nossa noção de eu. Já na velhice, a identificação simbólica ganha mais espaço em nossas vidas, privilegiando a interação entre os dois (02) fatores.

Assim como nossos antepassados, nós também temos a capacidade de transformar e apropriar espaços ao longo do tempo, construindo relações simbólicas mais fortes com eles. Esse processo pode ser comparado com a noção de herança, onde gerações anteriores deixam uma herança simbólica para as gerações futuras, assim como uma mãe fornece nutrientes para o crescimento de seu bebê, preparando o terreno para a próxima transformação (GRAUMANN, 1976, apud PINHEIRO e SILVA, 2018). Essa relação simbólica com o espaço é uma das características que nos diferenciam dos outros animais, reconhecida por Pol (1996) ao destacar a natureza animalasca do ser humano e sua necessidade de delimitar e marcar o espaço que consideramos nosso.

2.3 MICROURBANISMO COLABORATIVO E URBANISMO TÁTICO

No século 20, o planejamento urbano foi dominado pelo pensamento de construir uma cidade perfeita. O urbanismo moderno se concentrou principalmente na funcionalidade das cidades e edifícios e tentaram realizá-las de forma “rígida”, imutável, com propósitos definidos para cada zona (GEHL, 2014). Apesar do domínio dessas ideias, havia aqueles que pensavam o contrário. Desde a década de 1960, a importância do espaço público e da integração entre espaços começaram a ser notados como fatores importantes no planejamento urbano. O

arquiteto, urbanista e teórico neerlandês Rem Koolhaas descreve em seu livro *S, M, L, XL* (1995, p.969):

Se houver um novo urbanismo, não será baseado em fantasias gêmeas de ordem e onipotência; será encenação a incerteza; deixará de se preocupar com o arranjo de objetos mais ou menos permanentes, mas com irrigação de territórios com potencial; não terá mais como objetivo configurações estáveis, mas a criação de campos de habilitação que acomodam processos que se recusam a ser cristalizados em forma definida... não será mais obcecado pela cidade, mas pela manipulação da infraestrutura para intensificação e diversificação intermináveis, atalhos e redistribuições – a reinvenção do espaço psicológico.

Para alcançar práticas de urbanismo mais apropriadas para o contexto local, pode-se utilizar de ferramentas para observação de participação com aqueles que usufruem desses espaços urbanos. A "Ladder of Citizen Participation" (Escala de Participação Cidadã) é um modelo conceitual desenvolvido por Sherry R. Arnstein (1969), que descreve diferentes níveis de envolvimento dos cidadãos em processos de tomada de decisão e planejamento urbano. A escada é composta por oito degraus, cada um representando um nível crescente de participação e influência dos cidadãos.

A escada de participação cidadã de Arnstein serve como uma ferramenta para analisar e avaliar a efetividade da participação dos cidadãos em projetos e políticas públicas. Os degraus da escada ajudam a identificar se os cidadãos estão apenas informados e consultados sobre decisões, ou se eles têm poder real para influenciar e colaborar na definição das políticas e projetos que afetam suas vidas. Aqui estão os oito degraus da escada de participação, do mais baixo ao mais alto (ARNSTEIN, 1969, p. 218):

1. Manipulação: Nesse nível, a participação é apenas simbólica. Os cidadãos não têm poder de decisão e são manipulados pelas autoridades para apoiar uma decisão pré-determinada.
2. Terapia: A participação é usada como uma forma de terapia ou "liberação" para os cidadãos, sem realmente conceder poder de decisão. É uma forma de envolvimento superficial, onde as pessoas são ouvidas, mas suas opiniões não são levadas a sério.
3. Informação: Os cidadãos são informados sobre projetos e decisões, mas não têm oportunidade real de influenciar o processo de tomada de decisão. Eles são tratados como receptores passivos de informações.
4. Consulta: Nesse nível, os cidadãos são consultados e suas opiniões são levadas em consideração, mas a decisão final ainda é tomada pelas autoridades. Pode haver um

diálogo bidirecional, mas a influência dos cidadãos ainda é limitada.

5. Envolvimento: Os cidadãos têm a oportunidade de se envolver mais ativamente no processo de tomada de decisão. Suas opiniões e contribuições são consideradas e têm impacto real na definição das políticas ou projetos.
6. Colaboração: Nesse nível, ocorre uma colaboração significativa entre os cidadãos e as autoridades. Os cidadãos têm um papel ativo na definição das políticas, planejamento e implementação de projetos. Existe um esforço genuíno para trabalhar em conjunto e compartilhar responsabilidades.
7. Parceria: A participação dos cidadãos é vista como uma parceria igualitária com as autoridades. Os cidadãos têm poder de decisão compartilhado e são envolvidos em todas as etapas do processo de tomada de decisão.
8. Delegação de poder: No topo da escada, os cidadãos têm poder total de decisão. Eles têm controle total sobre as políticas e projetos, enquanto as autoridades atuam como facilitadores e implementadores das decisões tomadas pelos cidadãos.

A escada de participação cidadã de Arnstein é uma ferramenta útil para avaliar o nível de participação dos cidadãos em processos de planejamento e tomada de decisão. Ela destaca a importância de garantir níveis mais elevados de participação, onde os cidadãos têm poder real de influência e colaboração, contribuindo para uma governança mais democrática e inclusiva.

Uma das vertentes de ação para agir nas cidades contemporâneas tendo em mente a agência da população é conhecida como urbanismo colaborativo, práticas voltadas aos microespaços dentro da malha urbana e a colaboração com a população local. Com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de todos os cidadãos, o urbanismo colaborativo engloba um conceito abrangente de participação de diversos atores sociais no planejamento e execução de ações e iniciativas no espaço urbano (GUMA; FALCÃO, 2020). Paiva (2017, p. 1) continua:

Essas microintervensões começaram a aparecer por iniciativa da sociedade civil num momento em que se faz necessário promover maior coesão social nas cidades através de novas políticas públicas ‘bottom line’, ou seja, oriundas da sociedade civil. Elas buscam discutir novos caminhos a partir de uma visão mais coletiva, com o intuito de estabelecer um diálogo entre poder público e sociedade, e corrigir os desvios resultantes das políticas econômicas orientadas pelas ‘leis do mercado’, ou pela política empresarial, que prega maior eficiência, controle de custos e aumento do lucro para produzir uma riqueza que tem levado à redução de empregos e da renda per capita e à piora dos índices de desenvolvimento humano de muitos países.

Segundo Cymbalista (2016), diversos grupos têm assumido a responsabilidade de intervir nos espaços públicos e, assim, possibilitam transformações por meio de iniciativas transitórias, instalações temporárias, mobiliário urbano, mobilização política e outras práticas. A participação popular implica em "fazer parte" ou "ser parte" das decisões, contribuindo para o desenvolvimento dos cidadãos, empoderando-os e atendendo às suas necessidades. Ele enfatiza a importância dos microubanismos como estratégias para promover melhorias no ambiente urbano, ressaltando como essas intervenções podem criar espaços mais inclusivos, acessíveis e vibrantes.

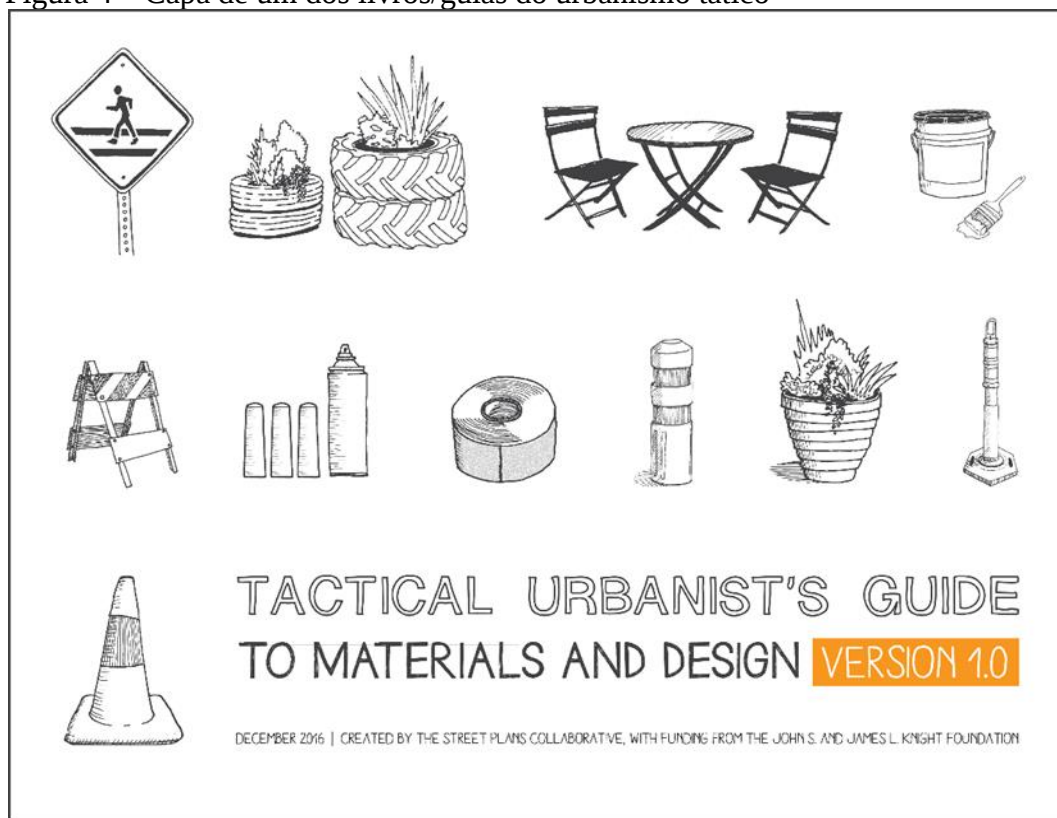
De acordo com Rosa (2011), as microintervenções urbanas têm o potencial de integrar grupos sociais mais marginalizados e promover a igualdade na participação na vida urbana por meio do engajamento, do fortalecimento individual e da transferência de poder para atores locais, como a sociedade civil organizada.

Fundamentalmente criadas a partir do desejo das pessoas por mudança, por uma interação mais íntima e amigável com sua cidade, práticas que trabalham com o micro estão criando alternativas sustentáveis e viáveis para centros urbanos. Existem algumas linhas de pensamento e de trabalho que seguem a idéia de um urbanismo em pequena escala com o foco no cotidiano da população local, podendo pontuar a “Acupuntura Urbana” (LERNER, 2003; CASAGRANDE, 2013) e “Urbanismo Tático” (LYDON, 2016). O urbanismo tático é um conceito que estimula uma abordagem colaborativa de resolução de problemas urbanos, em que os indivíduos mais afetados por uma questão se engajam proativamente para resolvê-la. É frequentemente descrito como uma maneira dos usuários se "reapropriarem" ao espaço urbano, por meio de uma abordagem "faça você mesmo" de reestruturação urbana. Essas intervenções podem ser feitas em qualquer espaço público, desde ruas e praças até espaços abandonados e terrenos baldios.

Esta forma de urbanismo é uma abordagem que busca criar intervenções temporárias e de baixo custo no espaço urbano, com o objetivo de testar e experimentar soluções para problemas urbanos e transformar a forma como as pessoas interagem e se relacionam com a cidade. A expressão “Do It Yourself”, em português “Faça você mesmo”, é extensivamente utilizada neste tópico, utilizando métodos baseados no objetivo de incentivar as pessoas a tomarem ação. Para tal, Mike Lydon, um urbanista de Nova York, se propôs a expor o que realmente é, e como fazer tais práticas. Lydon é um dos diretores da Street Plans, grupo de pesquisa e de planejamento em Nova York, e é um dos urbanistas mais entusiasmados com a prática do urbanismo tático. Ele é criador da série de livros Tactical Urbanismo: Short-Term

Action, Long-Term Change Vol. 1 – 4, conjunto que explica a função do urbanismo tático e como fazê-lo (Figura 4).

Figura 4 – Capa de um dos livros/guias do urbanismo tático



Fonte: LYDON (2016)

Em seus livros Lydon expõe intervenções de baixo custo, imediatas ou temporárias, que ajudam a plantar a ideia de urbanismo contemporâneo criado pela população. Há casos em que tais projetos são tão bem recebidos pela sociedade que há uma pressão comunitária para manter tais alterações. Lydon vincula o Urbanismo Tático com o contemporâneo ao discutir a influência que a internet e as redes sociais possuem no planejamento. Novamente é tocado o assunto do “*Do It Yourself*”, ou “faça você mesmo”, uma cultura popular entre cidadãos mais jovens com autoconfiança, interessados em participar de processos de planejamento como agentes modificadores, e não apenas como participantes distantes, consumidores.

Um dos casos comentados em seus livros é o chamado “Pavement to Plaza”, em português “Pavimento para Praça”, um programa que transforma espaços exagerados destinados para veículos em locais de uso de pedestres e ciclistas (Figura 5). Munidos de materiais de baixo custo e manutenção, tais projetos dão uma nova cara para ruas e fachadas, e contam com a ajuda de residentes e comerciantes locais para manter e cuidar de tais lugares.

Eventualmente, se a intervenção for bem recebida pelo público, ela é integrada à malha urbana.

Figura 5 – Pavimento para praça em São Francisco



Fonte: Cidade de São Francisco, s/d.

Essa abordagem para transformação do espaço urbano é capaz de se adaptar aos mais variados cenários, apresentando soluções experimentais que promovem a participação cidadã e testam novas ideias de forma rápida e colaborativa. O urbanismo tático é uma resposta aos desafios do planejamento urbano tradicional, possibilitando mudanças mais ágeis e efetivas, além de contribuir para a promoção da sustentabilidade e da qualidade de vida nas cidades.

2.4 ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE OS TÓPICOS REFERENCIAIS

Esta subseção apresenta alguns estudos empíricos que se baseiam em teorias e métodos utilizados nesta dissertação e seus resultados serviram como referências para esta pesquisa.

Morigi (2020) realizou um estudo concentrado na análise da Praça Silveira Martins, localizada em Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, investigando as dinâmicas sociais e as relações de poder presentes nesse espaço público. O autor explora o conceito de territorialidade, referindo-se à forma como as pessoas se apropriam e atribuem significado aos espaços públicos. Através de uma abordagem qualitativa, o estudo examina como os diferentes grupos sociais utilizam e interagem com a Praça Silveira Martins, considerando tanto os aspectos físicos do local quanto as relações sociais que se estabelecem nele. O artigo destaca a importância dos

espaços públicos como locais de encontro, convivência e expressão da identidade coletiva. Além disso, discute a relação entre os espaços urbanos e a construção da cidadania, destacando a importância da participação cidadã na gestão e transformação desses espaços. Ao analisar a Praça Silveira Martins, Morigi (2020) identifica diferentes grupos que frequentam o local, como moradores locais, comerciantes, jovens e pessoas em situação de vulnerabilidade social. Ele investiga as práticas cotidianas desses grupos, bem como as tensões e conflitos que surgem em relação ao uso e ocupação do espaço. Por meio de observações, entrevistas e análise documental, o estudo revela as dinâmicas de poder presentes na Praça Silveira Martins, evidenciando como certos grupos exercem controle e influência sobre o espaço, enquanto outros podem ser marginalizados ou excluídos. Como resultado, apontou a necessidade de manutenção de equipamentos urbanos nestes espaços, argumentando que estes são fatores importantes para a criação de territórios significativos para a população. Em sua praça de estudo, Morigi constatou fortes ligações entre a qualidade do espaço físico e a satisfação deste por parte da população, argumentando que é de grande interesse para o Poder Público Municipal desenvolver políticas públicas voltadas para a preservação e recuperação de estruturas, mobiliários e equipamentos presentes na praça.

A dissertação "Territórios e territorialidades em praças de Aracaju/SE", estudo realizado por Santos (2016), teve como foco explora as relações entre territórios e as práticas sociais presentes nas praças da cidade de Aracaju. A dissertação adota uma abordagem qualitativa e utiliza uma variedade de métodos de coleta de dados, como observação participante, entrevistas e análise documental. O objetivo principal é compreender como as pessoas se apropriam das praças de Aracaju e como elas estabelecem relações de pertencimento e identidade com esses espaços. Utilizando da Matriz Quali-quantitativa para Avaliação de Praças criada por De Angelis et al. (2004), a autora investiga diferentes praças da cidade, analisando as práticas cotidianas, as interações sociais e as representações simbólicas presentes em cada uma delas. Ela examina como as praças são utilizadas por diferentes grupos sociais, como moradores locais, trabalhadores, comerciantes e usuários eventuais, e como essas práticas podem contribuir para a construção de identidades territoriais. Além disso, a dissertação aborda questões relacionadas à gestão e governança das praças, destacando a importância da participação cidadã e da colaboração entre diferentes atores sociais na manutenção e transformação desses espaços públicos. Reforçou a importância do entendimento sobre a formação de territórios, este sendo construído e desconstruído a partir do uso temporário do espaço por parte da população, fator importante ao se discutir os tipos de territorialidade no espaço (ALTMAN, 1975, apud HERNANDEZ, 2004). Além disso, ela comenta sobre o poder

do comportamento das pessoas voltado para as praças, levando em consideração até mesmo a “não presença” se pessoas na praça como um fator criador de territorialidade e de simbolismo para o espaço. Elementos que afetam mais diretamente a territorialidade, como a criação de comércios, podem ter gerado conflitos com as regiões estudadas, mostrando um certo grau de incompatibilidade com o uso pretendido do espaço. Esse fenômeno coloca em foco o valor da identidade que o espaço possui, demonstrando como uma mudança de uso pode impactar na visão pública.

No artigo "Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro - Largo da Carioca e rua Uruguaiana" Santana e Tângari (2003) estudam a relação entre o espaço arquitetônico e as práticas de apropriação dos espaços públicos no Centro do Rio de Janeiro, especificamente no Largo da Carioca e na rua Uruguaiana. Os autores exploram como o design e a configuração arquitetônica dessas áreas urbanas influenciam a forma como as pessoas as utilizam e se apropriam delas. Eles examinam como as características físicas, como layout, acessibilidade e elementos arquitetônicos, afetam as práticas sociais e a vivência cotidiana desses espaços. Através de uma abordagem empírica, o estudo utiliza observações e entrevistas com os usuários dos espaços para compreender como eles se apropriam do Largo da Carioca e da rua Uruguaiana, levando em consideração as diferentes atividades realizadas nesses locais, as interações sociais e as percepções subjetivas dos usuários. Os resultados do estudo revelam como as características arquitetônicas influenciam a forma como as pessoas se movimentam, interagem e experimentam esses espaços públicos. Além disso, os autores discutem as dinâmicas de poder presentes na apropriação do espaço, destacando como certos grupos podem exercer controle ou reivindicar direitos sobre determinadas áreas, enquanto outros podem ser excluídos ou marginalizados. Ao analisar a paisagem urbana por meio de mapas cognitivos e questionários para investigar a apropriação, os autores encontraram duas vertentes: a) a ocupação e a apropriação do ambiente são elementos fortemente influenciados pelas características funcionais do espaço; b) Espaços dotados de elementos simbólicos, sejam eles temporais ou sentimentais, possuem um caráter imagético que os torna especialmente poderosos na atribuição de valor e significado. Em outras palavras, um ambiente que possui elementos simbólicos pode ter um impacto emocional mais forte e duradouro do que um ambiente que se destaca apenas por atributos físicos, como forma, tamanho e proximidade.

Seguindo a linha de pesquisa sobre apropriação do espaço, os pesquisadores Rosaneli et al (2016) publicaram o artigo "Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da praça Tiradentes em Curitiba/PR", um estudo que aborda a

apropriação do espaço público livre na metrópole contemporânea, com foco na praça Tiradentes, em Curitiba, Paraná. Os autores investigam como as pessoas se apropriam da praça Tiradentes e como esse espaço público é utilizado no contexto da metrópole contemporânea. Eles exploram as práticas cotidianas, as interações sociais e as percepções subjetivas dos usuários em relação à praça. Utilizando uma abordagem empírica, o estudo utiliza observações, mapas mentais e comportamentais e entrevistas com os frequentadores da praça para compreender como eles se apropriam do espaço livre público e quais são as atividades realizadas nesse local. Os autores também analisam as características físicas e funcionais da praça, como sua configuração arquitetônica, mobiliário urbano e oferta de serviços, e como esses elementos influenciam a apropriação e o uso do espaço pelos indivíduos. O artigo discute as dinâmicas de poder presentes na praça Tiradentes, destacando como diferentes grupos sociais podem exercer controle sobre o espaço e influenciar as práticas e interações que ocorrem ali. Também são abordadas questões relacionadas à gestão e governança do espaço público, com ênfase na importância da participação cidadã e do envolvimento da comunidade na tomada de decisões e na definição do uso e ocupação da praça. Eles encontraram que os elementos mais atraentes para a utilização deste espaço são a boa qualidade de arborização da praça, dando uma sensação de “respiro” para aqueles que transitam pela região e passam por este ambiente, e a qualidade da infraestrutura do espaço, oferecendo uma passagem confortável para pedestres e ciclistas. Outro fator importante para a apropriação encontrado por Rosaneli et al (2016) ao citar Zeisel (2006, p. 173), - “[...] as pessoas mudam as configurações dos espaços a fim de facilitar suas atividades, podendo remover ou acrescentar coisas” - foi a presença do comércio ambulante na praça, variável que servia de incentivo para maior uso do espaço público.

Escrita por Lima (2007), a dissertação "Paralela em movimento: um estudo sobre a apropriação do espaço público do canteiro central da Avenida Luís Viana" aborda a apropriação do espaço público do canteiro central da Avenida Luís Viana, localizada em Salvador. A autora investiga como as pessoas se apropriam desse espaço público e como ele é utilizado no contexto da cidade. Ela examina as práticas cotidianas, as interações sociais e as percepções dos usuários em relação ao canteiro central da Avenida Luís Viana. Utilizando uma abordagem qualitativa, a dissertação utiliza observações, entrevistas e análise documental para compreender como as pessoas utilizam o espaço do canteiro central. A autora também analisa as características físicas e funcionais desse espaço, como sua configuração, acessibilidade e elementos arquitetônicos, e como esses elementos influenciam a apropriação e o uso do espaço pelos indivíduos. A dissertação discute as dinâmicas de poder presentes no canteiro central da Avenida Luís Viana,

destacando como diferentes grupos sociais podem exercer controle sobre o espaço e influenciar as práticas e interações que ocorrem ali. Também são abordadas questões relacionadas à gestão e governança do espaço público, com ênfase na importância da participação cidadã e do envolvimento da comunidade na tomada de decisões e na definição do uso e ocupação do canteiro central. Lima reafirma a importância do espaço para cumprir com as necessidades da população, observando diferentes usos para o espaço, transcendendo a limitação de espaço separador de duas vias. Segundo ela, a falta de espaços destinados a lazer e encontro na região levou à modificação do ambiente físico e seu significado quanto ao espaço público.

Hernandez (2004) estudou em sua tese "Transforming public spaces in Mexico: the case of colonias populares in Xalapa" a transformação de espaços públicos no México, com foco nas colonias populares em Xalapa. O autor investiga como os espaços públicos nessas áreas urbanas de baixa renda são transformados e utilizados pela comunidade local. Ele examina as práticas sociais, as interações e as percepções dos residentes em relação a esses espaços públicos. Utilizando uma abordagem qualitativa, a tese utiliza observações, entrevistas e análise documental para compreender as transformações ocorridas nos espaços públicos das colonias populares. O autor também analisa as características físicas, funcionais e simbólicas desses espaços e como elas afetam a apropriação e o uso por parte da comunidade. São discutidas as dinâmicas sociais e políticas presentes nas transformações dos espaços públicos, destacando como os residentes se envolvem ativamente na melhoria e adaptação desses locais para atender às suas necessidades e desejos. O autor também analisa as estratégias de participação comunitária e as relações de poder envolvidas na transformação dos espaços públicos. Hernandez encontrou que é de grande importância para a vida urbana que os espaços destinados ao uso público estejam prontos para receber melhorias e transformação, argumentando que estes são cruciais para a vida nas cidades. Ele observou com a população local de seu estudo de caso que as identidades e significados presentes nesses espaços originam, em parte, do uso cotidiano das pessoas, podendo gerar conflitos até mesmo benéficos para o ecossistema urbano. Essa compreensão é fundamental para entender como a apropriação desses espaços pela população local pode gerar conflitos, mas também pode levar a soluções criativas e inovadoras para problemas urbanos.

No artigo "Apropriação do espaço na pré-escola segundo a psicologia ambiental", Martins e Gonçalves (2014) abordam a apropriação do espaço por crianças na pré-escola, com base nos princípios da psicologia ambiental. Os autores exploram como as crianças se apropriam do espaço físico da pré-escola e como essa apropriação influencia seu

desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Eles investigam como as características do ambiente, como layout, mobiliário, cores e materiais, afetam a forma como as crianças interagem e se envolvem com o espaço. Utilizando uma abordagem teórica e empírica, o artigo discute as principais contribuições da psicologia ambiental para compreender a relação entre o espaço e o comportamento das crianças. Os autores destacam a importância de um ambiente adequado e estimulante, que proporcione oportunidades de exploração, interação e aprendizado para as crianças. Além disso, o artigo aborda a importância da participação ativa das crianças na definição e organização do espaço da pré-escola, permitindo que elas expressem suas preferências, necessidades e interesses. Foi constatado que as crianças geraram processos de apropriação ao terem se identificado com o espaço, se sentirem pertencendo a ele e se sentindo defendidas. Foi observado maior presença de identificação e de uso pelas crianças com espaços que as estimulavam e que possuíam desenhos feitos pelos alunos, exemplificando o ciclo de influência entre simbolismo e transformação.

Na cidade de Aracaju é possível encontrar trabalhos seguindo a linha de pensamento do Urbanismo Tático como experimentos para julgar a eficácia da prática voltada para a comunidade. Em 2019 foi realizado um trabalho localizado na praça Aída Bispo Sucupira, no bairro Ponto Novo, Aracaju, organizado por Sâmia Scaranto durante seu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, no curso de Arquitetura & Urbanismo na Universidade Federal de Sergipe (SCARANTO, 2019). O objeto de estudo foi uma praça já fundada há décadas que sofreu com a falta de infraestrutura e, por consequência, o abandono da população. Sâmia decidiu tomar uma atitude quanto a situação e decidiu aplicar várias técnicas do urbanismo tático em seu trabalho. Para que seu objetivo fosse alcançado, era imperativo que os moradores da região participassem de suas atividades. Foram organizados pequenos eventos dentro da praça (Figura 6) para convidar os residentes a visitarem este espaço, comunicando e coletando ideias e desejos relacionados à praça.

Figura 6 - Piquenique e tarde de recreação com as crianças do conjunto.



Fonte: SCARANTO (2019, p. 67)

Através de apoios formados com o Núcleo de Projetos, Pesquisa e Extensão em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes (NUPPE) e a Empresa Municipal de Serviços Urbanos (EMSURB), Sâmia criou planos para a intervenção contando com materiais reutilizáveis, de fácil manejo e obtenção. A intervenção foi realizada em 4 dias contando com diferentes picos de atividade por parte dos moradores. Como era de se esperar, no início haviam poucas pessoas ajudando no trabalho, mas o número aumentou nos dias seguintes. Atraídos pela curiosidade, os habitantes do bairro passavam pelas redondezas da praça e paravam para perguntar sobre o trabalho sendo feito (Figura 7).

Figura 7 – Intervenção contando com a participação de moradores e equipe de voluntários.



Fonte: SCARANTO (2019, p. 70)

Nos dias que seguiram após a entrega do projeto, Sâmia decidiu retornar ao local para observar como a praça estava sendo recebida. Para satisfação dela, o grupo de crianças que moravam nas redondezas estavam de volta nos brinquedos feitos na intervenção e adultos passavam e paravam nos bancos para observar o trabalho feito (Figura 8).

Figura 8 – Antes e depois da intervenção.





Fonte: SCARANTO (2019, p. 72)

Os experimentos realizados no urbanismo tático permitem observar o potencial do coletivo no gerenciamento de espaços verdes urbanos.

3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Esta pesquisa é caracterizada como exploratória e descritiva, já que buscou uma maior compreensão sobre a temática em questão. O propósito de uma pesquisa exploratória é adquirir familiaridade com o problema em questão, com o intuito de torná-lo mais explícito ou construir hipóteses, de acordo com (Gil, 1999). Por outro lado, as pesquisas descritivas, conforme explicado por Triviños (2008), têm como objetivo descrever os fatos e fenômenos de uma realidade específica, obtendo informações relevantes sobre o problema investigado.

É também caracterizada como uma pesquisa qualitativa cujo interesse é a interpretação de fenômenos do ambiente social e sua atribuição de significados. De acordo com Richardson (1999), a pesquisa qualitativa envolve a exploração e reflexão sobre percepções, sendo assim mais subjetiva. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa busca obter dados sobre pessoas, lugares e processos interativos por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada, buscando compreender os fenômenos vivenciados pelos participantes do estudo..

Em relação à sua natureza, esta pesquisa é classificada como aplicada. Seguindo as considerações de Silveira e Córdova (2009), o seu objetivo é gerar conhecimentos que tenham aplicação prática e estejam direcionados para a solução de problemas específicos, abordando verdades e interesses locais. Em relação ao recorte temporal, este estudo é classificado como um estudo de corte transversal. Conforme mencionado por Richardson (1999), os dados são coletados em um único ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever a população naquele momento específico.

É um estudo de casos múltiplos (3 praças), estruturado a partir dos ambientes estudados, levando em consideração os elementos pessoa (comunidade local) e ambiente (EVU). De acordo com Yin (2001), o estudo de caso pode ser realizado com uma única unidade de análise ou com múltiplas unidades. Essas unidades podem abranger diversos tipos, como indivíduos, organizações, processos, programas, bairros, instituições, comunidades, países e até mesmo eventos.

Unidade de análise, universo e amostra da pesquisa

O universo da pesquisa envolveu praças públicas na Zona de Expansão-Aruana na cidade de Aracaju/SE, sendo essa escolha justificada por se tratar de uma área urbana com ocupação recente e que experimenta nos últimos anos crescimento acelerado de residências e comércio. Além disso, a dimensão e características gerais das praças na região despertou também o interesse deste pesquisador, que é morador da região e acompanhou as intensas

mudanças e dinâmica no uso e ocupação no local.

A unidade de análise da pesquisa focalizou as características físicas das praças (ambiente) e a relação entre os moradores e comerciantes locais com as mesmas (pessoa). Os seguintes critérios nortearam a escolha dos elementos pessoa e ambiente e a Zona de Expansão (Aracaju/SE) também foi eleita em função da existência desses critérios indicados abaixo:

- Seleção de praças com características de EVU, ou seja, praças urbanas majoritariamente cobertas por área verde;
- População que interviu no ambiente físico dos EVU na sua vizinhança (ou local de transição), modificando a paisagem e a utilização do espaço;
- EVU que receberam intervenções no seu ambiente físico derivadas da população que mora, realiza comércio, transita pelo espaço;
- O uso dos espaços foi alterado/expandido com o passar do tempo;
- Os EVU e a população local devem ter um certo grau de similaridades físicas, sociais, ambientais e econômicas entre os estudos de caso a fim de permitir a comparação entre os casos.

Desse modo, três (03) praças públicas adjacentes foram selecionadas localizadas no Residencial Aruana Praia Mar I, no bairro Aruana, na Zona de Expansão, Aracaju/SE (Figuras 9 e 10), através dos critérios indicados acima que possuem características que possibilitem comparações entre si, estas sendo: praça Avelino Nunes Vasconcelos, praça Orlando Andrade de Gois e Pracinha do Parque.

Figura 9 – Localização da área de estudo em Aracaju/SE



Fonte: Adaptado de Open Street Maps (2023)

A Figura 10, apresenta foto aérea das 3 praças e as vias do entorno, último registro do local registrado no Google Maps (2023).

Figura 10 - Imagem aérea das três praças



Fonte: Google Maps (2023)

Participantes

Neste estudo, a seleção dos participantes para a pesquisa foi baseada na conveniência do pesquisador, considerando tanto os frequentadores das praças quanto os comerciantes presentes, seguindo a abordagem denominada "amostragem por conveniência" (GIL, 1999, p. 116). O pesquisador escolheu os elementos disponíveis, assumindo que eles poderiam representar, de alguma maneira, o universo em estudo. A seleção dos participantes ocorreu de forma presencial, levando em conta a proximidade com as áreas de interesse. Ao todo, 15 indivíduos participaram do estudo, sendo 8 moradores que frequentam as praças pesquisadas e 7 comerciantes que operam nesses locais.

Os moradores são pessoas que habitam na região em torno das praças (as praças são adjacentes uma das outras). Os comerciantes informais são proprietários de pequenos comércios e serviços localizados no interior das praças, sendo que dois deles com estabelecimentos em frente a uma das praças, mas que estão na sua zona de influência, inclusive utilizando seu espaço para comercialização de seus produtos.

Nas Tabelas abaixo (Tabelas 1 e 2) são resumidos dados demográficos de moradores e comerciantes entrevistados nas 3 praças. Na praça Praça Avelino Nunes Vasconcelos foram realizadas 8 entrevistas (3 moradores e 5 comerciantes), na praça Orlando Andrade de Gois

foram realizadas 4 entrevistas (2 moradores e 2 comerciantes) e na Pracinha do Parque foram realizadas 3 entrevistas (3 moradores). O resumo das entrevistas com moradores e comerciantes pode ser encontrado nos apêndices V e VI.

Tabela 1 - Dados demográficos e de uso - moradores

Entrevistado(a)	Idade	Meio de transporte até a praça	Motivo de utilização da praça	Frequência na praça	Praça realizada a entrevista	Menção a outra praça
1	32	A pé	Alimentação /lanche	3 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
2	57	A pé	Alimentação /lanche	3 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
3	30	A pé	Caminhada	6 x por semana	Pracinha do Parque	sim
4	28	A pé	Caminhada /futebol	4 x por semana	Pracinha do Parque	sim
5	65	Carro	Compra na feira	1 x por semana	Orlando Andrade de Gois	sim
6	58	A pé	Caminhada	3 x por semana	Pracinha do Parque	sim
7	29	Bicicleta	Alimentação /lanche	4 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
8	44	A pé	Alimentação /lanche /compra na feira	2 x por semana	Orlando Andrade de Gois	sim

Fonte: Autoria própria (2023)

Tabela 2 – Dados demográficos e de uso - comerciantes

Entrevistado(a)	Idade	Meio de transporte até a praça	Motivo de utilização da praça	Frequência na praça	Praça realizada a entrevista	Menção a outra praça
1	42	A pé	Venda de produtos	5 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
2	37	Carro	Venda de produtos	5 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
3	67	A pé	Venda de produtos	7 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
4	48	Carro	Venda de produtos	4 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
5	39	Carro	Venda de produtos na feira	1 x por semana	Orlando Andrade de Gois	sim

6	36	Carro	Venda de produtos	5 x por semana	Avelino Nunes Vasconcelos	sim
7	40	Carro	Venda de produtos na feira	1 x por semana	Orlando Andrade de Gois	sim

Autoria própria (2023)

Esquema da pesquisa

A Tabela a seguir (Tabela 3) reflete o esquema básico da pesquisa de dados coletados já incluída na relação entre apropriação e os elementos de análise social, ambiental e econômico do desenvolvimento sustentável. Esse esquema foi formulado no momento da elaboração do projeto de pesquisa, a partir dos estudos bibliográficos e das primeiras observações realizadas. Ele foi fundamental para guiar a organização dos instrumentos de pesquisa.

Tabela 3 - Esquema metodológico da pesquisa

Conceitos	Dimensões	Elementos de análise
Apropriação do espaço	Social	• Atividades físicas e de lazer • Criação de grupos • Satisfação de necessidades • Identificação do ambiente
	Ambiental	• Cobertura vegetal • Limpeza do ambiente • Modificação no espaço
	Econômico	• Comercialização no espaço público • Organização espacial • Estruturas criadas

Fonte: Autoria própria (2023)

Instrumentos de coleta de dados

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados:

1. Observação assistemática - Considerando os objetivos específicos 1 e 2 desta pesquisa a observação do local foi utilizada em diversos momentos desde a elaboração do projeto;
2. Registro fotográfico - Considerando os objetivos específicos 1 e 2 desta pesquisa o registro fotográfico foi utilizado em diversos momentos desde a elaboração do projeto;
3. Matriz Quali-quantitativa criada por De Angelis et al. (2004) - Considerando os

objetivos específicos 1 e 2 desta pesquisa, este instrumento foi utilizado visando um entendimento melhor do espaço físico e seus diferentes usos nas três (03) praças. A partir dela foi criado um diagnóstico e caracterização mais aprofundada do espaço nas dimensões sociais, ambientais e econômicas (APÊNDICE II). Esse instrumento foi utilizado mediante observação e dados físicos coletados pelo pesquisador nos locais de pesquisa.

4. Mapa Comportamental (RHEINGANTZ et al, 2009) - Considerando os objetivos específicos 1 e 2 desta pesquisa foram confeccionados 1 mapa com registro em desenho de cada uma das três (03) praças, contendo características espaciais, fluxo de pedestres e locais de aglomeração (Figuras 14, 19 e 23). Esse instrumento foi utilizado mediante observação dos espaços e fluxos e dados físicos coletados pelo pesquisador nos locais de pesquisa.
5. Entrevistas semi-estruturadas – Considerando os objetivos específicos 3 e 4 desta pesquisa foram criados 2 roteiros de perguntas, sendo 1 para moradores e outro para comerciantes do local, elaborados a partir do esquema metodológico da pesquisa (Tabela 1). As entrevistas proporcionaram um contato mais pessoal com aqueles que utilizam o espaço estudado, identificando opiniões sobre os usos e tipos de apropriações que ali ocorrem, sentimentos e cursos de ação quanto a essas apropriações e mudanças no espaço, além de coletar dados do perfil dos entrevistados como frequência e motivação dos usos (RHEINGANTZ et al, 2009).

Nas entrevistas com moradores, as questões foram direcionadas a informações sobre:

- Atividades nas praças;
- Percepção de mudanças nas praças;
- O que gosta/desgosta;
- Como desenharia o futuro das praças;
- Opinião sobre mudanças/impacto mudanças;
- Pontos positivos/ negativos do comércio nas praças;
- Qualidade do espaço natural;
- Opinião sobre cuidados com as praças;
- Influência de praças na escolha do local de moradia.

Nas entrevistas com comerciantes, as questões se dirigiram a dados sobre:

- Motivação para venda de produtos na praça

- Percepção de mudanças nas praças
- Como desenharia o futuro das praças
- Opinião sobre impacto do comércio
- Influência da praça influência na escolha do local de venda
- Se as atividades comerciais na praça afetam o espaço verde

O sentido das perguntas foi o de captar dados relacionados a criação e manutenção da apropriação do espaço, seguindo o modelo duplo de Pol (2002), nos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados (objetivo 3 e 4 desta pesquisa).

A pesquisa é caracterizada como levantamento já que almejou alcançar um entendimento próximo dos indivíduos envolvidos (moradores locais, comerciantes formais e informais) através de entrevistas que foram aplicadas (APÊNDICES III e IV). Para tanto, utilizou também dados documentais e bibliográficos produzidos sobre as temáticas de interesse, especialmente dados relevantes sobre os espaços e comunidades estudados em sites e arquivos públicos municipais, de órgãos públicos. Destaca-se aqui o documento intitulado “Aruana Praças: Plano Geral” fornecido pela A Empresa Municipal de Obras e Urbanização (EMURB) após consulta feita pelo pesquisador à empresa (ANEXO I). Vale destacar que foi verificada uma escassez de documentos sobre o planejamento e implantação de praças nos órgãos competentes da Prefeitura Municipal de Aracaju-PMA. Não foram encontrados registros desse tipo nos dados abertos (sites da PMA) e mesmo com a solicitação de documentos feita a PMA pelo pesquisador, apenas o documento acima referido foi disponibilizado, com a observação do órgão de que era o único documento disponível. Foram utilizados dados abertos disponíveis ao público em geral nos sites da SEMA, ADEMA, EMURB (dados de domínio público) no levantamento de dados e informações para definição dos locais, além de dados obtidos no Google Earth.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de janeiro/2023 a abril/2023 e foi dividida em 3 fases:

1. Observação livre, realizada esporadicamente pelo mês de janeiro.
2. Aplicação de 2 instrumentos para cada uma das praças: a) a Matriz Qualiquantitativa criada por De Angelis et al. (2004), visando ter um entendimento melhor de seu espaço físico e seus diferentes usos, criando um diagnóstico e caracterização mais aprofundada do espaço nas dimensões sociais, ambientais e econômicas (APÊNDICE II); b) o Mapa Comportamental (RHEINGANTZ et al, 2009), onde foram desenhados 1 mapa para cada praça contendo

características espaciais, fluxo de pedestres e locais de aglomeração (Figuras 14, 19 e 23). Ambos os instrumentos mostraram-se vitais para a compreensão dos comportamentos e atividades ali realizadas no cotidiano das praças durante o período de realização da pesquisa.

3. Foram realizadas no total 15 entrevistas semiestruturadas (APÊNDICES III, IV, V e VI) presenciais com moradores e comerciantes que ocupavam os espaços das praças Avelino Nunes Vasconcelos, Orlando Andrade de Gois e a Pracinha do Parque. As entrevistas foram realizadas durante os dias de semana e fins de semana dos meses de março/2023 e abril/2023, muitas vezes selecionando novos participantes através de indicações e convites por aqueles previamente contactados.

Para a coleta de dados, foi respeitado o esquema de visitas criado pelo pesquisador (Tabela 4) para padronizar a utilização dos instrumentos. O pesquisador intercalou os dias e horários de visita, coletando em horários e dias diferentes em relação a coleta da semana anterior, abrangendo assim uma visão mais ampla do cotidiano das praças estudadas. A escolha dos horários e dias da semana foi baseada em observações iniciais da pesquisa e reflete de forma equilibrada dias de maior e menor movimentação e ocupação desses espaços. Como foi apontado, as semanas de realização da coleta pertenciam aos meses de janeiro/2023 a abril/2023.

Tabela 4 – Esquema de dias e horários de visita

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
07:00 –							
09:00 –							
13:00 –							
15:00 –							
17:00 –							
19:00							

Fonte: Autoria própria (2023)

Seguindo os métodos descritos, foi possível criar uma relação entre os espaços estudados e as ações realizadas pela população de um meio urbano, neste caso, três (03) EVU.

Análise e tratamento dos dados

Em relação à análise e ao tratamento dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de

Conteúdo, almejando uma análise apropriada da troca de informações realizada com os entrevistados. De acordo com Laville e Dione (1999), a análise de conteúdo é um recurso amplamente utilizado que permite a mensuração da qualidade da discussão com base na compreensão dos próprios pesquisadores sobre o conceito de "boa deliberação".

Foi realizada em três fases ordenadas, segundo Bardin (1977), na seguinte ordem: pré-análise, sendo a organização e planejamento dos elementos a serem analisados, iniciando com a identificação de critérios baseadas nas categorias da matriz quali-quantitativa de De Angelis et al (2004) e no mapa comportamental de Rheingantz et al (2009), bem como da observação e entrevistas. Nesta última, foi feita a organização dos dados coletados definidas as categorias utilizadas para interpretar os dados com base nos conceitos de “ação transformadora” e “identificação simbólica” (POL, 2002). Em seguida, foram identificados trechos que se enquadram nas categorias estabelecidas anteriormente. Na sequência, foi feita a exploração do material, consistindo na compreensão e recorte dos materiais analisados, e tratamento dos resultados, tarefa realizada através da interpretação, moldando os resultados obtidos em informações consolidadas e relacionando-os com as bases teóricas desta dissertação.

Procedimento ético

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe (ANEXO II). Está localizado em Apêndice o Termo de Conduta Livre e Esclarecido (TCLE) utilizado para abordar, informar e conduzir as entrevistas semi-estruturadas da pesquisa (APÊNDICE I).

Os dados obtidos por meio desta pesquisa são confidenciais e não foram divulgados em nível individual, sendo manuseados, exclusivamente, pelo pesquisador responsável e orientadores mediante as fases de coleta, tratamento e análise, visando assegurar a confidencialidade e a manutenção do sigilo e o anonimato da participação dos entrevistados. Os resultados obtidos na pesquisa foram tornados públicos nos meios acadêmicos e científicos de forma sistematizada e consolidada sem qualquer identificação dos participantes de pesquisa.

Os entrevistados não foram identificados nominalmente no relatório de pesquisa. As informações foram armazenadas em arquivo word no computador pessoal do pesquisador. Os participantes foram abordados a partir de uma prévia apresentação da pesquisa e do pesquisador, bem como dos objetivos, metodologia e seus direitos enquanto entrevistado, além da explanação sobre o Termo de Conduta Livre e Esclarecido (TCLE). O detalhamento da dinâmica pesquisador - entrevistado pode ser encontrado no Apêndice I deste relatório.

A participação neste estudo oferece riscos mínimos e transitórios, não obstante os cuidados do pesquisador, visto que os(as) participantes poderiam se sentir desconfortáveis ou constrangidos em expor suas percepções acerca do que lhes foi questionado, além da possibilidade de surgirem dúvidas ou interpretações equivocadas. Ainda que busque assegurar o anonimato do participante, foi considerado o risco de ele ser identificado mediante a identificação do local ou organização a que se está vinculado. Para atenuar essas situações, o pesquisador responsável assegurou a assistência necessária aos(às) participantes da pesquisa por meio de uma postura ética e profissional, os quais poderiam solicitar o encerramento da entrevista a qualquer momento ou desistir de responder ao questionário sem qualquer ônus. Ressalta-se que as entrevistas individuais asseguraram maior conforto aos(as) participantes, e esses foram resguardados de qualquer tipo de exposição. Ademais, um pré-teste do instrumento de coleta de dados foi realizado exatamente com a intenção de mitigar possíveis erros de interpretação e outros desconfortos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados, de início, os dados coletados utilizando os instrumentos destacados na seção de método (parte 3 desta dissertação). Esta apresentação será feita a partir de cada uma das 3 praças onde a pesquisa foi realizada. Em seguida, serão discutidos e analisados os dados coletados em subseções focadas no espaço e na apropriação do espaço.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1.1 Praça Avelino Nunes Vasconcelos

Ao analisar a praça Avelino Nunes Vasconcelos notou-se o maior grau de complexidade ao ser comparada às outras 2 praças em relação a atividades realizadas em seu interior e influência gerada ao seu redor. Constando com 7.679,17m² em área total (ANEXO I), esta praça foi alvo de diversas modificações pontuais em seu espaço físico interno, resultantes do interesse econômico existente na região.

Em 2018 esta praça foi alvo de projetos de urbanização (ANEXO I) a serem executados pela EMURB (2018), almejando modernizar o espaço com instalação de equipamentos e espaços de lazer variados, mas, até o momento, não foram realizadas obras resultantes desses planos.

Essa praça possui uma morfologia complexa no sentido de sua utilização e ocupação do solo, com alterações ao longo dos dias da semana, horários do dia e zonas específicas da praça. Ao comparar os dados obtidos nas 3 praças estudadas, a praça Avelino Nunes Vasconcelos mostrou-se a mais alterada fisicamente, contendo diversos atributos adicionados a ela advindos da população, especialmente dos comerciantes que ali trabalham.

Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças

A partir da coleta de dados pela matriz de avaliação de praças (APÊNDICE II) pôde-se constatar que o estado dos equipamentos e da infraestrutura original da praça não se encontravam em boas condições gerais. As calçadas que ali previamente existiam em seu perímetro apresentavam-se destruídas e praticamente inexistentes. A iluminação também deixava a desejar, contando com apenas 2 postes de luz, sendo insuficientes fontes de luz própria para o tamanho da praça, deixando muitos de seus espaços internos escuros ao anoitecer. Sobre os equipamentos de lazer, existia uma pequena pista de skate abandonada, nunca utilizada segundo observações em campo. Não existiam lixeiras próprias da praça, nem bancos. Havia

um ponto de ônibus na praça, no lado da Rua Maria Vasconcelos de Andrade.

Vale ressaltar que, ao observar o espaço, foi preciso levar em consideração os equipamentos instalados pelo comércio em seus territórios específicos (Figura 11). Equipamentos básicos de praças como bancos, lixeiras e iluminação eram fornecidos pelos comerciantes quando eles estavam presentes, amenizando a ausência original da infraestrutura. Existiam locais com pavimentação simples de concreto e até mesmo de cascalho, ainda havendo espaços com distribuição de mesas e cadeiras para consumo de alimentos.

Figura 11 - Ocupação do espaço pelo comercial



Fonte: Autoria própria (2023)

Vale pontuar que, somente nesta praça, foi observado a sua ocupação de comércios de lotes adjacentes, utilizando o espaço para criar um ambiente de consumo para clientes (Figura 12). Dentro da praça encontravam-se 2 espaços de extensão desses comércios que criaram seus ambientes específicos de venda.

Figura 12 – Extensão de um comércio para consumo de alimentos



Fonte: Autoria própria (2023)

Foi possível observar que, apesar de existirem espaços de estacionamento ao redor da praça, parte do seu interior era utilizada pelo público para estacionar veículos em dias mais movimentados como as sextas-feiras, quando, a partir do meio dia (em torno das 12hs até as 22hs), uma feira livre era instalada nas proximidades. Veículos (motos, carros e caminhões) entravam por uma das laterais da praça e permaneciam estacionados no centro do ambiente, deixando o solo arenoso, sem grama nem árvores.

Em relação à cobertura vegetal, esta praça possuía uma grande quantidade de árvores (37) espalhadas pela sua área, com maior densidade em seu perímetro. As árvores eram de grande porte, cobrindo boa parte da praça em sombra, mantendo um clima mais agradável em seu interior (Figura 13). Como foi comentado, seu centro apresentava uma redução significativa em cobertura vegetal, tanto em árvores quanto em grama, por conta da movimentação de veículos.

Figura 13 - Cobertura vegetal pelo perímetro da praça



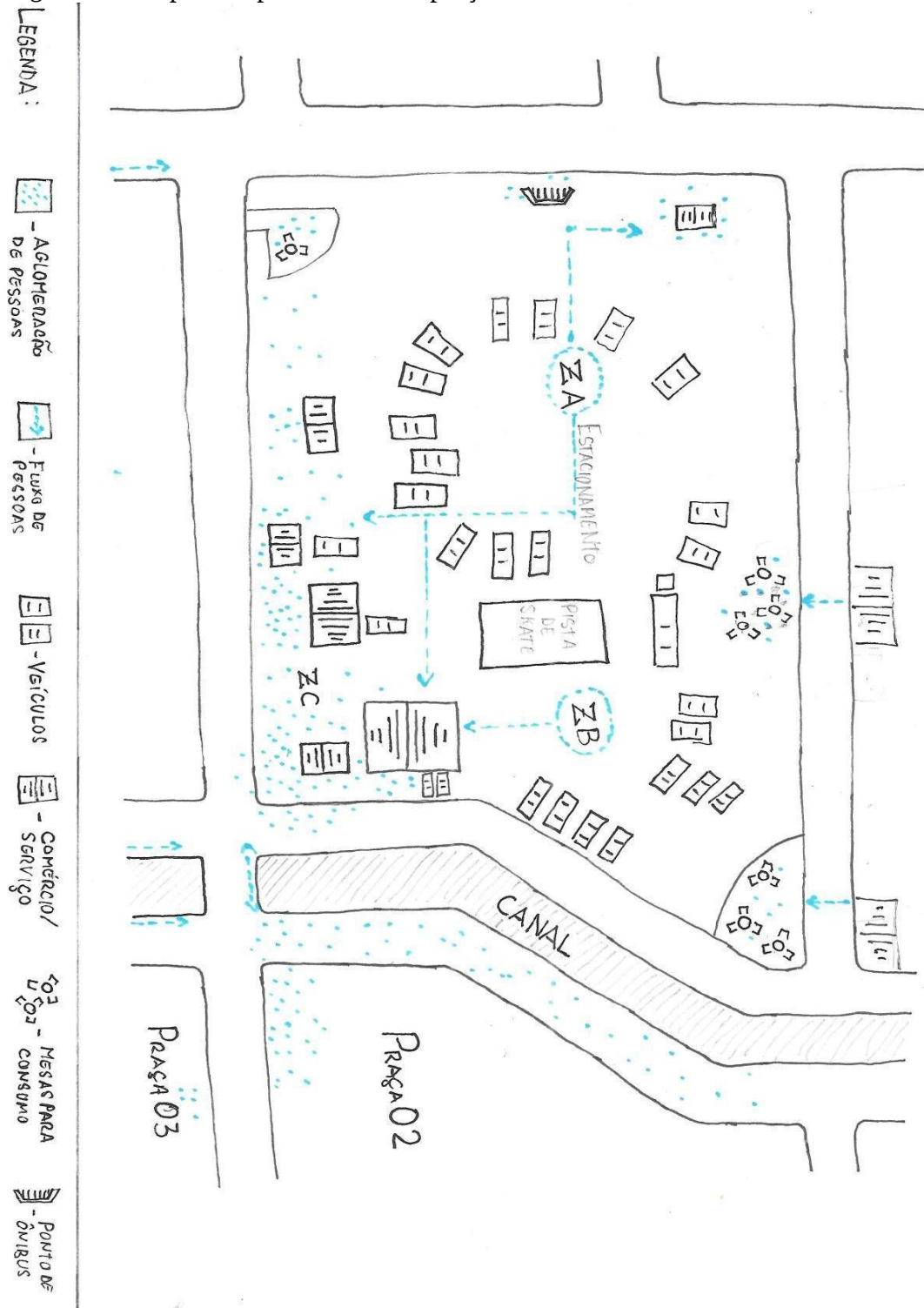
Fonte: Autoria própria (2023)

Do ponto de vista sanitário, a praça conseguia manter um nível de limpeza relativamente apropriado durante a maioria dos dias da semana, contando com alguns momentos com presença de lixo jogado em seu interior nos dias de sexta-feira.

Mapa Comportamental

Com a aplicação do instrumento de criação de Mapas Comportamentais (Figura 14), foi possível observar a primeira instância de um padrão reproduzido nas 3 praças em diferentes níveis: o fluxo e a permanência de pessoas na praça mudava de acordo com os dias da semana, sendo seu ponto mais alto nos dias de sexta-feira, e seu ponto mais baixo em dias de segunda-feira.

Figura 14 – Mapa Comportamental da praça Avelino Nunes Vasconcelos



Fonte: Autoria própria (2023)

A praça possuía um fluxo variável tanto de pedestres quanto de comerciantes a depender do dia, criando uma dinâmica na questão de utilização de seu espaço. Como exemplo, existiam

dias em que não haviam barraquinhas de venda ou bancos para servir comida, ou até mesmo ausência de carros estacionados no interior da praça. Existia então uma “onda” no fluxo, onde a praça flutua entre ser um espaço majoritariamente transitório - sem venda, sem atividades de lazer, sem parte dos equipamentos - e ser um espaço de permanência para venda/consumo de produtos e de reunião de grupos (Figura 15).

Figura 15 – Imagens durante dias movimentados



Fonte: Autoria própria (2023)

Os pontos onde eram encontrados grupos se formando estão localizados no perímetro da praça onde comércios estejam abertos no dia. Pode ser visto no mapa comportamental os diferentes espaços onde se aglomeram pessoas para desfrutar do comércio. Nesses dias em que os todos os comércios internos estão funcionando, a movimentação e permanência de grupos nos espaços transformavam a praça em um “point” de encontro. Esta aglomeração de pessoas

era encontrada em diferentes graus de intensidade, sendo o seu pico em dias em que a feira está instalada ao seu lado. Nesses dias, todas as 3 praças se transformam para acomodar as necessidades atribuídas a elas.

Entrevistas Semi-Estruturadas

Esta praça é um exemplo claro de como o uso comercial pode criar um dilema na questão urbanística de uma região. Embora a presença dos comércios internos possa trazer benefícios para o espaço, como torná-lo mais atraente e funcional para o público, efeitos colaterais desse crescimento desordenado são perceptíveis para a maioria dos moradores. Residentes mais antigos da região comentaram que esta praça é modificada de tempos em tempos, recebendo diferentes modificações através dos anos, tanto em uso, quanto em alterações do espaço físico.

Em todas as 3 entrevistas com moradores nesta praça foi relatado que ela foi transformada para acatar necessidades econômicas na última década, tendo seu uso ampliado com cada adição de novos vendedores dentro de sua extensão. Há relatos de uma feira, já não existente, que costumava ser realizada no centro da praça, onde hoje são estacionados veículos. Segundo entrevistados, houveram diversas mudanças em relação ao tipo de produto/serviço instalado em determinados pontos pelo seu perímetro. Com o tempo, até mesmo alguns comércios em lotes de fora da praça utilizaram seu território. Segundo os 3 moradores, essa apropriação do espaço público pelo comércio trazia benefícios para o espaço, criando um uso previamente inexistente. Seguindo essa linha, foi comparada a relevância desta praça no passado e no presente, argumentando que estava sendo mais útil para a vida da região durante o período da pesquisa.

Foi possível observar que o comércio interno da praça realmente era um elemento muito atrativo para seu espaço, levando esse ponto em consideração ao escutá-lo em entrevistas com moradores deste estudo. Porém, para alguns moradores, um equilíbrio entre o uso comercial e as necessidades urbanísticas da região é importante para que haja um planejamento adequado para a ocupação do espaço público, levando em conta as necessidades da população e também a preservação do meio ambiente. 2 moradores que utilizam esta praça argumentaram que é fundamental que os frequentadores da praça e comerciantes sejam conscientes da importância de manter o espaço limpo, organizado e preservado, evitando assim o surgimento de problemas como a poluição e o uso inadequado do espaço. Para eles, a falta de fiscalização e planejamento no uso do espaço transmitia uma noção de falta de coesão e identidade para a comunidade.

A imagem relatada pelos 8 entrevistados (moradores e comerciantes) desta praça foi a

de um espaço comercial que complementa a vida da região local com o fornecimento de produtos, serviços e de mudanças de ritmo ao longo da semana. Para eles, esta identidade advém das atividades de comerciantes que transformaram espaços específicos para realizar seus trabalhos, criando um fluxo previamente inexistente de pessoas para a praça. Para alguns, era um espaço voltado para saciar necessidades básicas de consumo de produtos, para outros era um espaço relacionado ao seu ganha pão, sua fonte de renda.

Em todas as 5 entrevistas com comerciantes desta praça também foi encontrado que a praça recebeu transformações em seu espaço físico para acatar às necessidades do público local, sendo modificada com o tempo e seu uso foi ampliado. Esses comerciantes afirmaram que houveram mudanças na questão econômica em relação aos tipos de produtos e serviços ofertados.

Além disso, eles avaliam que essa apropriação do espaço foi benéfica para o mesmo, já que possibilitou a existência de novos usos com o passar do tempo. Ainda avaliaram que a praça naquele momento tinha mais utilidade que no passado. De acordo com relatos dos 5 comerciantes, a utilização desta praça tem sido fundamental para manter sua relevância na vida cotidiana da região. Isso reforçou a ideia de que, para eles, se não houvesse uma intensa apropriação comercial do espaço, ele seria subutilizado e pouco importante para a maioria dos moradores.

Há relatos de comerciantes que levaram em consideração a cobertura vegetal da praça através de lógicas diferentes. Um dos comerciantes comentou ter realizado o plantio de múltiplas árvores que ali estavam presentes por desejar ter um espaço mais agradável de permanência enquanto passa os dias realizando suas vendas. Outros 3 afirmam terem plantado árvores e arbustos para ajudar a criar um espaço mais confortável para eles e seus clientes, assim como para auxiliar a delimitar seu território de venda.

Para organizar os tipos de transformações e identidades observadas e discutidas em entrevistas, foi criado a tabela a seguir (Tabela 5) baseada no esquema geral da pesquisa e no modelo duplo de Pol (2002):

Tabela 5 – Modelo Duplo de Pol (2002) na praça Avelino Nunes Vasconcelos

Modelo Duplo de Pol (2002)	Categorias/Transformações observadas
Ação Transformadora	► Organização espacial: • Ocupação do solo público para venda de produtos; ► Estruturas criadas:

	• Criação de espaços para venda/consumo de produtos com calçamento (concreto, granito), delimitação de território (cerca viva, pneus) e cobertura (toldos, carrinhos); ► Cobertura vegetal: • Plantio de arbustos e árvores para delimitar território e pelo conforto térmico e visual; • Ocupação do espaço central da praça para estacionamento de veículos; ○ Cria-se uma clareira em seu centro incapaz de possuir cobertura vegetal; ► Limpeza do ambiente: Geração de resíduos sólidos pelo comércio criado em seu interior e no entorno;
Identidade Simbólica	► Identificação do ambiente: • Praça comercial; • Espaço “semipúblico”; • Espaço com impacto no cotidiano da região; • Espaço com potencial; ► Satisfação de necessidades: • Espaço de convívio curto; Espaço de compra/venda de produtos ao ar livre;

Fonte: Autoria própria (2023)

4.1.2 Praça Orlando Andrade de Gois

Assim como a praça Avelino Nunes Vasconcelos, a praça Orlando Andrade de Gois recebeu planos de urbanização pela EMURB (2018), porém sem manifestação de tais mudanças

até o momento. Contendo 3.918m² (ANEXO I) de área, essa é a menor praça do estudo, retendo particularidades discutidas a seguir.

Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças

Ao observar a qualidade de seu espaço, esta praça não estava em boas condições em geral. Calçadas ou pavimentação eram inexistentes em boa parte de seu perímetro, destruídas pelo desgaste e pela falta de manutenção. Utilizando de ferramentas do Google Earth (pelo pesquisador), foi possível notar a existência desses elementos no ano de 2011. Além disso, não havia iluminação adequada para o espaço, estando ausentes fontes de luz próprias como postes. Não existiam equipamentos como bancos e lixeiras ou espaços dedicados para o lazer. A única estrutura permanente desta praça era uma hamburgueria em um de seus cantos.

Além disso, assim como na praça analisada anteriormente, ocorria o mesmo fenômeno de utilização do seu espaço interno como estacionamento em dias movimentados, apenas com um pequeno adendo: parte deste espaço era usado como auxílio para embarque e desembarque (em caminhões e carros utilitários) de mercadorias de vendedores da feira que aconteciam nos dias de sexta-feira (Figura 16).

Figura 16 - Estacionamentos internos na praça Orlando Andrade

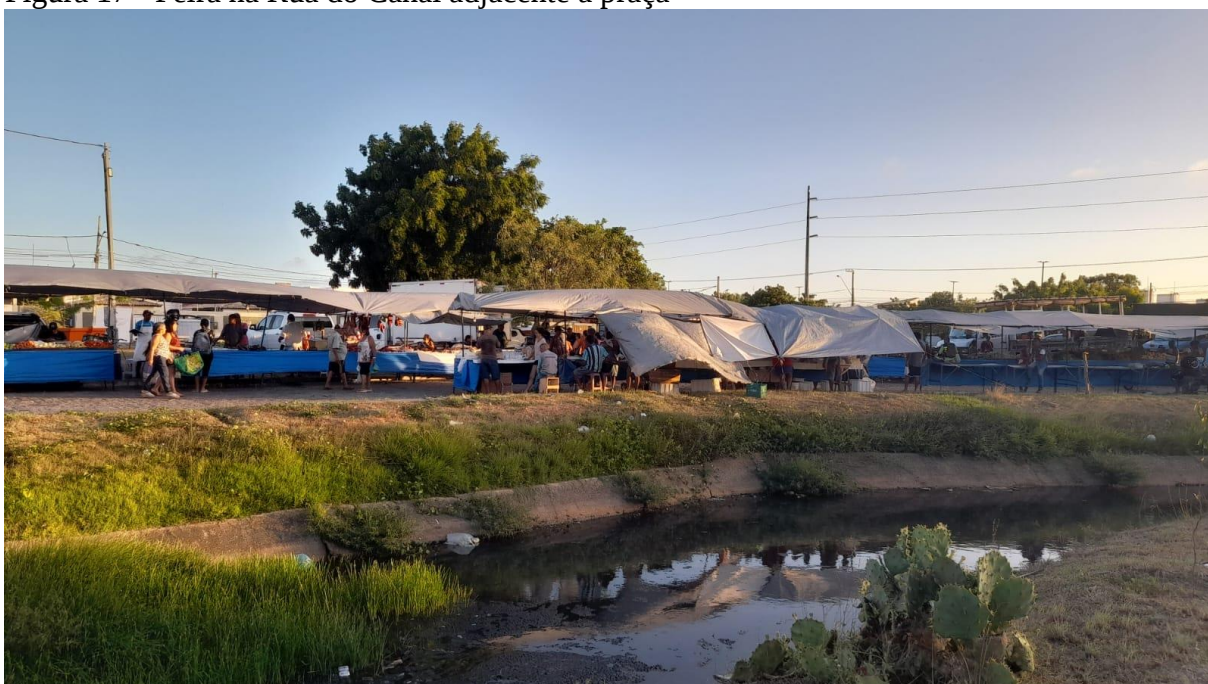




Fonte: Autoria própria (2023)

É necessário pontuar que, em sua adjacência, na rua do canal, era realizada uma feira em dias de sexta-feira (Figura 17). Nesses dias, parte do espaço da praça era utilizado pelos feirantes para expor seus produtos ou para estacionar seus carros/caminhões. Além da feira, havia apenas a presença de uma pequena barraquinha temporária de amendoim que usava o espaço da praça em alguns dias.

Figura 17 - Feira na Rua do Canal adjacente à praça





Fonte: Autoria própria (2023)

A cobertura vegetal da praça não estava em boas condições, contendo apenas 11 árvores espalhadas pelo espaço. A cobertura de grama era mediana para seu tamanho, sendo limitada pela movimentação dos veículos e utilização da feira.

Além disso, ao analisar a limpeza do ambiente, foram observadas grandes quantidades de lixo produzido em dias de feira. Pelas manhãs do dia seguinte (sábados) foi possível observar serviços de coleta de lixo trabalhando nesses espaços. A má gestão do lixo, especialmente na área ocupada pela feira (Figura 18), não gerava apenas um ambiente desagradável, mas também podia trazer riscos à saúde pública, especialmente quando os resíduos sólidos ficam próximos a cursos de água.

Figura 18 - Lixo em dia seguinte da feira



Fonte: Autoria própria (2023)

Ainda que haja a limpeza e coleta de resíduos (aos sábados) resultantes da feira semanal realizada nas sextas-feiras pela Empresa Municipal de Serviços Urbanos (EMSURB), parte desses resíduos acabava caindo no canal de drenagem hídrica próximo a localização da feira e os resíduos também permanecem no local durante toda a madrugada e em parte das manhãs dos sábados, ocasionando a circulação de roedores e outros animais e insetos.

Mapa Comportamental

Similarmente à praça Avelino Nunes Vasconcelos, a praça Orlando Andrade de Gois recebia um grande fluxo de pessoas em dias de feira e menos em outros, porém, no caso desta praça é mais notável.

Figura 19 – Mapa Comportamental da praça Orlando Andrade de Gois



Fonte: Autoria própria (2023)

Em dias da semana (exceto sextas-feiras), eram observados grupos de pessoas apenas na hamburgueria (Figura 20), já que era o único uso fornecido pelo espaço com equipamentos de cobertura e iluminação. Durante os dias de feira (nas sextas-feiras) as pessoas tendiam a orbitar a região da hamburgueria e da feira, criando um ponto único no espaço onde era possível ver agrupamento de pessoas.

Figura 20 - Hamburgueria da praça Orlando Andrade / árvore com lâmpadas instaladas



Fonte: Autoria própria (2023)

A falta de diversidade em seu uso, limitado apenas à hamburgueria e à feira, e a completa ausência de equipamentos (bancos, mesas, calçadas) fazia com que o espaço seja muito pouco utilizado em grande parte do tempo, gerando um ciclo de espaço lotado-vazio. Esse problema era comum nas outras duas praças, mas se tornava ainda mais evidente neste caso.

Entrevistas Semi-Estruturadas

Em entrevistas, ficou claro o descontentamento de moradores com esta praça em comparação com as outras duas, tanto no estado físico (equipamentos, infraestrutura), quanto na forma de uso. A comparação desta praça com a Avelino Nunes Vasconcelos foi feita múltiplas vezes, provavelmente por compartilharem a mesma condição de serem transformadas para favorecer o comércio.

Os relatos dos 2 moradores, além da menção em entrevistas em outras praças, indicavam uma má utilização do espaço da praça, boa parte se resumindo a estacionamento de veículos e armazenamento de produtos da feira. Esta feira, apesar de ser realizada adjacente à praça na rua do canal, parecia compor grande parte da identidade desta praça, refletindo no aspecto de permanência de pessoas em seu espaço, mudando drasticamente a depender da realização da

feira no dia. Este fenômeno, ao ser comentado nas entrevistas, era entendido como prejudicial à praça, gerando a imagem e relatos de uma praça vazia durante quase toda a semana. Para os moradores entrevistados, uma possível solução seria a implantação de elementos verdes que incentivem a permanência no espaço, além de oferecer opções de atividades para a comunidade.

Além disso, havia o problema do lixo gerado semanalmente, agravado pela proximidade ao canal. Além de ser um discurso escutado nas 2 entrevistas com moradores, houve momentos em que esse pesquisador pôde escutar pessoas que transitavam pelas ruas do canal reclamando sobre o mau cheiro ao andarem próximas à feira e ao corpo d'água, comentando também sobre a sujeira.

Foi comentada a necessidade de uma regulamentação mais rígida, principalmente em relação ao lixo, de acordo com os 2 moradores entrevistados que relatam que a má gestão do lixo na área da feira acabava afetando todo o entorno, gerando problemas sanitários e ambientais. Foi discutida a necessidade de pensar em medidas para solucionar esse problema, como a implementação de mais lixeiras ou até mesmo a contratação de uma equipe de limpeza para atuar durante o dia da feira.

Este sentimento era compartilhado, em parte, com comerciantes da região, concordando que esta praça servia quase completamente às necessidades da feira e que havia um problema com o manejo de resíduos sólidos. Porém, uma das linhas de pensamento encontrada durante as 2 entrevistas com vendedores da feira era a de que as transformações causadas pelo comércio nesta praça e na Avelino Nunes Vasconcelos foram necessárias para manter a relevância do espaço. Segundo eles, caso não fosse realizada a feira em suas adjacências, esta praça seria mais vazia ainda em comparação às outras, por conta da falta de árvores e de comércio em lotes ao seu redor.

A feira é vista como um evento que favorecia a integração das 3 praças no cotidiano da região. Encontrados em todas as 15 entrevistas estão alguns efeitos seguidos da realização desse evento, como comerciantes recebendo mais clientes em seus estabelecimentos e moradores se sentindo atraídos para as três (03) praças ao desejarem consumir produtos, se encontrar com outras pessoas e, em geral, passar o tempo em um ambiente mais movimentado.

Para organizar os tipos de transformações e identidades observadas e discutidas em entrevistas, foi criada a tabela a seguir (Tabela 6) baseada no esquema geral da pesquisa e no modelo duplo de Pol (2002):

Tabela 6 – Modelo Duplo de Pol (2002) na praça Orlando Andrade de Gois

Modelo Duplo de Pol (2002)	Categorias/Transformações observadas
Ação Transformadora	► Organização espacial: ● Ocupação do solo público para venda e armazenamento de produtos; ○ A feira semanal adjacente à praça ocupa parte de seu território; ► Cobertura vegetal: ● Ocupação do espaço central da praça para estacionamento de veículos; ○ Grande parte de seu espaço interno é desprovido de qualquer tipo de cobertura vegetal; ► Limpeza do ambiente: Geração de resíduos sólidos pela feira, necessita de serviços para limpeza;
Identidade Simbólica	► Identificação do ambiente: ● Praça com relevância temporária; ● Espaço “semipúblico” ● Espaço com pouca conexão com o indivíduo/grupo; ● Espaço com pouca identidade; ► Satisfação de necessidades: ● Espaço de convívio mínimo; Espaço de compra/venda de produtos ao ar livre;

Fonte: Autoria própria (2023)

Em resumo, as entrevistas apontam que é preciso buscar uma maior diversidade de usos para a praça durante a semana, que vá além da comercialização de produtos durante os dias de feira. Na percepção dos entrevistados, com uma regulamentação adequada e o uso de elementos

verdes seria possível criar um ambiente mais atrativo para a comunidade, incentivando a permanência e a realização de atividades de lazer. Além disso, para eles, é fundamental buscar soluções para o problema do lixo, garantindo uma praça mais limpa e agradável para todos.

4.1.3 Pracinha do Parque

Ao contrário das outras duas praças, a Pracinha do Parque, que contém 6.069m de extensão, não recebeu nenhum plano de urbanização, apesar de possuir a melhor estrutura física ao ser comparada com as outras. Foi relatado que ela havia sido construída por um acordo com uma empresa de construção civil, seguindo um plano acordado com a prefeitura de Aracaju, como contrapartida de comercialização de lotes residenciais no seu entorno.

Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças

Esta praça contava com calçada e caminhos internos em boas condições, além de uma boa cobertura de iluminação de seu espaço e equipamentos (17 postes). Os bancos de concreto (8 bancos) não estavam em boas condições de preservação, alguns se desfazendo, e não existiam lixeiras em seu interior no momento da coleta, sendo possível observar a existência de lixeiras em seu passado histórico, evidenciado na utilização (deste pesquisador) da função de registros antigos do Google Earth no ano de 2011. Havia ainda um ponto de ônibus em frente a Avenida José Vicente de Almeida. Em relação equipamentos diversos, a praça continha 3 elementos: I- uma quadra de futebol em boas condições com iluminação própria (holofotes); II- um parquinho básico para crianças que necessita de manutenção, com peças de madeira já descascando e apodrecendo; III- um pequeno monumento (altar com santa católica) destinado a práticas religiosas. Essa é a única praça em que não há comércio instalado internamente.

Figura 21 - Elementos da praça





Fonte: Autoria própria (2023)

A cobertura vegetal presente aqui era de excelente qualidade, contendo múltiplas árvores (59) de diferentes espécies. As árvores cobriam boa parte do espaço interno em sombra, estando ausentes apenas nas proximidades do campinho de futebol. Além disso, onde não havia calçamento, a grama estava presente, complementando a paisagem da praça (Figura 22). Para completar, não foi possível ver lixo no seu interior.

Figura 22 - Espaço da Pracinha do Parque



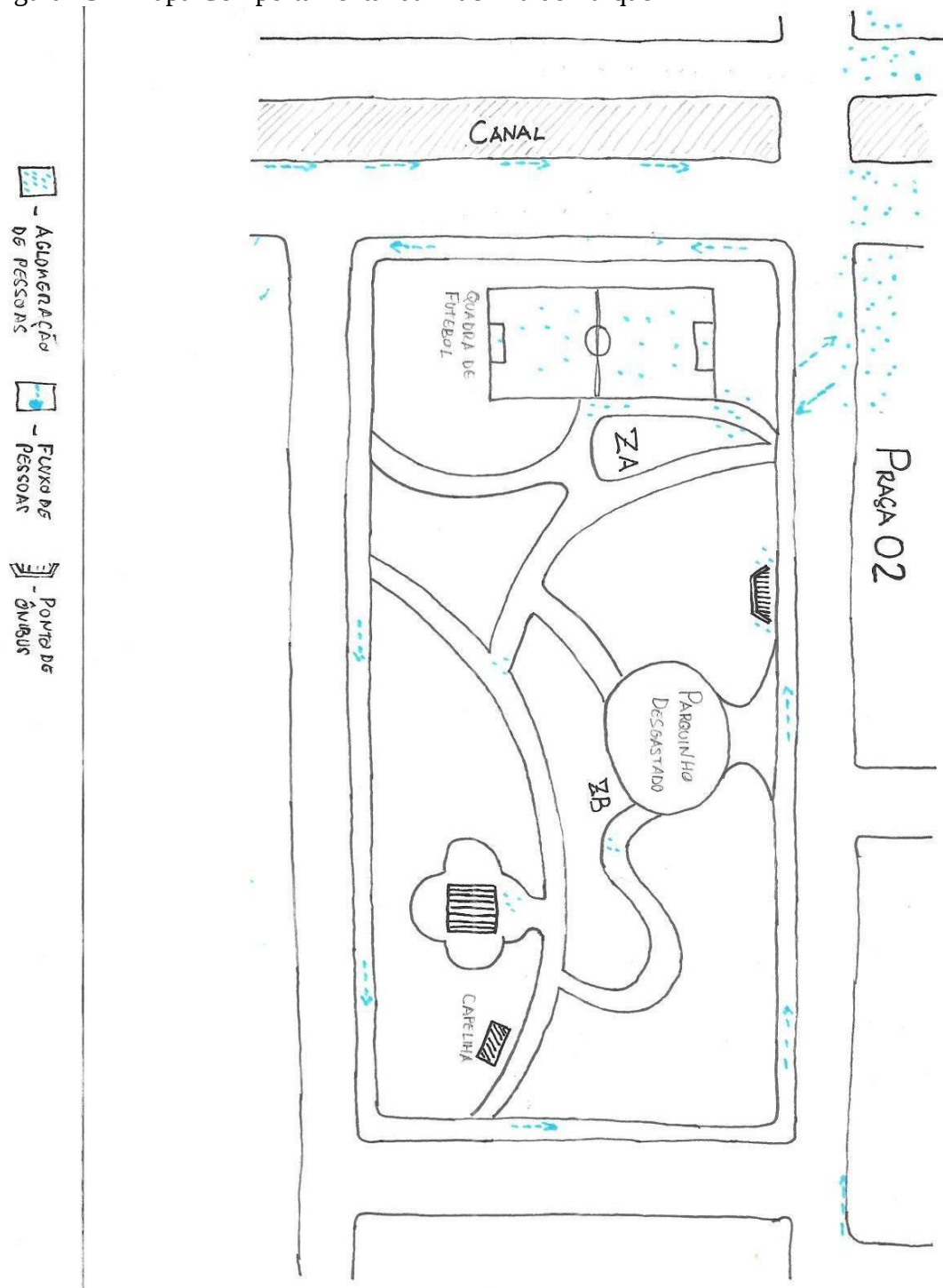


Fonte: Autoria própria (2023)

Mapa Comportamental

Uma das atividades que era possível ser observada em quase todos os dias era a caminhada pela calçada, seja para idosos, adultos sozinhos ou em duplas ou exercício com animais de estimação. Essa atividade aparecia durante as manhãs sem um padrão específico, acontecendo tanto em dias de semana quanto em fins de semana. Porém, em dias de feira (sextas-feiras), era possível observar pessoas realizando *loops* em seu perímetro durante os fins de tarde.

Figura 23 – Mapa Comportamental da Pracinha do Parque



Fonte: Autoria própria (2023)

Como as outras duas praças, esta era afetada pelos dias de feira, recebendo uma maior movimentação de pessoas, mas não tão intensa, acolhendo pequenos grupos espaçados em sua área. A maior concentração de pessoas estava presente no campinho de futebol, onde crianças e alguns adultos passavam as horas brincando, conversando e consumindo produtos comprados

dos comércios das outras duas praças e da região. Nesta praça houveram poucos momentos onde foram observados grupos maiores que 3 pessoas andando, se exercitando ou passando tempo neste espaço.

Entrevistas Semi-Estruturadas

Ao entrevistar moradores que utilizavam de suas instalações, foi comentada a noção de que a praça complementava o dia a dia deles com seus equipamentos, especialmente a calçada feita para *loops*, caminhadas e o campinho de futebol. Segundo 2 moradores, esses elementos serviam para manter um ritmo de atividades físicas durante a semana, realizando caminhadas curtas durante as manhãs e fins de tarde e, em dias de realização da feira, se reunindo próximo ao campinho de futebol, jogando ou passando o tempo, consumindo produtos da região.

Uma fala comum aos 3 moradores entrevistados é de que a praça não teria tamanha importância na vida das pessoas caso não houvesse a cobertura vegetal presente. A quantidade e os tipos diferentes de árvores que ali foram plantadas eram fatores de imenso respeito e afeto para os moradores, tornando-se a característica prevalente ao se descrever esta praça. Um dos entrevistados relatou ter realizado o plantio de árvores e arbustos para compor espaços vazios, auxiliando na criação de simbolismo local sem serem necessárias transformações bruscas na paisagem.

Contudo, em entrevista com um dos moradores mais velhos, foi possível notar um certo descontentamento com o estado da estrutura original ali presente, principalmente sobre a questão de manutenção. Os bancos de concreto já estavam se desfazendo e não haviam mais lixeiras. Também comentou sobre a calçada que não possuía mais marcadores de *loops*, previamente existentes nas calçadas em seu perímetro. Para ele é um elemento simples, mas que fazia a diferença para aqueles que desfrutavam dessa comodidade, argumentando que há um certo grau de perda de identidade do espaço.

Para organizar os tipos de transformações e identidades observadas e discutidas em entrevistas, foi criada a tabela a seguir (Tabela 7) baseada no esquema geral da pesquisa e no modelo duplo de Pol (2002):

Tabela 7 – Modelo Duplo de Pol (2002) na Pracinha do Parque

Modelo Duplo de Pol (2002)	Categorias/Transformações observadas
Ação Transformadora	► Estruturas criadas:

	• Uma pequena estrutura dedicada a práticas religiosas; • Pequenas gaiolas colocadas em galhos de árvores; ► Cobertura vegetal: Plantio de arbustos e árvores para compor o ambiente;
Identidade Simbólica	► Identificação do ambiente: • Praça de bairro clássica; • Espaço de convívio; • Espaço de lazer; • Espaço com uma identidade simples e direta; ► Satisfação de necessidades: • Espaço que comporta a criação de grupos; ○ Elemento facilitado pelo conforto gerado pela cobertura vegetal; Espaço de prática de exercícios;

Fonte: Autoria própria (2023)

A Pracinha do Parque finaliza o estudo destes 3 EVU apresentando usos completamente diferentes, voltados mais para o lazer e conforto ambiental, segundo os 3 entrevistados. Ao realizarem comparações, esta praça se apresentava como um espaço “refrescante”, “relaxante” e “agradável” suprimindo necessidades que as outras duas não conseguiam oferecer. O simbolismo aqui presente é mais sutil, mas não menos importante, possibilitando a continuidade e relevância deste espaço no cotidiano local.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, os dados apresentados na seção anterior serão discutidos em 2 sub-seções: a primeira voltada para o espaço físico dos EVU observado pelo pesquisador e a segunda implementando a percepção dos entrevistados quanto à apropriação do espaço através do modelo duplo de Pol (2002). A subseção 4.2.1. atende aos dois (02) primeiros objetivos

específicos desta pesquisa: 1. Analisar a qualidade dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados em relação a sua infraestrutura original e às modificações criadas em seu ambiente; 2. Investigar o fluxo e os comportamentos das pessoas que utilizam esses espaços durante o cotidiano dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados. E a segunda, a subseção 4.2.2., atende ao terceiro e quarto objetivos específicos da pesquisa: 3. Analisar a criação e manutenção do fenômeno da apropriação do espaço nos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados; 4. Analisar os efeitos ambientais, sociais e econômicos que as apropriações criadas pela população causam nos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados.

4.2.1 Discussão sobre o Espaço Físico dos EVU

A praça Avelino Nunes Vasconcelos possuía uma infraestrutura original que estava em péssimas condições. Havia uma notável falta de equipamentos, como bancos e lixeiras, além da ausência de uma estrutura geral adequada, como iluminação e pavimentação. A única categoria em bom estado era a área verde. No entanto, quando o comércio local estava em funcionamento, ele supria essas deficiências oferecendo alternativas. Nos espaços onde o comércio estava presente, era possível observar uma maior concentração de pessoas ao longo da semana, formando grupos que circulam em torno dessas áreas com o objetivo de comprar e consumir. Nos dias de feira, especialmente às sextas-feiras, os aglomerados se tornavam mais evidentes devido ao aumento no número de visitantes na região.

Por outro lado, a praça Orlando Andrade de Gois apresentava uma infraestrutura extremamente limitada, quase inexistente para uma praça pública. Ela se resumia a alguns locais com gramado e árvores, sendo a única estrutura fixa uma hamburgueria. Durante a semana, essa praça costumava estar praticamente vazia, recebendo um fluxo um pouco maior de pessoas apenas nos dias de feira. Nesses momentos, grupos de pessoas se reuniam nos espaços próximos à hamburgueria e à feira, deixando a grande maioria da área da praça desocupada.

Por fim, a Pracinha do Parque possuía uma boa cobertura vegetal e uma infraestrutura geral satisfatória, com algumas restrições na manutenção do parquinho infantil e dos bancos. Os comportamentos observados nessa praça eram voltados para o lazer, como caminhadas, jogos de futebol e encontros entre pessoas. Grupos se formavam dentro da praça onde haviam bancos e o campo de futebol, além de pessoas circulando pela calçada.

Para realizar uma análise comparativa entre as três praças, utilizamos as matrizes (APÊNDICE II) e os mapas comportamentais (Figuras 14, 19 e 23) gerados para cada uma delas como elementos de análise. Todas as praças apresentaram morfologias e formas de uso do solo

diferentes, seja para atividades sociais, ambientais ou econômicas.

A praça Avelino Nunes Vasconcelos possuía a maior quantidade de estabelecimentos comerciais em seu interior, incluindo carrinhos de comida, áreas de serviços, bebidas e extensões de comércios de outros lotes. Em comparação, a praça Orlando Andrade de Gois apresentava um uso comercial limitado, com apenas uma hamburgueria como estabelecimento permanente e a realização de feira apenas às sextas-feiras, o que limitava a necessidade das pessoas de visitarem essa praça com o objetivo de consumir produtos. Ambas as praças apresentaram cenários em que pessoas que desejavam vender produtos ou serviços utilizavam o espaço público em benefício próprio.

Os espaços categorizados como território terciário (ALTMAN, 1975, apud HERNANDEZ, 2004), ou espaço público, nessas praças eram gerenciados por períodos longos com recorrência, o que pode criar uma visão turva para a população sobre a linha que separa o espaço terciário (público) do secundário (semipúblico) nessas praças. Além disso, uma análise interessante relacionada à territorialidade dessas praças é observar as apropriações físicas que esses comerciantes fizeram no ambiente (VIDAL e VALERA, 1998). Eles personalizaram o espaço, alterando a paisagem e o uso das áreas das praças Avelino Nunes Vasconcelos e Orlando Andrade de Gois ao instalarem bancos, iluminação, calçamento, toldos, arbustos e árvores.

Esse contexto tem um impacto significativo no fluxo e na permanência de pessoas nessas duas praças, como podia ser observado pela ausência de atividades na praça Orlando Andrade de Gois em dias comuns. Já a praça Avelino Nunes Vasconcelos, apesar de receber um grande movimento durante os dias de feira, ainda mantinha um fluxo relevante de pessoas durante a semana devido à diversidade de serviços disponíveis em seu espaço.

Em contraste, a Pracinha do Parque se destaca por apresentar um uso mais constante e regular em comparação com as outras duas praças mencionadas anteriormente. Isso provavelmente se deve ao fato de sua estrutura física ter sido projetada e construída com o propósito de servir como um espaço de lazer e encontro para a comunidade local, mantendo uma consistência de uso que não era encontrada nos aspectos comerciais temporários das outras duas praças. Além disso, a praça possuía uma infraestrutura de boa qualidade, incluindo caminhos bem cuidados e iluminação adequada.

A qualidade do espaço verde é outro elemento importante a ser considerado ao discutir a qualidade dessas praças como espaços verdes urbanos. Todas as três praças possuíam extensas áreas com gramado e árvores plantadas, sendo a praça Orlando Andrade de Gois a que apresentava menor qualidade ambiental. Por sua vez, a Pracinha do Parque era, sem dúvida,

aquela que possui o melhor ambiente nesse aspecto, pois não sofria intervenção comercial que afetasse a ocupação do solo, como criação de espaços de venda, estacionamento ou armazenamento de produtos. Esse pode ser um dos fatores que influenciavam a permanência das pessoas nesse ambiente.

Quanto à Avelino Nunes Vasconcelos e à Orlando Andrade de Gois, o espaço verde era afetado pela presença de comércio em seu interior, como mencionado anteriormente. A praça Avelino Nunes Vasconcelos possuía uma cobertura vegetal bastante satisfatória para seu tamanho, com várias árvores, arbustos e gramados em sua extensão. Essa característica era aproveitada pelos comerciantes ao criarem seus pontos de venda, levando em consideração o conforto e a ambientação desse elemento, o que é um fator efetivo em sua estratégia para atrair clientes, como pode ser observado nos pontos de permanência das pessoas no mapa comportamental (Figuras 14). Já na praça Orlando Andrade de Gois, havia uma escassez de vegetação em seu interior, apresentando um potencial pouco explorado em comparação com as outras duas praças. Mais uma vez, a falta de uso diversificado, a má cobertura vegetal e a falta de uma infraestrutura de qualidade contribuem para um espaço com pouco valor para a permanência das pessoas que visitam a região.

Ao analisar os mapas comportamentais em conjunto com as informações das matrizes, pôde-se observar que, devido à presença de vários pontos comerciais na praça Avelino Nunes Vasconcelos, houve uma distribuição mais equilibrada de áreas de permanência em comparação com a praça Orlando Andrade de Gois, onde as pessoas se concentravam principalmente na área da hamburgueria e nas proximidades da feira. Por outro lado, a Pracinha do Parque era caracterizada por ser um espaço voltado para o lazer e a prática de exercícios, com atividades frequentes e consistentes ao longo da semana. Embora houvesse um aumento no fluxo de pessoas durante os dias de feira, como mencionado anteriormente, esse cenário é menos intenso em comparação com as outras duas praças. As pessoas que frequentam essa praça se envolviam em atividades como jogar futebol, fazer caminhadas e passar o tempo nos bancos, conversando ou consumindo produtos provenientes das outras praças.

4.2.2 Análise das Apropriações

A apropriação é um fenômeno complexo e envolve diferentes elementos que contribuem para sua origem e recepção, como a cultura local, as necessidades e desejos dos indivíduos, e as condições do próprio espaço. Neste contexto, é fundamental analisar as apropriações existentes nas praças estudadas para entender como os moradores e comerciantes se relacionam

com esses espaços públicos

Seguindo então o modelo duplo de Pol (2002), a apropriação pode ser encontrada na forma das Ações Transformadoras e na Identificação Simbólica, previamente discutidas na revisão bibliográfica. Utilizou-se da análise de conteúdo aplicada nas discussões realizadas com os entrevistados. Usando o modelo duplo como base de categorização, foram destacadas palavras-chave para auxiliar na divisão e análise das entrevistas (Tabela 8).

Tabela 8 – Apropriação Dupla a partir da análise das entrevistas

Tipos de Apropriação	Palavras-Chave	Exemplos em Entrevistas
Ação Transformadora	Criou; construiu; fez; tirou; destruiu; desfez; alterou; mudou; moveu; tomou; pegou; ter	“Foi criado ali”; “Ele mudou”; “Construíram ali”; “Ficaram com”; “Usou aquele espaço”
Identificação Simbólica	Identifico; imagem; sinto; tenho; pertencço; apropriado; próprio; meu; dele	“Tem o canto dele”; “[...] me faz bem”; “Aquilo ali meu”; “Minha imagem disso”; “Nós usamos disso”

Fonte: Autoria própria (2023)

A descrição dos discursos dos entrevistados reflete como a apropriação se configura nas praças, com os dois fatores, ação transformação e identidade simbólica, que motivam e estabelecem essas apropriações.

Ação Transformadora

As mudanças que o indivíduo/grupo cria no ambiente gera consequências para o funcionamento e a percepção geral do espaço, formando novos olhares e oportunidades de uso. Pol (2002) entende que as transformações que aplicamos ao nosso redor provém do nosso interesse de saciar necessidades através de nossas ações sobre o meio.

Ao observar as três (03) praças em conjunto, foi possível detectar diversos tipos de modificações no espaço feitas pelos moradores ou comerciantes que as utilizam em diferentes graus de intensidade.

As praças Avelino Nunes Vasconcelos e Orlando Andrade de Gois atribuíam muitas de suas transformações a práticas comerciais, sendo realizadas principalmente para determinar

territórios e criar ambientes mais confortáveis para consumidores passarem o tempo. Os comércios individuais alteraram boa parte do interior da praça Avelino Nunes Vasconcelos, delimitando territórios através de estruturas e equipamentos para possibilitar o comércio de suas mercadorias. Na praça Orlando Andrade de Gois haviam estruturas fixas de venda de produtos, mas o agente de transformação prevalente era a feira que ocorria toda sexta-feira na Rua do Canal em sua adjacência. Ao estar presente, este evento trazia um grande fluxo de pessoas para as 3 praças, alterando a paisagem e o ritmo do cotidiano da região.

Um dos problemas resultantes dessas transformações observado em entrevistas e visitas pelo pesquisador ao local de estudo era a questão do lixo. Se não for armazenado corretamente, inclusive pelos clientes do comércio existente, ele se espalha pelas praças e acaba prejudicando o entorno, inclusive o canal de drenagem de água que está presente na região (Figura 24). Isso é fonte de sérios problemas de poluição e prejuízos ao ecossistema local.

Figura 24 - Canal poluído localizado entre as praças



Fonte: Autoria própria (2023)

A transformação da paisagem se estende à alteração na cobertura verde nas três praças, sendo novamente um elemento forte nas praças Avelino Nunes Vasconcelos e Orlando Andrade de Gois. A alta atividade econômica trouxe um maior interesse pelo local e um fluxo de pessoas aumentado em dias movimentados. Para comportar este fluxo, grande parte do interior dessas duas praças era utilizado para acomodar o aumento de veículos estacionados na proximidade. Esse fenômeno inabilitava o plantio de árvores, arbustos ou plantas de forração em seus centros, fato mais intenso na praça Orlando Andrade de Gois.

Quanto ao plantio de vegetação, 4 comerciantes da praça Avelino Nunes Vasconcelos e 1 morador da Pracinha do Parque afirmaram terem realizado o plantio de árvores e arbustos em

certos espaços. As motivações encontradas por trás dessas ações foram as de tornar o ambiente de permanência dessas pessoas mais agradável para elas e, no caso dos vendedores, para os clientes também, além de auxiliar na criação de seu espaço de venda.

O impacto dessas transformações na paisagem das três praças era visível em qualquer dia, mas se tornava ainda mais evidente nos dias em que a feira estava presente. Era possível perceber o potencial que a apropriação física do espaço tinha no cotidiano da região. O fator socioeconômico desempenhava um papel importante nesse contexto: quanto mais estabelecimentos comerciais atendem às necessidades de consumo da região, maior é o interesse gerado pelo espaço, o que resulta em um aumento no fluxo de pessoas. Entrevistas confirmaram que, devido a essas transformações impulsionadas por interesses econômicos, as praças adquiriram novas identidades e significados para aqueles que as utilizam.

Podemos traçar elementos do Urbanismo Tático que se relacionam com o cenário das praças, especialmente ao discutir a natureza temporária de certas mudanças na paisagem (NOGUEIRA e PORTINARI, 2016). Estudos conduzidos por Lydon (2022) e sua empresa de urbanismo descobriram que alterações temporárias no espaço físico são consideradas atraentes para a população, pois transformam o cotidiano do ambiente. A presença da feira trazia esse fenômeno para as praças, onde nos dias de sexta-feira o interesse popular por esses espaços aumentava significativamente, como evidenciado pelo grande fluxo de pessoas e grupos nessas áreas.

Por fim, pôde-se notar na questão socioambiental diferentes efeitos causados por estas transformações, gerando modificações na paisagem de diferentes formas. Na Pracinha do Parque e na praça Avelino Nunes Vasconcelos foram realizados plantios de diferentes tipos de plantas por moradores e comerciantes da redondeza, seguindo necessidades de delimitar territórios e ampliar o conforto do espaço. Porém, há consequências previamente comentadas em relação ao maior fluxo de veículos para a região, afetando sua paisagem verde. Além disso, há o problema relacionado à geração de resíduos sólidos e seu mau gerenciamento em dias de feira. As consequências imediatas são o desconforto visual e olfativo próximo à feira e a poluição da região, especialmente ao se considerar a existência do canal em sua adjacência.

Identificação Simbólica

As identidades que o indivíduo/grupo atribui ao ambiente funcionam como uma extensão do eu, fator comentado por Pol (2002) ao discutir como os espaços interagem com as pessoas que os utilizam (ou não). Temos então a identidade que as três (03) praças geraram com o passar dos anos a partir da interação da população da região com os espaços, fator um pouco

mais sutil se comparado com ações transformadoras do espaço físico.

A Pracinha do Parque apresentava uma identidade mais simples, clara e direta em comparação com as outras 2, sendo entendida como um espaço designado principalmente à satisfação de necessidades sociais e ambientais. Sua infraestrutura estava relativamente em boas condições, permitindo a prática de exercícios e de esporte, complementada pela excelente cobertura vegetal. Todos os entrevistados que utilizavam dos espaços da praça elogiaram a função que ela desenvolvia na região, muitos comentando que ela complementava as outras duas (02) praças ao fornecer algo que elas não conseguiam oferecer da mesma forma, um espaço voltado completamente para o social. Há ainda o argumento de que esta praça é favorecida pela existência das outras duas (02) praças em sua proximidade por elas realizarem funções complementares de comércio e serviços na região. A Pracinha do Parque reforça a ideia do modelo duplo do Pol (2002) por ser um ciclo sem início ou fim, pois os entrevistados que afirmaram terem transformado o ambiente com o plantio de árvores e arbustos só o fizeram por terem criado previamente um laço com o ambiente.

Ao avaliarem a Praça Orlando Andrade de Gois, os entrevistados observaram a falta de infraestrutura básica e baixo uso durante grande parte da semana, o que resultava em uma falta de conexão emocional dos entrevistados com o espaço. Embora existisse um pequeno comércio em um de seus cantos durante a semana, a praça só se tornava cheia durante a realização da feira. Para os entrevistados, a praça era mal utilizada e apenas relevante para a comunidade em dias específicos. A praça em questão parecia apresentar um cenário de falta de organização e regulação do uso do espaço, o que afetava diretamente a experiência dos frequentadores, na visão dos entrevistados. Ao se concentrar apenas em atividades comerciais (a feira e a hamburgueria), para eles a praça perde a oportunidade de atrair pessoas para outras atividades de recreação e lazer. É importante destacar que, embora a feira seja vista como um elemento valioso para a região, ela era o único momento em que o espaço interno da praça era amplamente utilizado, criando um vazio temporário em seu território.

O caso da Praça Orlando Andrade de Gois pode ser comparado em certos aspectos com o cenário inicial da praça do estudo de caso realizado por Scaranto (2019). Ambas apresentaram baixa qualidade de infraestrutura e baixo engajamento com a população local, representado pelo fluxo desproporcional de pessoas ao comparar os dias de feira na praça Orlando com os outros dias da semana. A pouca utilização do espaço causada pela falta de oferta e má qualidade estrutural pode ser um dos fatores de se haver um desconexo entre a pessoa e o ambiente encontrado nesta praça (LEWICKA, 2011; SANTOS, 2016).

Por fim, a praça Avelino Nunes Vasconcelos se apresentava com a identidade mais complexa de ser analisada pelos entrevistados por conta das grandes transformações feitas durante os últimos anos. Por um lado, havia o argumento que esse era um espaço comercial bem sucedido, onde havia um fluxo de pessoas estável que desfrutavam de um espaço mal utilizado no passado. Era um local de venda ao ar livre, com uma boa cobertura vegetal em seu perímetro, contendo diferentes serviços e espaços de venda. Foram percebidas em entrevistas visões positivas com o resultado dessas transformações para a praça, moradores e comerciantes se mostraram satisfeitos com o estado dela.

No entanto, é importante ressaltar que fragilidades na organização e gerenciamento do espaço podem resultar em uma desconexão entre os indivíduos e o ambiente. Muitos entrevistados sugeriram que a praça poderia ser revitalizada e ter seu sentido reatribuído, criando uma melhor harmonia entre os aspectos sociais, ambientais e econômicos. Nesse sentido, surge novamente o argumento de que a Praça Avelino Nunes Vasconcelos se beneficia da existência da Pracinha do Parque, que é capaz de suprir uma necessidade que a própria praça não consegue atender completamente. Apesar disso, a Praça Avelino Nunes Vasconcelos era valorizada como um espaço público importante para a região, possuindo uma identidade mista entre aqueles que a utilizam, mas reconhecida pelo que é capaz de fornecer à comunidade.

5 CONCLUSÕES

A pesquisa realizada teve como objetivo principal investigar a apropriação do espaço em Espaços Verdes Urbanos (EVU) em três praças públicas localizadas no bairro de Aruana (Aracaju/SE) como estudo de caso. Para isso, utilizou-se a psicologia ambiental como ciência guia, permitindo uma análise mais aprofundada da relação entre pessoa e ambiente, especialmente ao abordar os conceitos de apropriação e territorialidade do espaço.

Especificamente, a pesquisa buscou analisar a qualidade dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados e as modificações criadas em seu ambiente; o fluxo e os comportamentos das pessoas que utilizam esses espaços; a criação e manutenção do fenômeno da apropriação desses espaços; e os efeitos que as apropriações criadas pela população causam nos Espaços Verdes Urbanos (EVU) selecionados.

A abordagem adotada, que envolveu a observação das intervenções de apropriação realizadas pelos moradores e comerciantes locais nas três (03) praças estudadas - praça Avelino Nunes Vasconcelos, praça Orlando Andrade de Gois, Pracinha do Parque -, permitiu melhorar a compreensão de como os espaços urbanos são moldados e utilizados pela comunidade por meio da análise das ações transformadoras e identidades simbólicas. Mesmo nos momentos em desuso, esses espaços continuaram a ter significado para o entorno (SANTOS, 2016), conforme observado durante a pesquisa. A relevância dessas praças estava diretamente relacionada às interações sociais e às demandas do público, tanto no que diz respeito aos usos quanto às funções que desempenham. As relações socioeconômicas e socioambientais eram afetadas pelas mudanças advindas da apropriação do indivíduo ou grupo sobre o espaço público (LIMA, 2007).

Quanto aos EVU estudados, foram analisados os seus estados físicos, como previsto no objetivo 1, visto que havia uma carência de documentação relacionada às construções e histórico desses espaços. Foi observado que haviam problemas quanto à manutenção dos equipamentos básicos (bancos, mesas, lixeiras, equipamentos de lazer), e que boa parte desses elementos eram fornecidos pelos comércios que se instalaram nas praças. Em relação à infraestrutura (calçadas, caminhos, iluminação), novamente, existiam problemas visíveis em duas das praças - praça Avelino Nunes Vasconcelos e praça Orlando Andrade de Gois -, apresentando calçadas destruídas e fontes de luz insuficientes. Já a cobertura vegetal encontrada se mostrava em bom estado, contando com diversas árvores espalhadas pelas praças Avelino Nunes Vasconcelos e a Pracinha do Parque.

Foi observado a presença de comércios e modificações feitas pelos mesmos nas praças

Avelino Nunes Vasconcelos e Orlando Andrade de Gois. Tais modificações variam de plantio de árvores e arbustos para aprimorar zonas de venda/consumo de produtos, implantação de bancos, cadeiras, iluminação, até construção de calçamento próprio para instalação dos seus equipamentos e prestação de seus serviços. Ainda havia a realização da feira semanal em dias de sexta-feira na rua adjacente à praça Orlando Andrade de Gois, fenômeno que alterava a paisagem da praça e interagia com os conceitos trabalhados nessa pesquisa.

Respondendo o objetivo 2, o fluxo observado nas praças era similar a uma onda, onde haviam períodos na semana de grande presença e permanência nesses espaços e haviam períodos de uso mais passageiro. O maior exemplo disso é a praça Orlando Andrade de Gois ao receber uso de seu espaço praticamente apenas em dias de feira. As outras duas praças, apesar de serem afetadas pela feira em relação ao maior fluxo, comportavam um uso constante de moradores e comerciantes ao comprarem/venderem produtos durante a semana, realizarem atividades de lazer (futebol, caminhada) e se juntarem em espaços sombreados disponíveis. Pôde-se traçar paralelos aos estudos de Morigi (2019) ao discutir a importância de uma boa infraestrutura e bons equipamentos fornecidos à população para criar territórios significativos para o cenário urbano. A praça Orlando Andrade de Gois não tinha o que fornecer para as pessoas que ali transitam durante a maioria da semana, criando um cenário discrepante de usos e fluxos de pessoas, um espaço quase permanentemente esvaziado.

Ao analisar os tipos de apropriação existentes nas praças, proposta do objetivo 3, utilizou-se do modelo duplo de Enric Pol (2002) para separar as ações transformadoras do espaço e as identificações simbólicas atribuídas a ele. As ações transformadoras causadas pelo fator econômico (comércio e serviços) apresentaram-se como as mais visíveis e influentes do entorno desses espaços, criando consequências tanto positivas (maior fluxo de pessoas, utilização do espaço público, incentivo à interação social) quanto negativas (maior grau de desordem do espaço, ocupação de espaço público para uso privado, geração de resíduos sólidos). Pôde-se aproximar esses achados com a pesquisa de Santos (2016) em relação às consequências geradas ao estarem presentes alterações no espaço físico de praças públicas pelo setor econômico, gerando conflitos com os desejos dos moradores locais com os de comerciantes.

Quanto a transformações realizadas na paisagem verde das praças, foi possível encontrar durante entrevistas relatos de plantio de árvores e arbustos dentro do espaço das praças Avelino Nunes Vasconcelos e Pracinha do Parque. Houve plantio por parte de moradores, almejando melhorar a paisagem da praça que mais utilizam, e, principalmente, por parte de comerciantes que plantaram árvores e arbustos almejando criar uma sensação de território próprio, melhorar

a zona de venda de seus produtos e oferecer maior conforto e atrativo para os consumidores. Porém, também foi possível observar o efeito da utilização dos espaços centrais das praças Avelino Nunes Vasconcelos e Orlando Andrade de Gois para o estacionamento de veículos, impedindo a existência de cobertura vegetal em certas áreas.

Não há como negar a importância que as modificações realizadas tiveram, mesmo que indiretamente, na criação e manutenção da identidade nas três praças. A identidade simbólica observada nas três praças estudadas apresentava uma narrativa ampla e reveladora sobre a relação entre as pessoas e o ambiente. Em todas as praças, foi observada uma forte conexão com o fator ambiental, embora por motivos diferentes. Uma das características comuns encontradas nas praças foi a presença de uma boa cobertura vegetal (com exceção da praça Orlando Andrade de Gois) que se mostrou um catalisador para mudanças positivas no espaço. Essa vegetação convidava moradores e comerciantes a criar um ambiente mais agradável, capaz de comportar um uso mais efetivo. Comerciantes tendiam a se beneficiar quando o ambiente estava mais confortável e convidativo para os consumidores, enquanto a criação de um ambiente agradável ajudava a construir uma ponte entre as pessoas e o espaço em que vivem.

Podemos observar elementos de uma identidade negativa em relação à externalidades relacionadas à questão ambiental causada pela apropriação das praças Avelino Nunes Vasconcelos e Orlando Andrade de Gois. Embora o comércio tenha trazido um maior uso do espaço interno das praças, a cobertura verde e drenagem hídrica da região foi afetada negativamente, com impedimentos ao plantio em certas áreas, geração e má gestão do lixo. Portanto, esse dado indica um desequilíbrio entre as dimensões social, ambiental e econômica, onde na dimensão econômica, o comércio nas praças (em 2 delas) impactava negativamente o ambiente e o bem estar social.

Essa dualidade entre efeitos positivos e negativos para a identidade das praças estudadas causadas por transformações reforça o argumento de Hernandez (2004) em seu estudo ao concluir que é fundamental para a vida nas cidades que os espaços públicos sejam capazes de se adaptar e serem alterados, ressaltando a sua importância. Traz-se novamente sua linha de pensamento onde a identidade e significado desses espaços são moldados pelo uso diário das pessoas e que isso pode gerar conflitos, mas também pode ser benéfico para o ecossistema urbano. Nas entrevistas, fica evidente o desejo de harmonia entre todos os usos presentes nas praças, buscando um impacto mais suave na região. Nesse sentido, as lições do Urbanismo Tático (LYDON, 2012) e do Microurbanismo colaborativo (autores) indicam que uma abordagem mais cuidadosa e baseada na observação dos usos e apropriações existentes no

espaço pode ser de grande ajuda para a criação colaborativa de praças que atendam aos desejos dos cidadãos.

Ao explorar os efeitos que as apropriações criadas possuem nos espaços verdes urbanos, conforme o objetivo 4, este estudo destacou a importância de alcançar um equilíbrio entre as necessidades da população e a proteção do ambiente local. Como ressaltado na análise dos dados da pesquisa, isso implica adotar práticas que preservem a natureza, evitando a exploração excessiva e o esgotamento dos recursos naturais, bem como garantir a qualidade de vida dos moradores locais. Ao fazer isso, é possível estabelecer uma relação positiva entre a população e o ambiente local, entre as dimensões econômicas, sociais e ambientais no ambiente analisado, promovendo a harmonia e o desenvolvimento futuro da comunidade (GIGANTE, 2021). Esses ambientes contribuem para o conforto psicológico, a convivência e interação social, o lazer e desenvolvimento pessoal, além de estimular a percepção visual e auditiva, regular as emoções (como estresse e ansiedade) e criar uma identidade própria, entre outras coisas (BARGOS; MATIAS, 2019). Esses espaços são vistos como zonas estimulantes para a população que os utilizam na visão dos entrevistados, contendo um potencial escondido quanto a usos inesperados pela população na forma das apropriações.

As considerações acima podem servir para ponderar certos aspectos do contexto desses espaços quanto à apropriação. As modificações no espaço realizadas pela população local geravam externalidades positivas e negativas para o espaço verde das praças. Como externalidades positivas, a pesquisa identificou práticas de plantio e manutenção da vegetação desses ambientes. Já como externalidades negativas a pesquisa mostrou que certas formas de utilização do solo das praças (estacionamento de veículo, comércio) e comportamentos (gerenciamento precário do lixo) transtornavam a esfera ambiental das praças ao danificar a vegetação e possivelmente o ecossistema local, especialmente o canal hídrico. Também pôde-se observar que a dimensão econômica das praças era um fator positivo na criação da identificação simbólica das praças, argumento reforçado pela percepção popular encontrada durante entrevistas ao serem elogiados os contextos atuais que as praças se encontram, como serem ambientes que atendem às necessidades sociais e econômicas da população, tornando-se complementos da rotina semanal. Porém, é preciso pontuar que suas identidades também eram afetadas negativamente em função das transformações, visto que a geração de externalidades negativas presentes nas observações e nas entrevistas (desordem do espaço, geração de lixo, ocupação de solo público) interferem com a percepção popular desses ambientes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contribuições teórico-empíricas

A perspectiva teórico-empírica elaborada nesta pesquisa pretendeu ampliar a compreensão sobre a articulação que pode ser feita entre os EVU a apropriação do espaço mediada pela psicologia ambiental e urbanismo tático - as lentes teóricas que tratam da relação pessoa-ambiente. A expectativa é que - ao tratar dessa relação pessoa-ambiente em praças públicas urbanas caracterizadas como EVU e a identificação do fenômeno de apropriação desses espaços através da ação transformadora e da identificação simbólica (POL, 2002) - esta pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento de novas investigações baseadas na relação estabelecida entre pessoa-ambiente e especialmente, EVU. Também, ampliar a visibilidade sobre a agência coletiva em EVU e como isso pode impactar positivamente ou negativamente as dimensões do desenvolvimento sustentável e o seu equilíbrio.

Essas contribuições podem ser úteis para o desenho de projetos de pesquisa e formulação e execução de políticas públicas urbanas relacionadas a praças públicas e EVU. Nessa linha, estudos que articulem o Urbanismo Tático com a Psicologia Ambiental podem ser promissores para o avanço do conhecimento sobre o equilíbrio entre as dimensões sociais, ambientais e econômicas em ambientes urbanos.

Ainda como contribuições desta pesquisa, estima-se que os(as) participantes de pesquisa poderão vir a ser beneficiados com a divulgação dos resultados sistematizados sobre as relações entre a comunidade local e os espaços verdes urbanos na Zona de Expansão (Aracaju/SE) . Esse conhecimento produzido pode contribuir para fomentar o desenvolvimento de estratégias para promover uma melhor articulação entre a comunidade local e os espaços verdes.

Principais limitações

Como limitações da pesquisa, indicamos a ausência de dados documentais relacionados à origem e situação atual das praças selecionadas em função da falta desse tipo de registro em arquivos públicos. Também como limitações podem ser indicadas as negativas feitas por alguns possíveis entrevistados à leitura e assinatura do TCLE.

Sugestões para próximos estudos

Algumas sugestões para estudos futuros sobre apropriação de espaços verdes urbanos podem ser feitas, considerando a interdisciplinaridade desses estudos que envolvem aspectos sociais, ambientais, econômicos, de saúde e design urbano:

- Análise da percepção e uso dos espaços verdes por diferentes grupos demográficos: Explorar como diferentes segmentos da população, como crianças, idosos, grupos étnicos e sociais, percebem e utilizam os espaços verdes urbanos. Isso pode fornecer insights valiosos para o planejamento urbano inclusivo e o design de espaços verdes.
- Impacto da vegetação urbana na saúde e bem-estar: Investigar os efeitos da exposição a espaços verdes urbanos na saúde física e mental das pessoas. Isso pode incluir estudos sobre os benefícios da natureza para a redução do estresse, melhoria da qualidade do ar, promoção da atividade física e estímulo à interação social.
- Microurbanismo colaborativo e participação comunitária na gestão de espaços verdes urbanos: Explorar abordagens inovadoras de envolvimento da comunidade na gestão, manutenção e desenvolvimento de espaços verdes. Isso pode envolver estudos de casos de iniciativas bem-sucedidas de governança participativa, co-design comunitário e programas de voluntariado.
- Avaliação de estratégias de design para a promoção da apropriação de espaços verdes urbanos: Avaliar o impacto de diferentes estratégias de design, como a inclusão de mobiliário urbano, áreas de lazer, espaços para eventos culturais e esportivos, na apropriação e uso dos espaços verdes urbanos. Isso pode ajudar os planejadores urbanos a criar espaços mais atraentes e funcionais.

Estudos na linha do Urbanismo Tático e Microurbanismo colaborativo também podem ser extremamente úteis para aprimorar o uso dos EVU, espaços tão importantes. Estudos sobre apropriação em outros espaços públicos urbanos como praias, parques, jardins, relacionando com dimensões do Desenvolvimento Sustentável podem preencher lacunas sobre o conhecimento de como as pessoas interagem com esses ambientes e os efeitos que geram. Outra possibilidade é estender o tempo do estudo (estudos longitudinais), incorporando elementos de sazonalidade a análise de apropriações.

Finalmente, a análise da apropriação das praças é uma ferramenta valiosa para a criação e manutenção desses espaços. Compreender as transformações e identidades que ocorrem neles permite ter uma visão mais ampla e conhecimento mais aprofundado do seu público, o que pode levar a melhorias significativas na qualidade de vida das pessoas que frequentam e habitam em torno dessas áreas.

REFERÊNCIAS

- ALMANZA, E.; JERRETT, M.; DUNTON, G.; SETO, E.; PENTZ, M. A. **A study of community design, greenness, and physical activity in children using satellite, GPS and accelerometer data.** *Active Living Research*, v. 18, n. 1, p. 46–54, 1 jan. 2012.
- ALVES, S. A. **Plano diretor de desenvolvimento urbano de Aracaju e a função social da propriedade urbana.** 2018. 208 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.
- AMATO-LOURENÇO, L. F.; MOREIRA, T. C. L.; ARANTES, B. L.; SILVA-FILHO, D. F.; MAUAD, T. **Metrópoles, cobertura vegetal, áreas verdes e saúde.** *Estudos Avançados*, v. 30, p. 113–130, 2016.
- ARACAJU. **Minuta Revisão Plano Diretor de Desenvolvimento de Aracaju.** Aracaju, Prefeitura de Aracaju, 2021. Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/pddu/>.
- ARACAJU. **Plano Diretor De Desenvolvimento Urbano De Aracaju - Lei Complementar nº 42.** Aracaju, Prefeitura de Aracaju, 2000.
- ARACAJU. **Plano Municipal de Arborização Urbana de Aracaju-SE: Projeto Piloto Nas Escolas – “Nosso Pomar”.** Aracaju: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, SEMA, 2016.
- ARACAJU. **Plano Municipal de Arborização Urbana de Aracaju-SE.** 2. ed. Aracaju: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, SEMA, 2017.
- ARNSTEIN, S. **A ladder of citizen participation.** *Journal of the American Planning Association*, 35(4), 216–224, 1969.
- BALEM, Tiago. **Microurbanismo Efêmero: Entre Táticas de Construir e Revelar a Cidade.** In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 17., 2017, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: ENANPUR, 2017. p. 1 – 15. Disponível em: http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.11/ST%206.11-14.pdf. Acesso em: 1 out, 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARGOS D. C. e MATIAS L. F. **Áreas Verdes Urbanas: Um Estudo De Revisão E Proposta Conceitual.** *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*. 6. 172. 10.5380/revsbau.v6i3.66481, 2019.
- BOENI, B. O.; SILVEIRA, D. **Diagnóstico da arborização urbana em bairros do município de Porto Alegre, RS, Brasil.** *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 189-206, jul./set. 2011.
- BOONE-HEINONEN, J.; CASANOVA, K.; RICHARDSON, A. S.; GORDONLARSEN, P. **Where can they play? Outdoor spaces and physical activity among adolescents in U.S. urbanized areas.** *Preventive Medicine*, v. 51, n. 3, p. 295–298, 1 set. 2010.
- BONNES, M; BONAIUTO, M. **Environmental psychology: From spatial-physical Environment to sustainable development.** In R. B. Bechtel, & A. Churchman (Eds.), *Handbook of environmental psychology* (pp. 28-54). New York: John Wiley & Sons, 2002.

BRASIL. **Lei Federal no 6766**. Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras providências. 20 dez. 1979.

BRASIL. **Lei federal no 12.651**. Novo Código Florestal. 25 maio 2012, p. 2.166-67.

BRENNER, Neil. Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal? **Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, ano 7, nº 27, p 7-18, dezembro 2016.

CASAGRANDE, M. **Third Generation City**. (2013).

BROWN, Barbara B.; ALTMAN, Irwin. Territoriality, defensible space and residential burglary: an environmental analysis. **Journal Of Environmental Psychology**, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 203-220, set. 1983.

CAVALHEIRO, F.; DEL PICCHIA, P.C.D. **Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento**. In: Anais... 1º Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana e 4º Encontro Nacional sobre Arborização Urbana. Vitória, ES, 1992. p. 29-38.

CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C.; GUZZO, P.; ROCHA, Y.T. **Proposição de Terminologia para o Verde Urbano**. Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana. Rio de Janeiro, RJ, Ano VII, n. 3, jul/ago/set. 1999.

CHOAY, F. **O urbanismo**. Utopias e realidades. Uma antologia. Estudos, volume 67. São Paulo, Perspectiva, 1979.

CHURCHMAN, A. **Environmental Psychology and Urban Planning**: Where can the twain meet?. Handbook of Environmental Psychology. 191-200, mar, 2002.

CYMBALISTA, R. São Paulo, microurbanismos. In: CYMBALISTA, R; NOGUEIRA, J. (org.). **Guia de Microurbanismos em SP**. São Paulo: FAUUSP, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29786786/Guia_dos_Microurbanismos_em_SP%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 12 jun. 2023.

DE ANGELIS, B. L. D.; CASTRO, R. M. de; DE ANGELIS NETO, G. **Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil**. **Revista Engenharia Civil**: Londrina, n. 20, 2004.

GENTIN, S. **Outdoor recreation and ethnicity in Europe - A review**. Urban Forestry & Urban Greening, v. 10, n. 3, p. 153–161, 1 jan. 2011.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. Tradução: Anita DiMarco. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014

GIGANTE, Cláudia Maria dos Santos. **Importância dos Jardins e Parques no Bem-estar das Populações**. Estudo de Caso: Cidade de Torres Vedras. ISA/UL, 2021.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GRESSLER, S. C; GUNTHER, I, A. **Ambientes restauradores**: definição, histórico, abordagens e pesquisas. Estudos de Psicologia (Natal), Natal, v. 18, n. 3, p. 487-495, jul./set. 2013.

GRESSLER, S. C. **O descanso e a teoria dos ambientes restauradores**. xx, 277 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações)—Universidade de Brasília, Brasília, Brasília, 2014.

GUMA, J; FALCÃO, A. **Como o Urbanismo Colaborativo pode melhorar nossas cidades?**. Urbanismo Colaborativo, 28 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.adesm.org.br/post/urbanismocolaborativo>.

GÜNTHER, H.; ROZESTRATEN, R. J. A. **Psicologia Ambiental: Algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino**. Série: Textos de Psicologia Ambiental, nº 07. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2005.

HABRAKEN, N. J. **The Structure of the Ordinary: Form and Control in the Built Environment**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1998.

HECKERT, M. **Access and equity in greenspace provision: A comparison of methods to assess the impacts of greening vacant land**. Transactions in GIS, v. 17, n. 6, p. 808–827, 2013.

HERNANDEZ, Mauricio. **Transforming public spaces in Mexico: the case of colonias populares in Xalapa, 2004**. (Tese de mestrado). University of British Columbia, Vancouver, 2004.

HIDALGO, M.Carmen; HERNÁNDEZ, Bernardo. **Place Attachment: conceptual and empirical questions**. Journal Of Environmental Psychology, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 273-281, set. 2001.

HIDALGO, M. C., BERTO, R., GALINDO, M. P., & GETREVI, A. **Identifying attractive and unattractive urban places: categories, restorativeness and aesthetic attributes**. Medio Ambiente y Comportamiento Humano, 7(2), 115-133, 2006.

HOWARD, E. **Garden Cities of To-morrow**. Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1903.

ISIDORO, Ana Catarina Pereira. **Urbanismo táctico: desafios ao planeamento do território**. Universidade de Aveiro, 2017. ria.ua.pt, <https://ria.ua.pt/handle/10773/21687>.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **The Experience of Nature: A Psychological Perspective**. New York: Cambridge University Press, 1989.

KAPLAN, Stephen; TALBOT, Janet Frey. **Psychological Benefits of a Wilderness Experience**. Behavior And The Natural Environment, [S.L.], p. 163-203, 1983.

KOOLHAAS, R; MAU, B. S, M, L, XL: **Small, Medium, Large, Extra-Large**. 2.ed. Nova York: Monacelli Press, 1997.

KOROSEC, P. (Ed.). **L'appropriation de l'espace**. IAPC-3. Strasbourg-Louvain la Neuve: CIACO, 1976.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

LERNER, J. **Acupuntura Urbana**. São Paulo: Record, 2003.

LEWICKA, Maria. **Place attachment: how far have we come in the last 40 years?**. Journal Of Environmental Psychology, [S.L.], v. 31, n. 3, p. 207-230, set. 2011.

LIMA, A. M. L.P; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C.; SOUSA, M.A.L.B.; FIALHO, N. DEL

PICCHIA, P.C.D. **Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos**. In: Anais... II Congresso de Arborização Urbana. São Luis, MA, 1994. p. 539-553.

LIMA, A. M. L.P; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J.C.; SOUSA, M.A.L.B.; FIALHO, N. DEL LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. *Ambiência*, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2005.

LIMA, Cláudia Brandão Vieira. **Paralela em movimento: um estudo sobre a apropriação do espaço público do canteiro central da Avenida Luís Viana**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

LOW, S.M., ALTMAN, I. **Place Attachment**. In: Altman, I., Low, S.M. (eds) *Place Attachment. Human Behavior and Environment*, vol 12. Springer, Boston, MA, 1992.

LYDON, Mike. **Street Plans**. Disponível em: <<http://www.street-plans.com>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LYDON, Mike et al. **Tactical Urbanism: Short-term Action || Long-term Change**. Washington: Island Press, 2012

MACEDO, S. S. **Espaços livres**. *Paisagem e ambiente*, n. 7, p. 15–56, 1995.

MARTINS, Rudnei Joaquim; GONÇALVES, Teresinha Maria. **Apropriação do espaço na pré-escola segundo a psicologia ambiental**. *Psicologia & Sociedade*, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 622-631, dez. 2014

MAZZEI, K.; COLESANTI, M. T.; SANTOS, D. G. **Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer**. *Sociedade & Natureza*, v. 19, n. 1, 2007.

MELO, H. M. S., LOPES, W. G. R., & SAMPAIO, D. B. **Os Parques Urbanos na História da Cidade: percepção, afetividade, imagem e memória da paisagem**. *Revista Nacional De Gerenciamento De Cidades*, 5(32), 2017.

M'IKIUGU, M. M.; KINOSHITA, I.; TASHIRO, Y. **Urban Green Space Analysis and Identification of its Potential Expansion Areas**. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, Amsterdam, v. 35, n. 1, p. 449-58, dez. 2012.

MORIGI, J. de B. **Espaços públicos e territorialidades: um estudo de caso da Praça Silveira Martins em Bagé – Rio Grande do Sul**. *Formação (Online)*, v. 27, n. 50, p. 149-174, 2020.

MOSER, G. *Psicologia Ambiental*. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, pp. 121-130, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>. Acesso em: 23 Janeiro 2022.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. **Identidade de lugar**. *Tema básico em psicologia ambiental*, 1, p-215, jan, 2011.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. **O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 11, p. 143–151, ago. 2006.

NOGUEIRA, Pedro C. E.; PORTINARI, Denise B. **Urbanismo tático e a cidade neoliberal**. *Arcos Design*. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 9, nº2, p. 177-188, dezembro 2016.

NUCCI, J. C. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília, MSP. São Paulo. Humanitas, FFLCH/USP, 2001.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Ambient (outdoor) air pollution**. Geneva, WHO, 2021. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ambient-\(outdoor\)-air-quality-and-health](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ambient-(outdoor)-air-quality-and-health). Acesso em: 10, mar, 2022.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. 2018. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>> Acesso em 01/03/2022.

OPEN STREET MAPS (Aracaju). **Mapa local de Aracaju/SE**. [S. l.: s. n.], 2023. Fotografia aérea. Disponível em: <https://www.openstreetmap.org/#map=18/-11.00873/-37.08957>. Acesso em: 5 jun. 2023.

OSTERMANN, Frank O.; TIMPF, S. **Use and appropriation of space in urban public parks: gis methods in social geography**. Geographica Helvetica, [S.L.], v. 64, n. 1, p. 30-36, 2009.

PAIVA, L. Temos alternativa ao urbanismo neoliberal? Vitruvius, ed. 201.03, 2017. Minha cidade. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/17.201/6482>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PALMA-OLIVEIRA, J., e HERNANDEZ, B. **Novas Perspectivas da identidade de lugar**. In B. Fernandez-Ramirez, C. Hidalgo, C. Salvador, & M. Martos, *Psicologia ambiental 2011: entre os estudios urbanos y el análisis de la sustentabilidad*, p. 123-132.

PICCHIA, P.C.D. **Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos**. In: Anais... II Congresso de Arborização Urbana. São Luis, MA. p. 539-553, 1994.

PINHEIRO, Ricardo Lana; SILVA, Ana Paula Soares da. **Apropriação do espaço e psicologia histórico-cultural**: reflexões e apontamentos para possíveis aproximações. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 70, n. 3, p. 259-273, 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672018000300018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 nov. 2022.

PIPI, L. G. A.; LAUTERT, A. R. **Praças como espaços públicos relevantes**. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 1, p. 112-124, 14 maio 2019.

POL, Enric. **La apropiación del espacio**. In: IÑÍGUEZ, Lupicinio; POL, Enric (Orgs.). *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat, 1996.

POL, Enric. **El modelo dual de la apropiación del espacio**. In: *Psicología y Medio Ambiente. Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos*, 2002, p. 123-132.

PROSHANSKY, H.M.; FABIAN, A.K., & KAMINOFF, R. **Place-identity**. Psysical world socialization of the self. Journal of Environmental Psychology, 3, 57-83, 1983.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso (et al). **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: UFRJ, FAU, PROARQ, 2009.

RICHARDSON, Robert J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, M. L. **Microplanejamento: práticas urbanas criativas**. São Paulo: Editora de Cultura,

2011.

ROSANELI, Alessandro Filla; FRÓES, Ana Claudia Stangarlin; FURLAN, Débora Luiza Schumacher; GONÇALVES, Felipe Timmermann; SENGER, Sacha. **Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da praça tiradentes em Curitiba/pr. Urbe.** Revista Brasileira de Gestão Urbana, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 359-374, 22 ago. 2016.

SANTANA, E. P.; TÂNGARI, V. R. **Espaço arquitetônico x apropriação: estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro - Largo da Carioca e rua Uruguaiana .** Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 17, p. 7-39, 2003.

SANTOS, Emanuela Carla. **Territórios e territorialidades em praças de Aracaju/SE.** 2016. 133 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

SCHEUER, J. M.; NEVES, S. M. A. DA S. **Planejamento urbano, áreas verdes e qualidade de vida.** Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade, v. 11, n. 05, p. 74 - 89, 20 dez. 2016.

SCARANTO, S. C. L. **Experimentações Urbanas e Tentativas de Reapropriação na Praça Aída Bispo Sucupira, no Bairro Ponto Novo, Aracaju – SE.** Aracaju, 2019, 82p. Dissertação (Graduação em Arquitetura & Urbanismo). Unit Farolândia, Universidade Tiradentes.

SHIMIZU, H. **Como superar a crise das cidades.** Agência FAPESP, Barcelona, 8 jun, 2015. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/como-superar-a-crise-das-cidades/21280/>. Acesso em: 5 out, 2020.

SILVA, C.L. **Desenvolvimento sustentável: um conceito multidisciplinar.** In Silva, C.L., & Mendes, J.T.G. (Eds.), Reflexões Sobre o Desenvolvimento Sustentável: Agentes E Interações Sob A Ótica Multidisciplinar, p. 11-40, 2005.

SILVA, J. A. **Direito urbanístico brasileiro.** 7. ed. São Paulo: Malheiros, 2012.

SILVA, R. G. P. d., LIMA, C. L., & SAITO, C. H. **Espaços verdes urbanos: Revendo paradigmas.** Geosul, 35(74), 2020.

SILVEIRA, B. B. ; FELIPPE, M. L. ; SCHUTZ, N. T. . **Ambientes restauradores: conceitos e definições.** In: Bettieli Barboza da Silveira; Máira Longhinotti Felipe. (Org.). Ambientes restauradores: conceitos e pesquisas em contextos de saúde. 1ed.Florianópolis: UFSC, 2019, v. , p. 9-22.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. **A pesquisa científica.** In: GERHARDT, Tatiana E; SILVEIRA, Denise T.(Orgs.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SIMMEL, Georg. **“A metrópole e a vida mental”.** In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

TAVERNIA, B. G.; REED, J. M. **Spatial extent and habitat context influence the nature and strength of relationships between urbanization measures.** Landscape and Urban Planning, v. 92, n. 1, p. 47–52, 15 ago. 2009.

TAYLOR, L.; HOCHULI, D. F. **Defining greenspace: Multiple uses across multiple disciplines.** Landscape and Urban Planning, v. 158, p. 25–38, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

ULRICH, R. S. **Aesthetic and affective response to natural environment**. In I. Altman & J. F. Wohlwill (Orgs.), *Behavior and the Natural Environment* (Vol. 06, pp. 85-120). Nova Iorque: Plenum, 1983.

VIDAL, T., VALERA, S.. **Privacidad y territorialidad**. In J. I. Aragonés & M. Américo (Orgs.), *Psicologia Ambiental*. Madri: Pirâmide, 1998, p. 23-148.

VIEIRA, P. B. H. **Uma visão geográfica das áreas verdes de Florianópolis, SC: estudo de caso do Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG)**. Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso, Florianópolis, SC, 2004.

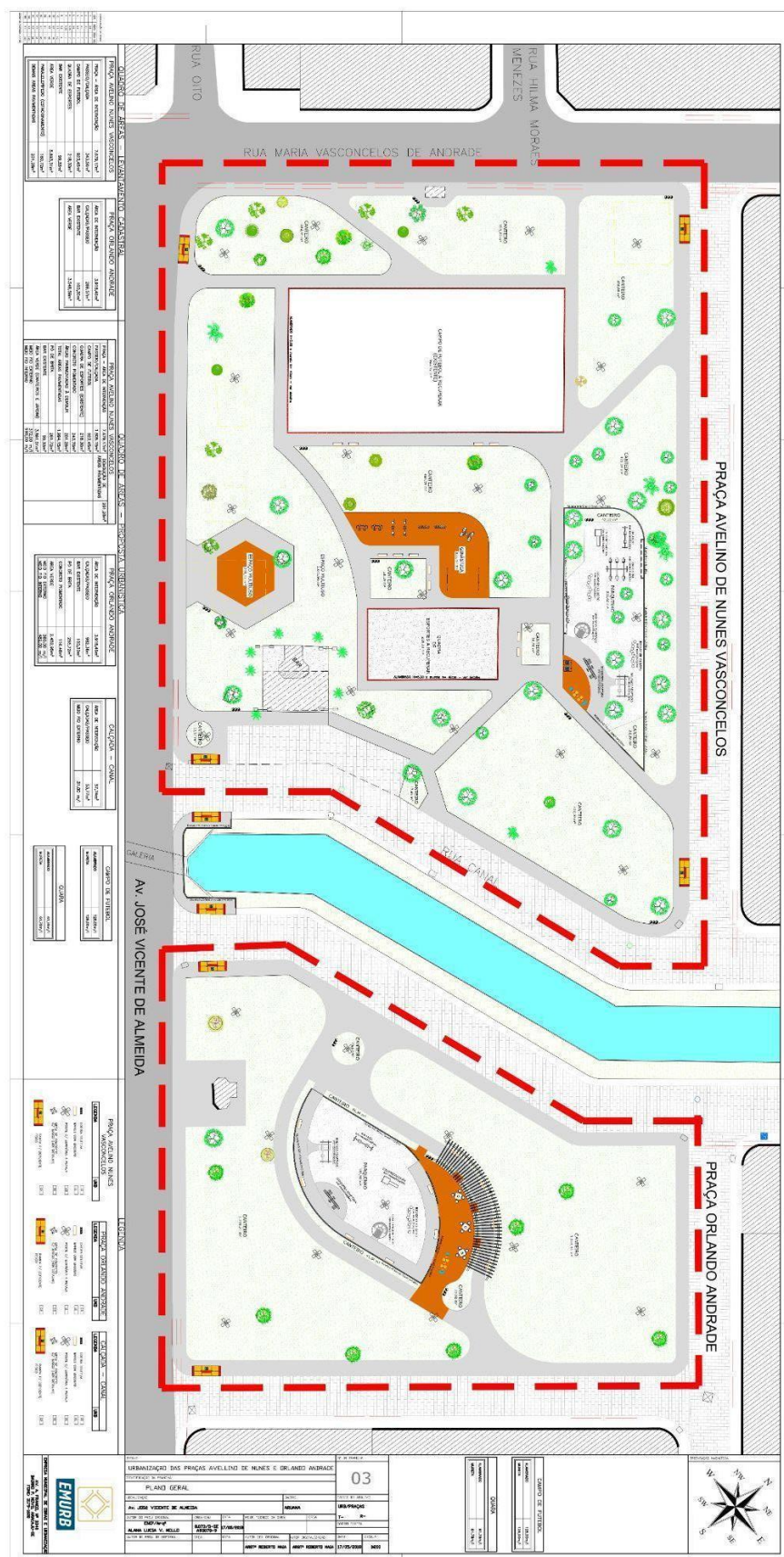
VILELLA-PETIT, M. **Espace approprié-espace appropriant**. In: KOROSEC-SERFATY, P. (org.). *Espace et cultures: recherches en ethnologie urbaine*. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1976. p. 219-226.

WIRTH, L. **“O urbanismo como modo de vida”**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 197.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZEISEL, J. (2006). **Inquiry by design: Environment/behavior/neuroscience in architecture, interiors, landscape, and planning**. W W Norton & Co.

ANEXO I - ARUANA PRAÇAS: PLANO GERAL



Fonte: Empresa Municipal de Obras e Urbanização (2018)

ANEXO II - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A AGÊNCIA POPULAR SOBRE OS ESPAÇOS VERDES URBANOS EM ARACAJU (SE): ESTUDO SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, MICROURBANISMO E PSICOLOGIA AMBIENTAL

Pesquisador: FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61305322.8.0000.5546

Instituição Proponente: Universidade Federal de Sergipe

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.768.938

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo "Informações Básicas da Pesquisa" (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1988786.pdf) e do "Projeto Detalhado / Brochura Investigador" (Projeto_Prodema_Francisco_Heber_05_10_2022.docx), postados em 05/10/2022.

Introdução

O ser humano possui interações peculiares com o espaço em que convive, desde as necessidades de alimento e moradia até a modificação de seus costumes e de personalidade. O ambiente age como palco para as ações do indivíduo/comunidade e está disponível a dialogar por meios físicos e psicológicos com suas paisagens e elementos materiais.

Os Espaços Verdes Urbanos (EVU) são agentes de regulação da "selva de concreto", seja na amenização da poluição sonora e do ar, quanto na criação de ambientes para contemplação e descanso físico e mental (M'IKIUGU, et al. 2012). Praças de bairro arborizadas são elementos fundamentais na malha urbana que, com o passar dos anos, conseguem criar uma relação próxima com aqueles que as utilizam.

Ao aplicar o conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS) nesses espaços, é necessário observar principalmente como a população interage com eles. A ação humana nos espaços verdes deve ser balanceada para alcançar uma relação positiva com o ambiente local, onde as necessidades da

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Telefone: (79)3194-7208

Município: ARACAJU

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

população local são saciadas e não comprometem o desenvolvimento futuro (JEZIORNY, 2012), sendo possível ao entender os elementos sociais, ambientais e econômicos do DS.

Com isto em mente, a intervenção na paisagem e nas funções dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) – especificamente praças públicas - já construídos na zona de expansão de Aracaju é realizada predominantemente pela comunidade local (em relação à ação pública) e apresenta, ou não, elementos que integram ações conectadas ao Desenvolvimento Sustentável. Os EVU, especialmente no bairro de Aruana, expressam uma multiplicidade de usos e intervenções aleatórias feitas pela população, comerciantes locais e transeuntes, que reconfiguram e transformam esses espaços.

Para a análise deste fenômeno, apresenta-se as contribuições da Psicologia Ambiental (PA) – estudo das relações entre pessoa-ambiente, da influência que o indivíduo/grupo possui no espaço e vice-versa – e de técnicas do urbanismo, o microubanismo – conjunto de práticas do urbanismo onde a prioridade é a interação do cidadão local com o ambiente em que vive e utiliza, estimulando a agência individual -, áreas relevantes para delimitar o escopo do projeto, permitindo a reflexão focada no ambiente e nos contextos em que o indivíduo ou coletividades são centrais em relação ao fenômeno ambiental e urbanístico a ser observado.

Desse modo, o objetivo a ser alcançado com esta pesquisa é: Compreender se as relações entre a comunidade local (moradores, comerciantes, transeuntes) e os espaços verdes urbanos (EVU) – praças públicas - na Zona de Expansão (Aracaju/SE) estão alinhadas com os três (03) pilares do desenvolvimento sustentável (DS).

Como objetivos específicos a pesquisa pretende:

1. Compreender a interrelação entre EVU e DS;
2. Analisar a relação entre a população local e os EVU selecionados na dimensão social - satisfação com as necessidades básicas (lazer, atividades físicas, espaço para socializar); Igualdade social na utilização do espaço; territorialização do espaço; identidade criada no ambiente;
3. Investigar a relação entre a população local e os EVU selecionados na dimensão ambiental - manutenção e intervenção na vegetação; modificação da paisagem; limpeza do ambiente;
4. Compreender a relação entre a população local e os EVU selecionados na dimensão econômica - atividades realizadas no espaço por comerciantes; ocupação do solo por comerciantes; tipos de produtos comercializados e seus resíduos;

A articulação temática elaborada nesta pesquisa pretende proporcionar uma nova perspectiva na compreensão de potencialidades de desenvolvimento e problemas verificados na manutenção de EVU. Ao estudar os EVU com foco no desenvolvimento sustentável através das lentes do

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

microurbanismo e psicologia ambiental (PA), este projeto pode contribuir com o desenvolvimento de novas pesquisas baseadas na relação estabelecida entre pessoa-ambiente. Pode ampliar a visibilidade sobre a agência coletiva em espaços públicos. Pode também contribuir com o desenho e execução de políticas públicas mais consistentes e aderentes à realidades locais específicas. Pode ainda proporcionar, através da divulgação dos seus resultados junto à coletividade envolvida, um processo de auto reflexão da mesma sobre sua forma de relação com os EVU envolvidos.

Tanto o microurbanismo quanto a Psicologia Ambiental (PA) possuem conceitos que auxiliarão na produção desta pesquisa, fornecendo categorias para focar nos 3 elementos dos pilares do desenvolvimento sustentável escolhidos.

Para explorar essas possibilidades de investigação, este projeto aborda um breve histórico do urbanismo recente, um debate sobre a definição dos EVU, sua articulação com o DS e as contribuições do microurbanismo e da psicologia ambiental. Em seguida, apresenta a metodologia e cronograma da pesquisa.

Hipótese:

a intervenção na paisagem e nas funções dos Espaços Verdes Urbanos (EVU) – especificamente praças públicas - já construídos na zona de expansão de Aracaju e realizada pela comunidade local apresenta, ou não, elementos que integram ações conectadas ao Desenvolvimento Sustentável. Os EVU, especialmente no bairro de Aruana, expressam uma multiplicidade de usos e intervenções aleatórias feitas pela população, comerciantes locais e transeuntes, que reconfiguram e transformam esses espaços.

Metodologia Proposta:

Essa pesquisa com tema de desenvolvimento sustentável em espaços públicos será caracterizada como exploratória já que busca uma maior compreensão sobre a temática em questão. Será também caracterizada como uma pesquisa qualitativa cujo interesse é a interpretação de fenômenos do ambiente social e sua atribuição de significados. Será um estudo de casos múltiplos, a ser estruturado a partir dos ambientes a serem estudados, levando em consideração os elementos pessoa (comunidade local) e ambiente (EVU).

Será uma pesquisa caracterizada como levantamento já que almeja alcançar um entendimento próximo dos indivíduos envolvidos (moradores locais, comerciantes formais e informais, transitantes) através de entrevistas e questionários aplicados. Utilizará também dados documentais e bibliográficos produzidos sobre as temáticas de interesse, especialmente dados relevantes sobre os espaços e comunidades estudadas durante o projeto em sites e arquivos públicos, municipais, de órgãos públicos.

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cep@academico.ufs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SERGIPE - UFS



Continuação do Parecer: 5.768.938

Indivíduos e coletividades serão selecionados e entrevistados pelo critério de acessibilidade que, segundo Gil (1999, pg 116), é o “tipo de amostragem em que o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”, considerando a proximidade às áreas de interesse e não dentro das áreas de interesse (praças selecionadas no estudo), sendo realizada de forma presencial. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, sendo manuseado, exclusivamente, pelo pesquisador responsável e orientadores mediante a coleta, tratamento e análise, visando assegurar a confidencialidade e a manutenção do sigilo e o anonimato de sua participação. Os resultados obtidos na pesquisa serão tornados públicos nos meios acadêmicos e científicos de forma sistematizada e consolidada sem qualquer identificação dos participantes de pesquisa.

Os entrevistados não serão identificados nominalmente no relatório de pesquisa, mas através de códigos E1, E2...(transeuntes); M1, M2...(moradores); C1, C2...(comerciantes). As informações serão armazenadas em arquivo word em computador pessoal do pesquisador. Os participantes serão abordados a partir de uma prévia apresentação da pesquisa e do pesquisador, bem como dos objetivos, metodologia e seus direitos enquanto entrevistado, além da explanação sobre o TCLE. O detalhamento da dinâmica pesquisador - entrevistado pode ser encontrado em anexo (ver APÊNDICE C).

A unidade de análise da pesquisa focaliza a relação entre os moradores locais, comerciantes locais e transeuntes com EVU selecionados na Zona de Expansão (Aracaju/SE). Os seguintes critérios nortearão a escolha dos elementos pessoa e ambiente e a Zona de Expansão (Aracaju/SE) foi eleita em função da existência destes critérios indicados abaixo:

- Seleção de praças com características de EVU, ou seja, praças urbanas majoritariamente cobertas por área verde;
- População que entreviu no ambiente físico dos EVU na sua vizinhança (ou local de transição), modificando a paisagem e a utilização do espaço;
- EVU que receberam intervenções no seu ambiente físico derivadas da população que mora, realiza comércio, transita pelo espaço;
- O uso dos espaços foi alterado/expandido com o passar do tempo;
- Os EVU e a população local devem ter um certo grau de similaridades físicas, sociais, ambientais e econômicas entre os estudos de caso a fim de permitir a comparação entre os casos.

Três (03) regiões serão selecionados pelos critérios indicados acima e que possuam características que possibilitem comparações entre si. Serão utilizados dados abertos disponíveis ao público em

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

geral nos sites da SEMA, ADEMA, EMURB (dados de domínio público) no levantamento de dados e informações para definição dos locais, além de dados obtidos no Google Earth. Indivíduos e coletividades serão selecionados considerando o critério da acessibilidade e proximidade das áreas de interesse selecionadas.

Metodologia de Análise de Dados:

será utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, almejando uma análise apropriada da troca de informações realizada com os entrevistados. Será realizada em três fases ordenadas segundo Bardin (2016) na seguinte ordem: pré-análise, sendo a organização e planejamento dos elementos a serem analisados, exploração do material, consistindo na compreensão e recorte dos materiais analisados, e tratamento dos resultados, tarefa realizada através da interpretação, moldando os resultados obtidos em informações consolidadas e relacionando-os com as bases teóricas da dissertação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender se as relações entre a comunidade local (moradores, comerciantes, transeuntes) e os espaços verdes urbanos (EVU) – praças públicas - na Zona de Expansão (Aracaju/SE) estão alinhadas com os três (03) pilares do desenvolvimento sustentável (DS).

Objetivo Secundário:

1. Compreender a interrelação entre EVU e DS;
2. Analisar a relação entre a população local e os EVU selecionados na dimensão social - satisfação com as necessidades básicas (lazer atividades físicas, espaço para socializar); Igualdade social na utilização do espaço; territorialização do espaço; identidade criada no ambiente;
3. Investigar a relação entre a população local e os EVU selecionados na dimensão ambiental - manutenção e intervenção na vegetação, modificação da paisagem; limpeza do ambiente;
4. Compreender a relação entre a população local e os EVU selecionados na dimensão econômica - atividades realizadas no espaço por comerciantes; ocupação do solo por comerciantes; tipos de produtos comercializados e seus resíduos;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

a participação neste estudo oferece riscos mínimos e transitórios, não obstante os cuidados do pesquisador, visto que os(as) participantes poderão se sentir desconfortáveis ou constrangidos em

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

expor suas percepções acerca do que lhes forem questionados, além da possibilidade de surgirem dúvidas ou interpretações equivocadas. Ainda que se busque assegurar o anonimato do participante, há o risco de ele ser identificado mediante a

identificação do local ou organização a que se está vinculado. Para atenuar essas situações, o pesquisador responsável assegurará a assistência necessária aos(as) participantes da pesquisa por meio de uma postura ética e profissional, os quais poderão solicitar o encerramento da entrevista a qualquer momento ou desistir de responder ao questionário sem qualquer ônus. Ressalta-se que as entrevistas individuais asseguram maior

conforto aos(as) participantes, resguardados de qualquer tipo de exposição. Ademais, um pré-teste do instrumento de coleta de dados será realizado para mitigar possíveis erros de interpretação e outros desconfortos.

Benefícios:

os(as) participantes de pesquisa poderão ser beneficiados com os resultados sistematizados sobre as relações entre a comunidade local e os espaços verdes urbanos na Zona de Expansão (Aracaju/SE). Esse conhecimento produzido pode contribuir para fomentar o desenvolvimento de estratégias para promover uma melhor articulação entre a comunidade local, os espaços verdes urbanos e o desenvolvimento sustentável. Além disso, outros benefícios incluem o conhecimento produzido que pode auxiliar no avanço das discussões teóricas e, de forma prática, no desenvolvimento de políticas públicas para a melhoria da gestão de espaços verdes urbanos na cidade de Aracaju.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Desenho:

Essa pesquisa será caracterizada como exploratória já que busca uma maior compreensão sobre a temática em questão. Será também caracterizada como uma pesquisa qualitativa cujo interesse é a interpretação de fenômenos do ambiente social e sua atribuição de significados. Será um estudo de casos múltiplos, a ser estruturado a partir dos espaços a serem estudados, levando em consideração os elementos pessoa (comunidade local) e ambiente (EVU).

Será uma pesquisa caracterizada como levantamento já que almeja alcançar um entendimento próximo dos indivíduos envolvidos (moradores locais, comerciantes formais e informais, transitantes) através de entrevistas e questionários aplicados. Utilizará também dados documentais e bibliográficos produzidos sobre as temáticas de interesse, especialmente dados relevantes sobre os espaços e comunidades estudadas durante o projeto em sites e arquivos públicos, municipais, de órgãos públicos.

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

A unidade de análise da pesquisa focaliza a relação entre os moradores locais, comerciantes locais e transeuntes com EVU selecionados na Zona de Expansão (Aracaju/SE). Os seguintes critérios nortearão a escolha dos elementos pessoa e ambiente e a Zona de Expansão (Aracaju/SE) foi eleita em função da existência destes critérios indicados abaixo:

- Seleção de praças com características de EVU, ou seja, praças urbanas majoritariamente cobertas por área verde;
- População que entreviu no ambiente físico dos EVU na sua vizinhança (ou local de transição), modificando a paisagem e a utilização do espaço;
- EVU que receberam intervenções no seu ambiente físico derivadas da população que mora, realiza comércio, transita pelo espaço;
- O uso dos espaços foi alterado/expandido com o passar do tempo;
- Os EVU e a população local devem ter um certo grau de similaridades físicas, sociais, ambientais e econômicas entre os estudos de caso a fim de permitir a comparação entre os casos.

Três (03) locais serão selecionados pelos critérios indicados acima e que possuam características que possibilitem comparações entre si.

Inicialmente, no levantamento de dados e informações para definição dos locais, serão utilizados os cadastros da Secretaria Municipal de Meio Ambiente/SEMA, ADEMA, EMURB e dados obtidos no Google Earth. Indivíduos e coletividades serão selecionados considerando o critério da acessibilidade e proximidade das áreas de interesse selecionadas pela pesquisa.

Desfecho Primário:

A articulação temática elaborada nesta pesquisa pretende proporcionar uma nova perspectiva na compreensão de potencialidades de desenvolvimento e problemas verificados na manutenção de EVU. Ao estudar os EVU com foco no desenvolvimento sustentável através das lentes do microurbanismo e psicologia ambiental (PA), este projeto pode contribuir com o desenvolvimento de novas pesquisas baseadas na relação estabelecida entre pessoa-ambiente. Pode ampliar a visibilidade sobre a agência coletiva em espaços públicos. Pode também contribuir com o desenho e execução de políticas públicas mais consistentes e aderentes à realidades locais específicas.

Pode ainda proporcionar, através da divulgação dos seus resultados junto à coletividade envolvida, um processo de auto reflexão da mesma sobre sua forma de relação com os EVU envolvidos.

Tamanho da Amostra no Brasil: 20

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações"

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do Protocolo de Pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa inicial.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1988786.pdf	05/10/2022 09:54:50		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	CARTA_RESPOSTA_AS_PENDENCIAS_CEP_UFS_FRANCISCO_HEBER.pdf	05/10/2022 09:52:24	FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Prodema_Francisco_Heber_05_10_2022.docx	05/10/2022 09:46:50	FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_UTILIZACAO_DE_DADOS_CEP_UFS.jpg	05/08/2022 17:39:34	FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_DE_ANUENCIA_E_EXISTENCIA_DE_INFRAESTRUTURA.pdf	05/08/2022 17:38:55	FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf	31/07/2022 10:17:49	FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	31/07/2022 10:09:34	FRANCISCO HEBER PEDREIRA DE FREITAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

CEP: 49.060-110

E-mail: cep@academico.ufs.br



Continuação do Parecer: 5.768.938

ARACAJU, 22 de Novembro de 2022

Assinado por:
FRANCISCO DE ASSIS PEREIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº
Bairro: Sanatório
UF: SE **Município:** ARACAJU
Telefone: (79)3194-7208 **CEP:** 49.060-110
E-mail: cep@academico.ufs.br

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **Apropriação de Espaços Verdes Urbanos: um Estudo Sobre a Relação Pessoa-Ambiente em Praças Públicas de Aracaju**, cujo objetivo geral é: Compreender se as relações entre a comunidade local (moradores, comerciantes) e os espaços verdes urbanos (EVU) – praças públicas - na Zona de Expansão (Aracaju/SE) estão alinhadas com os três (03) pilares do desenvolvimento sustentável (DS). Esta pesquisa será conduzida pelo mestrando Francisco Heber Pedreira de Freitas e orientada pelas docentes Dra. Zenith Nara Costa Delabrida e Dra. Carla Fernanda Barbosa Teixeira vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe (PRODEMA/UFSE).

Você foi selecionado(a), tendo em vista a sua atuação nos locais de interesse da pesquisa na cidade de Aracaju/SE, podendo contribuir diretamente com as informações necessárias ao atendimento do objetivo da pesquisa. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não lhe acarretará prejuízo de qualquer natureza.

A pesquisa consiste em um estudo qualitativo, descritivo e interpretativo e sua participação consistirá em conceder uma entrevista disponibilizando informações sobre sua atuação no local de interesse da pesquisa. A entrevista será conduzida, de forma presencial, pelo pesquisador responsável mediante um roteiro semiestruturado, com duração média de vinte a trinta minutos, a qual será gravada e, posteriormente, transcrita, conformando o material de análise. Além disso, será realizada pesquisa documental mediante a coleta de documentos e relatórios elaborados por instituições públicas e privadas vinculadas ao tema da pesquisa.

A seleção dos participantes da pesquisa será mediante a sua atuação e vínculos com as áreas selecionadas na pesquisa conforme os critérios estabelecidos na seção metodológica. Para

abordar os participantes, será feita uma identificação na fase de observação e, posteriormente, será feito contato presencial com aqueles que serão incluídos na pesquisa. Os participantes serão abordados a partir de uma prévia apresentação da pesquisa e do pesquisador, bem como dos objetivos, metodologia e seus direitos enquanto entrevistado, além da explanação sobre o TCLE.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, sendo manuseados, exclusivamente, pelo pesquisador responsável e orientadores mediante a coleta, tratamento e análise, visando assegurar a confidencialidade e a manutenção do sigilo e o anonimato de sua participação. Os áudios e vídeos serão de uso exclusivo da pesquisa e não serão divulgados em hipótese alguma.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos na pesquisa de forma sistematizada e consolidada sem qualquer identificação dos participantes de pesquisa. Desse modo, as informações serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e com a finalidade de construção e socialização do conhecimento produzido acerca dos Programas de Pós-graduação estudados.

Quanto aos riscos relacionados, esclarece-se que sua participação neste estudo oferece riscos mínimos e transitórios, não obstante os cuidados do pesquisador, visto que os(as) participantes poderão se sentir desconfortáveis ou constrangidos em expor suas percepções acerca do que lhes forem questionados, além da possibilidade de surgirem dúvidas ou interpretações equivocadas. Ainda que se busque assegurar o anonimato do participante, há o risco de ele ser identificado mediante a identificação do local ou organização a que se está vinculado. Para atenuar essas situações, o pesquisador responsável assegurará a assistência necessária aos(às) participantes da pesquisa por meio de uma postura ética e profissional, os quais poderão solicitar o encerramento da entrevista a qualquer momento ou desistir de responder ao questionário sem qualquer ônus. Ressalta-se que as entrevistas individuais asseguram maior conforto aos(às) participantes, resguardados de qualquer tipo de exposição. Ademais, um pré- teste do instrumento de coleta de dados será realizado para mitigar possíveis erros de interpretação e outros desconfortos.

É válido esclarecer que os participantes de pesquisa poderão ser beneficiados com os resultados sistematizados sobre as relações entre a comunidade local e os espaços verdes urbanos na Zona de Expansão (Aracaju/SE). Esse conhecimento produzido pode contribuir para fomentar o desenvolvimento de estratégias para promover uma melhor articulação entre a comunidade local, os espaços verdes urbanos e o desenvolvimento sustentável. Além disso,

outros benefícios incluem o conhecimento produzido que pode auxiliar no avanço das discussões teóricas e, de forma prática, no desenvolvimento de políticas públicas para a melhoria da gestão de espaços verdes urbanos na cidade de Aracaju.

No tocante à indenização, não há danos previsíveis resultantes desta pesquisa, entretanto, fica prevista a indenização, caso se faça necessário.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste termo e rubrique todas as páginas no local indicado, em duas vias originais, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável pela pesquisa, que também as assinará e rubricará.

Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e das suas orientadoras, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Identificação dos responsáveis pela pesquisa:

- Francisco Heber Pedreira de Freitas (pesquisador responsável)

E-mail: francisco.hpf2@gmail.com

Telefone: (79) 99959-1596

- Dra Zenith Nara Costa Delabrida (docente do PRODEMA/UFS e orientadora)

E-mail: zenith@academico.ufs.br

- Dra Carla Fernanda Barbosa Teixeira (docente da UFS e coorientadora)

E-mail: cafbt@yahoo.com.br

Endereço Institucional

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA/UFS
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos Av. Marechal Rondon, s/n, Bairro Jardim Rosa Elze São Cristóvão – SE – CEP 49100-000

Caso o(a) participante não se sinta esclarecido, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com humanos da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por meio do telefone (79) 3194-7208, através do e-mail cep@academico.ufs.br ou no endereço: Campus da Saúde Prof. João Cardoso Nascimento JR – Prédio do Centro de Pesquisas

Biomédicas – Rua Cláudio Batista, s/n – Bairro Sanatório – Aracaju/SE.

É importante salientar que: “Os CEP [Comitês de Ética em Pesquisa] são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (Resolução CNS nº 466/2012, VII. 2).

Eu, _____, declaro que compreendi os objetivos, riscos e benefícios associados a minha participação voluntária na pesquisa. Fui devidamente orientado(a) pelo pesquisador Francisco Heber Pedreira de Freitas sobre a pesquisa, objetivos, procedimentos, bem como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Concordo que os dados coletados sejam utilizados para os propósitos descritos neste termo e estou ciente que o sigilo e anonimato dos meus dados serão assegurados. Fui informado(a) que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso me acarrete qualquer penalidade.

São Cristóvão/SE, ____ de ____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

APÊNDICE II – Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças

a) Modelo da Matriz Quali-Quantitativa

Praça:				Data:	
Avaliador:				Área (m²):	
EQUIPAMENTOS PRESENTES					
Bancos	Lixeiras	Calçada	Iluminação	P. de Ônibus:	
☐ Ausente Sombreados: _____ Ñ Sombreados: _____ Total: _____ Estado de conservação: ☐ Péssimo ☐ Regular ☐ Bom ☐ Ótimo	☐ Ausente Total: _____ Estado de conservação: ☐ Péssimo ☐ Regular ☐ Bom ☐ Ótimo	☐ Ausente Estado de conservação: ☐ Péssimo ☐ Regular ☐ Bom ☐ Ótimo	☐ Ausente Total: _____ Tipo: Acima das árvores _____ No nível das árvores _____	☐ Ausente ☐ Presente	
				Comércio:	
				☐ Ausente ☐ Presente	
				Estacionamento:	
				☐ Ausente ☐ Presente	
				Espaço para Lazer:	
				☐ Ausente ☐ Quadra ☐ Parque infantil ☐ Outro: _____	
EVENTOS			ESPAÇO VERDE		
☐ Feira comercial ☐ Outro: _____ Obs:			Vegetação	Limpeza:	
			Total de Árvores: _____ Total de Arbustos: _____ Obs:	☐ Resíduos sólidos Total: _____	

		Obs:
Observação:		

Fonte: Adaptado de Santos (2016)

b) Praça Avelino Nunes Vasconcelos

Praça 01: Avelino Nunes Vasconcelos				Data: 18/02/2023
Avaliador: Francisco Heber Pedreira de Freitas				Área (m²): 7.679
EQUIPAMENTOS PRESENTES				
Bancos	Lixeiras	Calçada	Iluminação	P. de Ônibus:
☒ Ausente Sombreados: _____ Ñ Sombreados: _____ Total: _____ Estado de conservação: _____ ☐ Péssimo ☐ Ruim ☐ Regular ☐ Bom	☒ Ausente Total: _____ Estado de conservação: _____ ☐ Péssimo ☐ Ruim ☐ Regular ☐ Bom	☐ Ausente Estado de conservação: _____ ☒ Péssimo ☐ Ruim ☐ Regular ☐ Bom	☐ Ausente Total: 02 Tipo: _____ Acima das árvores 02 Obs: _____ -Apenas 2 postes seguindo a avenida principal na periferia da praça; -Maior parte da iluminação advinda do comércio interno e de iluminação de outros lotes.	☐ Ausente ☒ Presente Comércio: ☐ Ausente ☒ Presente Estacionamento: ☐ Ausente ☒ Presente Espaço para Lazer: ☐ Ausente ☐ Quadra ☐ Parque infantil ☒ Outro: Pista de skate
EVENTOS			ESPAÇO VERDE	

☐ Feira comercial ☐ Outro: _____ Obs:	Vegetação:	Limpeza:
	Total de Árvores: 37 Total de Arbustos: 15 Obs: Provavelmente parte dos arbustos foram plantados para delimitar área dos comércios internos da praça	☒ Resíduos sólidos Total: Variável Obs: Possivelmente ocorre algum tipo de coleta de lixo, preciso perguntar
Observação: -Existem diversos espaços destinados à comércio nesta praça durante a semana, tanto vendas independentes quanto extensões de comércios de outros lotes; -O problema da ausência de equipamentos como bancos e lixeiras é amenizada pelos comerciantes ao trazerem esses elementos para seus espaços; -As calçadas estão destruídas, contendo apenas alguns trechos intactas; -A pista de skate está mal conservada; -Há um espaço de estacionamento na periferia da praça, porém, mesmo assim parte do espaço interno da praça é utilizado como estacionamento de veículos durante dias de feira; -Existem bases de concreto onde alguns comerciantes usam para instalar seus equipamentos, provavelmente sendo uma alteração realizada pelos mesmos;		

c) Praça Orlando Andrade de Gois

Praça 02: Orlando Andrade de Gois				Data: 18/02/2023
Avaliador: Francisco Heber Pedreira de Freitas				Área (m²): 3.918
EQUIPAMENTOS PRESENTES				
Bancos	Lixeiras	Calçada	Iluminação	P. de Ônibus:
☒ Ausente Sombreados: _____ Ñ Sombreados: _____ Total: _____	☒ Ausente Total: _____ Estado de conservação: ☒ Péssimo ☐ Ruim	☐ Ausente Estado de conservação: ☒ Péssimo ☐ Ruim	☒ Ausente Total: _____ Tipo: Acima das árvores _____ No nível das árvores _____	☒ Ausente ☐ Presente Comércio: ☐ Ausente ☒ Presente

Estado de conservação:	☐ Ruim ☐ Regular ☐ Bom	☐ Regular ☐ Bom		Estacionamento: ☐ Ausente ☒ Presente
☐ Péssimo ☐ Regular ☐ Bom ☐ Ótimo				Espaço para Lazer: ☒ Ausente ☐ Quadra ☐ Parque infantil ☐ Outro: _____
EVENTOS			ESPAÇO VERDE	
☒ Feira comercial ☐ Outro: _____ Obs: -Feira informal que ocorre nos dias de Sexta-feira; -Ocupa a rua do canal entre as praças 01 e 02;			Vegetação Total de Árvores: 11 Total de Arbustos: 0 Obs: -Árvores presentes em sua periferia, o centro da praça tem grama desgastada por ser utilizado para estacionamento.	Limpeza: ☒ Resíduos sólidos Total: Variável Obs: -Muito lixo é gerado durante dias de feira -Possivelmente ocorre algum tipo de coleta de lixo, preciso perguntar
Observação: -Grande parte de sua área interna é utilizada para estacionamento de veículos durante as feiras; -Praça menos ocupada durante a semana; -Nenhum uso em grande parte da praça, possui apenas pequenos quiosques e hamburgueria				

d) Pracinha do Parque

Praça 03: Pracinha do Parque				Data: 19/02/2023
Avaliador: Francisco Heber Pedreira de Freitas				Área (m²): 6.069
EQUIPAMENTOS PRESENTES				
Bancos	Lixeiras	Calçada	Iluminação	P. de Ônibus: ☐ Ausente ☒ Presente
☐ Ausente Sombreados: 04 Ñ Sombreados: 05 Total: 09 Estado de conservação: ☒ Péssimo ☐ Ruim ☐ Regular ☐ Bom	☒ Ausente Total: ____ Estado de conservação: ☐ Péssimo ☐ Ruim ☐ Regular ☐ Bom	☐ Ausente Estado de conservação: ☐ Péssimo ☐ Ruim ☐ Regular ☒ Bom	☐ Ausente Total: 17* Tipo: Acima das árvores 17 No nível das árvores ____ Obs: -4 postes (holofotes) dedicados à quadra de futebol -8 postes com iluminação 360° -Boa cobertura do espaço interno da praça	Comércio: ☒ Ausente ☐ Presente Estacionamento: ☒ Ausente ☐ Presente Espaço para Lazer: ☐ Ausente ☒ Quadra ☒ Parque infantil ☐ Outro: _____
EVENTOS			ESPAÇO VERDE	
☐ Feira comercial ☐ Outro: _____ Obs:			Vegetação Total de Árvores: 59 Total de Arbustos: 18 Obs: -Muitas das plantas aparentam estar em estado de crescimento	Limpeza: ☒ Resíduos sólidos Total: 2 Obs: -Sacos plásticos, provavelmente originado da feira ou dos comércios locais

	-Boa diversidade de espécies	
Observação: -É uma praça usada para entretenimento e prática de exercícios físicos durante toda a semana, porém possui maior movimento durante dias de feira (Sexta-feira) -Há um pequeno “monumento”, provavelmente criado por um dos moradores por necessidades religiosas -Os equipamentos bancos e parque infantil estão em mau estados, com seus materiais (concreto, madeira e ferro) necessitando manutenção -Vendo no Google Maps em 2011, havia lixeiras nesta praça no passado		

APÊNDICE III – Roteiro de Entrevista para Moradores

Praça:

Perfil do morador:

Sexo: Idade:

Escolaridade: Ocupação:

Motivo de utilização da praça:

Forma de transporte até a praça:

Frequência de visita:

1. Que atividades são realizadas nas praças? De quais você participa?
2. Você percebeu com o tempo mudanças realizadas nas praças? Quais?
3. O que você gosta e desgosta desta praça?
4. Se você pudesse, como você desenharia a praça? De que forma?
5. Quanto às mudanças que aconteceram nas praças (equipamentos, comércio, ocupação do espaço), qual sua opinião?
6. Quanto à existência de comércios ao redor das praças, você os considera como pontos positivos ou negativos para elas?
7. Qual sua opinião quanto à qualidade do **espaço natural** das praças (plantas e água)? Você mudaria alguma coisa?
8. Você acha que as atividades que acontecem na praça afetam o espaço natural ao redor delas positivamente e/ou negativamente?
9. Dá para perceber algum grau de cuidado que as pessoas têm com o espaço natural das praças? (ex: limpeza, plantio)
10. Você acha que a praça influencia na sua escolha de permanecer na vizinhança?

APÊNDICE IV – Roteiro de Entrevista para Comerciantes

Praça:

Perfil do morador:

Sexo: Idade:

Escolaridade: Ocupação:

Motivo de utilização da praça:

Forma de transporte até a praça:

Frequência de uso:

1. Por que você decidiu vender seus produtos ou serviços aqui?
2. Você percebeu com o tempo mudanças realizadas nas praças? Quais?
3. Se você pudesse, como você desenharia a praça em uma visão de vendedor? De que forma?
4. Como você acha que o comércio transforma as praças?
5. Você acha que a praça influencia na sua escolha de vender seus produtos nesta vizinhança?
6. Você acha que as atividades que acontecem na praça afetam o espaço verde ao redor delas (negativamente e/ou positivamente)?

APÊNDICE V - Resumo das Entrevistas – Moradores

Entrevistado(a)/ Sexo	Atividades nas praças	Percepção de mudanças nas praças	O que gosta/ desgosta	Como desenharia o futuro das praças	Opinião sobre mudanças/impactos das mudanças	Pontos positivos/negativos do comércio nas praças	Qualidade do espaço natural	Opinião sobre cuidados com as praças	Influência das praças na escolha do local de moradia
1 (M)	Lanche/compras	Crescimento do comércio	Comércio e lazer/lixo	Melhorar limpeza e organização	Positiva e negativa	Proximidade e diversidade/desordem do espaço e lixo	Boa/aumentar a cobertura com gramado	Sim/há o plantio de vegetação	Sim
2 (M)	Lanche/compras	Crescimento do comércio	Lazer/estruturas comerciais e concreto	Aumentar cobertura vegetal	negativa	comércio móvel/comércio fixo	Boa/ mais árvores no centro da praça	Não/pichações	Não
3 (F)	Caminhada	Crescimento do comércio	Local para esporte/equipamentos de lazer degradados	Equipamentos de ginástica	positiva	(praças vizinhas) Proximidade e diversidade/lixo	Boa/melhorar cuidado e podas na grama	Sim/plantio	Sim
4 (F)	Caminhada	Crescimento do comércio	Espaços de lazer e encontros/ falta cuidado dos equipamentos	Mais cuidado com a natureza	positiva	(praças vizinhas) Proximidade e ponto de encontro/lixo	Boa/mais árvores próximas ao campo de futebol	Não/quebra de equipamentos	Sim
5 (F)	Compras	Crescimento do comércio	Proximidade da feira ao local de moradia/lixo	Melhorar limpeza; melhorar estrutura	positiva	Proximidade e qualidade da oferta/limpeza	Ruim/mais árvores e limitar estacionamento	Não/limpeza	Não

							o		
6 (M)	Caminhada	Crescimento do comércio	Espaços de encontro e lazer e esporte/ Limpeza da área	Melhoria dos equipamentos de lazer	positiva	(praças vizinhas) Proximidade e ponto de encontro/lixo	Boa/mais árvores no local dos equipamentos de lazer	Sim/plantio de árvores	Não
7 (F)	Lanche/compras	Crescimento do comércio	Comércio existente/lixo	Aumentar equipamentos de lazer e ginástica	positiva	Proximidade/lixo	Boa/não mudaria nada	Sim/lixo e iluminação instaladas pelos comerciantes	Sim
8 (M)	Lanche/compras	Crescimento do comércio	Comércio existente, ponto de encontro com amigos/limpeza da área	Melhorar limpeza; aumentar cobertura vegetal	Positiva e negativa	Proximidade e diversidade/lixo	Ruim/ plantar mais árvores	Não/limpeza	Não

APÊNDICE VI - Resumo das Entrevistas – Comerciantes

Entrevistado(a)/ Sexo	Por que vende produtos na praça	Percepção de mudanças nas praças	Como desenharia o futuro das praças	Opinião sobre impacto do comércio	Praça influencia na escolha do seu local de venda?	Atividades na praça afetam o espaço verde?
1 (M)	Aglomeração de pessoas e proximidade da sua residência	Crescimento do comércio e aumento do número de pessoas	Melhorar limpeza pública de vias e canais	positiva	Sim, ponto de encontro e reunião de pessoas	Os comerciantes cuidam da praça e do plantio
2 (M)	Aglomeração de pessoas e proximidade da sua residência	Crescimento do comércio e aumento do número de pessoas	Melhorar iluminação	positiva	Sim, espaço agradável e com muitas pessoas circulando	O espaço melhorou muito com o plantio de árvores por moradores e comerciantes
3 (M)	Aglomeração de pessoas e proximidade da sua residência	Crescimento do comércio e aumento do número de pessoas	Melhorar cuidado com o espaço verde	positiva	Sim, circulação intensa de pessoas	Os comerciantes cuidam da praça, mas tem impacto no meio dela pelos carros
4 (M)	Aglomeração de pessoas e proximidade da sua residência	Crescimento do comércio e aumento do número de pessoas	Melhorar limpeza pública de vias e canais	positiva	Sim, grande número de pessoas em grande parte dos dias de semana	Os comerciantes cuidam da praça
5 (M)	Realização de feira no local	Crescimento do comércio na região	Melhorar segurança no local	positiva	Sim, boa organização da feira e público muito bom	Tem o lixo, mas a prefeitura faz a limpeza do espaço
6 (M)	Aglomeração de pessoas e	Crescimento do comércio e	Melhorar equipamentos de	positiva	Sim, é um point tradicional para	Mais ou menos, teve o plantio de plantas, mas

	proximidade da sua residência	aumento do número de pessoas	apoio aos comerciantes (bancos, mesas, calçadas)		encontros, refeições e compras	a presença de carros atrapalha a grama no meio da praça
7 (M)	Realização de feira no local	Crescimento do comércio na região	Organizar estacionamento para clientes	positiva	Sim, boa circulação e acesso de clientes	A feira não atrapalha o espaço verde, ela traz uso para a praça